

NEIVA SALETE KERN MACCARI

**MIGRAÇÃO E MEMÓRIAS:  
A COLONIZAÇÃO DO OESTE PARANAENSE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

CURITIBA

1999



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

**185 - Ata da sessão pública de arguição de Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História.** Aos treze dias do mês de setembro de um mil novecentos e noventa e nove, às quatorze horas, na sala 612, no 6º andar do Edifício D. Pedro I, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da candidata **Neiva Salete Kern Maccari** em relação a sua Dissertação intitulada **Migração e Memórias: a colonização do oeste paranaense**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelos seguintes professores: Dr. Luiz Carlos Ribeiro (UFPR), Dr. Valdir Gregorij (Unioeste), Drª Márcia Teresinha D. Siqueira (UFPR) sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral da candidata sobre o estudo desenvolvido. Logo após, o Senhor Presidente dos trabalhos, concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, o Senhor Presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela ~~APROVAÇÃO~~ da candidata, atribuindo-lhe o conceito final “A...”. Finalmente, o Senhor Presidente declarou ~~APROVADA~~ a candidata que recebeu o título de **Mestre em História**. Nada mais havendo a tratar o Senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual, eu, Luci Moreira Baena, secretária, lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Luci Moreira Baena

Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro

Prof. Dr. Valdir Gregorij

Prof. Drª. Márcia Teresinha D. Siqueira

## **Dedico**

De maneira muito especial para meus filhos: Emanoele e Emanuel Ricardo;

Para meus pais Valdir e Talia, minha avó Edi e meus irmãos Vera Lucia, Pedro Lauri e Maurício Ricardo;

A todos eles sou grata pelo carinho e apoio durante a realização deste trabalho e principalmente pela compreensão das minhas constantes ausências.

## **Agradecimentos**

Se em todo o trabalho de pesquisa há o risco de falha pelas lacunas deixadas, no momento de agradecer aos que tornaram possível sua realização, de maneira direta ou indireta, o risco é ainda maior. Na tentativa de evitar que tal falha ocorra, segue esta pequena lista:

À CAPES, pelo auxílio financeiro, que tornou possível a realização do Mestrado;

Aos professores do curso de Mestrado em História da Universidade Federal do Paraná;

Ao corpo docente do Departamento de História da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon, que me incentivaram durante a pesquisa;

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE;

Aos meus informantes, cujas entrevistas foram fundamentais porque através delas compartilharam seu tempo e suas memórias;

Cabe-me agradecer a constante ajuda solícita dos amigos Claércio, Ilse, Ivone, Marli, Marcos, Cláides, Robi;

Aos professores Valdir Gregory e Francisco César Alves Ferraz pelo constante auxílio;

À Marlise, pela amizade e o aconchego do teto quando da minha estadia em Curitiba;

À Paulo Cezar Konzen, pela leitura rigorosa e crítica que contribuiu com sugestões imprescindíveis para a elaboração do texto final;

À Lia Dorotéa GÜths e Norma Petry pela ajuda na elaboração do material cartográfico do trabalho;

A Marcia Elisa Sbaraini Leitzke pela revisão;

A Direção e Colegas Professores da Escola Estadual Quatro Pontes;

Aos boêmios freqüentadores do bar "Capelinha", em especial ao professor Silvio Galvão de Queirós (*in memorian*) que entre um e outro copo de cerveja contribuiu com discussões e sugestões profícuas;

Ao professor Dr. Luiz Carlos Ribeiro, pela constante atenção e incentivo, além dos caminhos apontados e de sua inegável capacidade quando dos trabalhos de orientação, que não apenas contribuíram, mas, acima de tudo, transcendem o que ora é apresentado.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE MAPAS, GRÁFICOS E FIGURAS .....</b>	<b>vii</b>
<b>LISTA DE QUADROS .....</b>	<b>viii</b>
<b>LISTA DE FOTOGRAFIAS.....</b>	<b>ix</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS .....</b>	<b>x</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>xi</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>xii</b>
<b>ZUSAMMENFASSUNG.....</b>	<b>xii</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - MEMÓRIAS.....</b>	<b>9</b>
1.1 ANÁLISE DAS FONTES.....	20
1.2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	28
<b>CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA DE MIGRANTES: A TRAJETÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.....</b>	<b>39</b>
2.1 MOTIVOS DA VINDA.....	41
2.2 COMPANHIA COLONIZADORA.....	58

2.3 ADVERSIDADES .....	73
2.3.1 Desmatamento.....	74
2.3.2 Meios de transporte .....	79
2.3.3 Alimentação .....	87
2.3.4 Assistência médica hospitalar.....	92
2.4 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE .....	99
2.4.1 Escola .....	100
2.4.2 Empório.....	117
2.4.3 Igreja.....	122
2.4.4 Cinema.....	128
2.4.5 Momentos de lazer.....	133
<b>CAPÍTULO 3 – DISCURSOS E PRÁTICAS NO PROGRAMA DE</b>	
<b>COLONIZAÇÃO.....</b>	<b>149</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>181</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>188</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>192</b>

## **LISTA DE MAPAS, GRÁFICOS E FIGURAS**

MAPA 1 – Localização do Município de Marechal Cândido Rondon.....	29
MAPA 2 – Divisão e Limites do Município de Marechal Cândido Rondon.....	35
MAPA 3 - Plano Urbano de General Rondon .....	112
GRÁFICO 1 – Temas mais recorrentes nas entrevistas realizadas com os migrantes.....	24
FIGURA 1 – Vista Geral da Vila General Rondon, 1958 (antiga Zona Bonita). .....	114
FIGURA 2 – Espaços de Sociabilidade de General Rondon em 1958 .....	116

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – População de Zona Bonita (Mal. C. Rondon) em 1950.....	33
QUADRO 2 – População de General Rondon e Toledo em 1956. ....	33
QUADRO 3 – População e Área do Município de Mal. Cândido Rondon (1960-1996).....	34
QUADRO 4 – Estados de origem da população de Mal. Cândido Rondon (1983) ...	36

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1 – Grupo de Migrantes a fixar Residência na Zona Urbana de M.C. Rondon.....	32
FOTO 2 – Filhos de famílias de imigrantes (1953).....	50
FOTO 3 – Famílias de migrantes: preparativos para a viagem (1951).....	65
FOTO 4 – Imagens do desmatamento realizado no período de colonização (1952).....	78
FOTO 5 – Bicicletas: meio de transporte mais apropriado para a região (1950).....	80
FOTO 6 – Precariedade das estradas.....	84
FOTO 7 – Produto de Pescaria Realizada no Rio Paraná (1953).....	89
FOTO 8 – O improvisado na construção das moradias (1958).....	98
FOTO 9 – Estabelecimento escolar em General Rondon (1950).....	107
FOTO 10 – Empório Toledo e Hotel Avenida (1958).....	119
FOTO 11 – Primeira Igreja Evangélica de Confissão Luterana em General Rondon (1953).....	124
FOTO 12 – Meio de transporte que realizava a divulgação dos filmes (1950).....	130
FOTO 13 – Natal em família na fase de colonização (1952).....	135
FOTO 14 – Leilão da boneca da Festa de Kerb.....	143
FOTO 15 – Marechal Cândido Rondon – 1999.....	146

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEPEDAL – Centro de Estudos, Pesquisas e Documentação da América Latina.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MARIPÁ – Companhia Colonizadora e Madeireira Rio Paraná S.A.

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

INCRA – Instituto de Colonização e Reforma Agrária

## **RESUMO**

No presente trabalho é apresentada a análise do processo colonizatório do município de Marechal Cândido Rondon, delimitada no período de 1940 a 1970. Para desenvolver esta análise, adotamos como metodologia fundamental a fonte oral e, deste modo, no decorrer do trabalho ocorre o diálogo com as pessoas que tiveram participação efetiva neste processo, sendo que seus relatos carregam a força de um produto de elaboração que este grupo de migrantes faz de suas vidas. O estudo destaca ainda a atuação da Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – MARIPÁ, empresa privada responsável pela implantação dos núcleos de colonização na região Oeste do Paraná. Nos discursos destes agentes estão registradas as especificidades que guardam informações relevantes para a compreensão deste momento fundamental da história da reestruturação do território brasileiro.

## **ABSTRACT**

In the present work the analysis of the process colonizatório of the municipal district of Marechal Cândido Rondon is presented, defined in the period from 1940 to 1970. To develop this analysis, it was adopted as fundamental methodology the oral source and, this way, in elapsing of the work it happens the dialogue with the people that had effective participation in this process, and its reports carry by force of an elaboration product that this group of migrants does of its lives. The study still highlights the performance of the Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – MARIPÁ, responsible private company for the implantação of the colonization nuclei in the area West of Paraná. In the these agents' speeches are registered the especificidades that you/they keep important information for the understanding of this fundamental moment of the history of the restructuring of the Brazilian territory.

## ZUSAMMENFASSUNG

In der gegenwärtigen Arbeit wird die Analyse vom Prozeß-colonizatório vom städtischen Gebiet von Marechal Cândido Rondon präsentiert, definierte in der Periode von 1940 bis 1970. Um diese Analyse zu entwickeln, wurde es als wesentliche Methodik die mündliche Quelle adoptiert und, dieser Weg, im Vergehen von der Arbeit es passiert der Dialog mit den Leuten, die wirksame Teilnahme in diesem Prozeß hatten, und seine Berichte tragen durch ein Ausfeilung-Produkt, das diese Gruppe von Wanderern von seinen Leben macht. Das Studium hebt die Aufführung der Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – MARIPÁ, verantwortliche private Gesellschaft für den implantação des Kolonialisierung-nuclei im Gebiet West von Paraná. Ins diese die Reden Agenten werden den especificidades registriert, den you/they wichtigen Informationen für das Verständnis von diesem wesentlichen Moment von der Geschichte von der Umstrukturierung des brasilianischen Territoriums leisten.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema o processo histórico da colonização do Município de Marechal Cândido Rondon, na conjuntura dos anos de 1940-1970.

A área que compreende o atual município de Marechal Cândido Rondon, localizado no Extremo Oeste do Paraná, na fronteira do Brasil com o Paraguai, foi, na década de 1950, colonizada pela *Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. - MARIPÁ*<sup>1</sup>, com uma área que, a princípio, compreendia 1.206 km<sup>2</sup>, dos quais, 10,56 km<sup>2</sup> correspondiam à área urbana e 1.195,44 km<sup>2</sup> correspondiam à área rural.

Atualmente, com os desmembramentos e subdivisões dos municípios de Quatro Pontes, Mercedes, Pato Bragado e Entre Rios, e os 17% do total da área que foram inundados pelas águas da represa da Usina Hidrelétrica de Itaipu, o município possui 575,48 km<sup>2</sup>, com população urbana correspondente a 30.974 habitantes e população rural de 15.487, perfazendo um total de 46.461 habitantes. Deste total, a maioria (87%) são descendentes de alemães<sup>2</sup>. O nome do município é uma homenagem ao desbravador Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que no ano de 1924 passou por esta região<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, daqui por diante, esta empresa colonizadora será denominada apenas por sua sigla, ou seja, MARIPÁ.

<sup>2</sup> Dados extraídos do panfleto de divulgação da Festa Nacional do Boi no Rolete (1998), evento comemorativo da passagem de 38 anos de emancipação político-administrativa do município.

<sup>3</sup> PAWELKE. J. *Ficando Rico no Oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon, 1970, p.24.

Os fatos apresentados neste trabalho vêm sendo analisados por alguns colegas historiadores, que, todavia, seguiram por diferentes caminhos, de acordo com as metodologias que utilizaram.

Para realizarmos o estudo proposto, optamos em priorizar a fonte oral, metodologia poucas vezes privilegiada nas análises anteriores. A escolha por desenvolver este estudo justifica-se, inicialmente, por motivos que podem ser considerados como sendo pessoais, pois sou filha de migrantes<sup>4</sup>.

Meus pais vieram residir na região em 1965, procedentes de Sarandi – Rio Grande do Sul. Fixaram residência em Novo Sarandi, distrito de Toledo, município vizinho a Marechal Cândido Rondon, que teve sua área de terras colonizada pela mesma companhia colonizadora. Nesta pequena localidade, passei minha infância, adolescência e parte da juventude, “migrando” para Marechal Cândido Rondon em 1981, então com 18 anos, onde, até a presente data, continuo a residir.

Já se passaram trinta e três anos desde a chegada de minha família para o Oeste do Paraná e os motivos que levaram a migrar sempre me despertaram curiosidade. Lembro-me bem das histórias contadas pelos meus pais sobre o Rio Grande do Sul, na roda de chimarrão, próximo ao fogão à lenha, principalmente nos dias chuvosos. Nestes intervalos de tempo, a rotina era quebrada e o trabalho era interrompido por alguns momentos para recordar experiências preservadas na memória.

---

<sup>4</sup> Por migrantes compreendemos como sendo aqueles indivíduos que resolveram deixar o seu município de origem para fixar residência em outro. Concebemos por migrações, o movimento de indivíduos, envolvidos no processo migratório, que fixam residência em município diferente daquele de origem.

Nesta época não me dava conta de que neste momento recordavam o seu passado para revelar parte de suas histórias de vida. Além disso, não compreendia porque meus pais que, mesmo tendo uma pequena área de terras com infra-estrutura básica, optaram em vir para Novo Sarandi, localidade para onde meus avós paternos haviam mudado algum tempo antes, assim como alguns parentes.

Outro motivo que levou ao desenvolvimento deste estudo é o fato de que durante o curso de Graduação em História percebi que o que julgava ser a princípio uma simples curiosidade, era na verdade um tema que poderia envolver estudos mais aprofundados.

Durante o curso, ao atuar como Bolsista de Iniciação Científica no projeto *Estruturas Agrárias e Migrações: a colonização do Oeste do Paraná*, ocorreram os primeiros contatos com a pesquisa e com o manuseio de fontes históricas, principalmente as orais.

As indagações que surgiram paralelamente às atividades de bolsista e as longas conversas com o professor-orientador do projeto, bem como este primeiro contato com as fontes, foram fatores que motivaram a continuidade dos estudos voltados ao uso da fonte oral, pois a mesma possibilita compreender como os próprios migrantes percebem e narram um processo do qual foram integrantes.

Sobre esta questão, faz-se necessário salientar que, por trabalhar com o grupo ao qual aquela pesquisa se restringira, tornou-se necessário o contato com grande número dos entrevistados, tendo-se estabelecido um vínculo de amizade. Além disso, conhecemos a região e temos alguns dos hábitos comuns aos do grupo, o que, se por um lado, facilitou o desenvolvimento da pesquisa, por outro, considerando o que é importante ou não neste espaço que aparentemente nos era tão familiar, se tornou para nós um espaço tão complexo e desconhecido por

pertencer ao grupo e ter que olhar como se fosse desconhecido. Esse fato pode ter contribuído para a omissão de alguns aspectos por considerá-los insignificantes ou não dando a exata noção de importância aos mesmos, por sermos uma espécie de observador-participante, ou seja, "um deles".

A opção pelo trabalho proposto, dando prioridade à fonte oral, justifica-se, também, pelo fato da mesma possibilitar a apresentação de elementos que, além das evidências documentais, fomentam o desenvolvimento desta temática com uma maior diversidade de informações sobre as mais variadas atividades desenvolvidas neste período.

Além disso, esta fonte nos permite o acesso à versões produzidas por pessoas que participaram efetivamente no processo de colonização, vivenciando assim experiências marcantes que, ao serem narradas, transformam-se em informações importantes sobre a população deste período, tanto no que tange ao seu cotidiano quanto a sua cultura. Neste trabalho, ocorrem diálogos com pessoas anônimas, cujas experiências estão fixadas no "casulo" de suas memórias, estimulando o conhecimento sobre vidas que passaram despercebidas pela "história oficial".<sup>5</sup>

Não estamos querendo afirmar com isso que a fonte oral nos possibilita alterar todo um cenário, mas consideramos que, sobretudo, podemos mudar o olhar sobre como ocorreu, até porque a memória dos migrantes não representa para nós o retorno ao passado, mas unicamente apresenta o passado no presente, oferecendo-nos leituras particulares deste passado.

---

<sup>5</sup> O termo história oficial é usado como a história produzida com base em documentos de instituições públicas e privadas que, por sua natureza, não envolvem determinados aspectos do convívio social.

Convém lembrar que esta fonte permite-nos ainda a afloração de fatos e opiniões sobre acontecimentos do passado a partir de estudos desenvolvidos de diferentes interpretações sobre as experiências vivenciadas por pessoas comuns, o que nos permite demonstrar "como é rica a capacidade de expressão de pessoas de todas as condições sociais"<sup>6</sup>. Assim, ela possibilita que se analise uma comunidade a partir de vários pontos de vista.

Logo, o narrador compõe-se através de várias personagens, e estas, ao relatarem suas experiências, incorporam a memória destes à memória da região, contribuindo para a história do processo de colonização do Oeste do Paraná, intentando preservar suas lembranças.

Nesta perspectiva, as experiências relatadas por alguns destes migrantes, que participaram efetivamente nesse processo, distantes de serem consideradas como micro-história, revelam uma macro-história<sup>7</sup>, como nos indicam em seus relatos, a importância da religião, o leilão da boneca da Kerbfest, as adversidades relacionadas aos meios-de-transporte e assistência social na fase colonizadora e, da mesma forma, os motivos que os levaram a romper laços familiares e de amizade ao migrar, revelando-nos que estes fatos são mais expressivos e resultam, para o grupo pesquisado, mais "significativos do que os chamados grandes acontecimentos"<sup>8</sup>.

Ressaltamos que a colonização do município de Marechal Cândido Rondon é de um passado recente. Desta forma, encontramos presentes nesta comunidade muitos daqueles que participaram deste momento histórico. Tal fato

---

<sup>6</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado* : história oral. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p. 41.

<sup>7</sup> FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios* : Histórias da imigração. São Paulo : Companhia das Letras, 1997. p. 7.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

facilitará o diálogo com diferentes agentes inseridos no processo da colonização.

Mas quem são estes agentes?

O grupo de migrantes, cujas narrativas buscaremos analisar, são, na sua grande maioria, descendentes de imigrantes alemães - procedentes de antigos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com uma religião homogênea -, que, ao migrarem em fins da década de 40, deixaram seu local de origem em busca de um futuro mais promissor, em um novo espaço físico e, através de diversas formas, criaram mecanismos para implantar neste novo espaço, o modo de vida ao qual já estavam habituados. Desta maneira, ao migrarem, carregaram consigo, além de seus pertences materiais, seus valores culturais.

Assim, a população do município mantém ainda hoje hábitos e costumes típicos das regiões de origem.

Optar em deixar seu local de origem parece ser o único meio que este grupo encontrou para perpetuar seu modo de vida. Fixar-se em um novo local e ter algo que lhe pertencesse - sua propriedade - gerou a possibilidade de assegurar o sustento da família, bem como a perspectiva de acúmulo de capital.

Estas foram algumas das motivações que encontramos nos relatos dos migrantes, cujas narrativas devem ser analisadas buscando ir além do que foi dito sobre a realidade vivida, pois neste tipo de pesquisa torna-se primordial "aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios"<sup>9</sup>. Assim, "cabe ao historiador ir além do que foi lembrado, ir além do que foi colhido e retirar das sombras o que não foi recordado, o que não foi colhido"<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> THOMPSON, op. cit., p. 204-205.

<sup>10</sup> MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo : Siciliano, 1995. p. 45.

Neste cenário, convém lembrarmos ainda que na ocupação efetiva das terras que compreendem o município de Marechal Cândido Rondon encontramos diferentes objetivos: os mecanismos criados para ocupar estrategicamente esta área, atendendo a interesses econômicos por parte do poder público, bem como as condições criadas por parte do poder privado, representado pelos diretores da *MARIPÁ*, objetivaram atrair migrantes para a mercantilização das terras e a instalação da infra-estrutura básica, com vistas a uma maior lucratividade e a satisfação das necessidades dos futuros povoadores, atendendo aos seus anseios.

Nesse sentido, encontram-se mesclados objetivos políticos, econômicos e sociais que integraram o processo histórico do povoamento de Marechal Cândido Rondon, representados na multiplicidade de sujeitos sociais.

Desse modo, no primeiro capítulo, *Memórias*, tecemos reflexões que abarcam questões teóricas e metodológicas referentes ao uso da fonte oral para o desenvolvimento da temática proposta. Numa primeira fase, priorizamos a discussão das questões teóricas referentes à memória coletiva, para, em seguida, formularmos um núcleo específico para a análise das fontes, visando garantir a coerência da proposta de trabalho, além de um maior rigor científico e metodológico.

No segundo capítulo, *Memória de Migrantes: a trajetória da colonização de Marechal Cândido Rondon*, buscamos apresentar a visão do migrante sobre o processo da colonização. Utilizamos, para tanto, as entrevistas de migrantes que encontram-se à disposição dos pesquisadores no acervo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon, junto ao Centro de Pesquisa e Documentação da América Latina - CEPEDAL.

Estas entrevistas trazem informações relevantes para a compreensão do processo de colonização. Assim, abordamos a fase colonizadora sob o “olhar” dos

migrantes.

No terceiro capítulo, *Discursos e Práticas: programa de colonização*, buscamos apresentar a colonização de Marechal Cândido Rondon, mais especificamente no que concerne à seleção do elemento humano a ser recrutado, segundo a ótica dos poderes público e privado. Apesar de enfatizarmos nosso estudo no uso da fonte oral, nesta parte do trabalho será utilizada a documentação escrita. Esta documentação, onde aparece o discurso do governo do estado do Paraná e dos diretores da empresa colonizadora, foi confrontada com os relatos dos migrantes, objetivando perceber o diálogo e as tensões no interior destes discursos.

Para realizar este trabalho recorreremos a autores que discutem questões relacionadas à migração e empreendimentos colonizatórios. Com isso, pretendemos abordar em nosso trabalho, além das diferentes visões apresentadas pelos migrantes, a planificação realizada pelo poder público e pelos diretores da empresa colonizadora.

Assim, nossa ambição é ordenar fragmentos de relatos orais de migrantes e, sob o olhar de personagens que participaram do processo de colonização do município de Marechal Cândido Rondon, tentar compreender como este grupo percebe e narra sua trajetória.

## CAPÍTULO I - MEMÓRIAS

Se a memória é socialmente construída, é obvio que toda documentação também o é. Para mim, não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, ao meu ver, ser aplicada à fontes de todo tipo. Deste ponto de vista a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual se apresenta.

(Michael Pollak)\*

Como podemos perceber através dos dizeres da epígrafe acima, Pollak afirma que a utilização de fontes orais, bem como a documentação escrita, para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, não se limita à vontade do pesquisador, tornando-se necessário colocar em prática uma metodologia que possa fornecer o maior número de informações confiáveis.

A metodologia utilizada neste trabalho compreende, na primeira etapa, a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, foi realizada uma seleção de obras que apresentam discussões fundamentais relacionadas à temática da memória. Na segunda fase analisamos as fontes orais, uma vez que esta fonte pode nos mostrar fatos que estão registrados na memória dos diversos grupos que migraram para o Oeste do Paraná, não possuindo registros na maioria dos documentos que fazem referência a este assunto.

---

\* POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

Assim, a par do documento escrito, coexiste a fonte oral, história viva que se eterniza na memória dos sujeitos renovando-se através dos tempos. Isto nos reporta às reflexões de Jacques Le Goff, em sua obra intitulada *História e Memória*, quando analisa os caminhos percorridos pela memória desde a pré-história até o seu desenvolvimento contemporâneo. Nesta obra, o autor destaca que:

A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (...) A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo o montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos, e o aval eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte de grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção<sup>11</sup>.

Segundo Le Goff, é importante observar que a memória conserva elementos essenciais para a edificação de uma construção histórica. Sendo assim, a reconstituição da memória coletiva é um elemento essencial para a compreensão da vida de uma comunidade, tanto para o entendimento de suas permanências quanto de suas transformações. Neste contexto, a memória coletiva fomenta a possibilidade de realizar interpretações atuais do passado.

A sobrevivência do passado no presente e a possibilidade de sua reinterpretação, têm no grupo seu alicerce, revelando as ações dos indivíduos como agentes participantes nos diversos segmentos sociais que compõe.

Por outro lado, quem assegura a rememoração do passado, quem o sabe e apodera-se dele é a "pessoa-memorizador", sendo que suas inscrições pessoais

---

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3.ed. Campinas : UNICAMP, 1994. p. 475-476.

extraem significados próprios, específicos e fragmentados de um conjunto de imagens comuns.

Portanto, em nosso entender, são as narrativas de “fatos” vivenciados por quem migrou para esta região que tecem a vida de cada indivíduo e dos grupos com os quais se relacionou, constituindo um rico material para desenvolver as reflexões propostas. Para tanto, tomamos como referência Maurice Halbwachs, quando enfatiza que:

Não basta (para evocar a imagem do passado) procurar placas que homenageiam as casas onde viveram e onde morreram alguns personagens famosos (...) é na cidade e na população de hoje que um observador vê bem os traços de outrora, sobretudo nas zonas menos nobres, onde se refugiam pequenas oficinas e ainda em certos dias e certas noites de festa popular<sup>12</sup>.

Assim, homens e mulheres de hoje podem ser considerados testemunhos do passado, mesmo com características distintas, levando em consideração que:

Uma das muitas possibilidades da história oral é a de recuperar a narrativa e a tradição oral. O registro da oralidade é uma prática, por excelência, para se conhecer a memória de uma comunidade e também para divulgá-la para um público mais vasto. Por outro lado, a narrativa oral é uma forma de resgatar o papel do indivíduo enquanto agente social na História<sup>13</sup>.

Segundo Dilma de Paula, esta fonte possibilita a acumulação de conhecimentos relacionados à auto-percepção com a qual os contemporâneos viveram. Mas vale lembrar, como já assinalamos acima, que, ao analisarmos os relatos dos migrantes, não podemos deixar de considerar que os mesmos são integrantes de um grupo. Suas interpretações de fatos vivenciados estão inseridos na memória coletiva deste grupo, sobre um determinado espaço físico, se reportando a um período onde se encontram incluídos interesses particulares, o que

---

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo : Vértice, 1990. p.34.

<sup>13</sup> PAULA, Dilma Andrade de. Na contramão da utopia: A memória da destruição da cidade de São João Marcos. *Revista de História Regional*, v. 1, n. 1, p. 9-40, 1996.

torna os fatos relatados no ato da rememoração um repertório comum do grupo que os vivenciou.

Sendo assim, podemos dizer que a memória individual está povoada por elementos que se referem a conteúdos comuns dos grupos ao qual pertenceu ou pertence o migrante, pois esta é a forma mais singular, mais acabada de uma memória coletiva.

Maurice Halbwachs sublinha que o que guia o trabalho da lembrança é a prática de vida social que está presente no indivíduo que rememora. Em suas reflexões, o autor enfatiza que reconstruir fatos passados através do ato de lembrar só pode se compor a partir de referenciais significativos da prática da vida social ou “os quadros sociais”, pois sem estes *não possuímos um fundamento básico para o trabalho da memória*.

Em nosso caso, são fatos pertencentes ao mesmo período histórico, décadas de 1940/70, mas que recebem tratamentos diferenciados pelos componentes da comunidade. Sob este aspecto, cada fato narrado traz a marca do indivíduo que está “rememorizando”.

A lembrança, para ser reconstruída e identificada, necessita que sua organização seja promovida a partir de elementos e noções individuais e coletivas.

Segundo Halbwachs:

Não é suficiente reconstruir peça por peça as imagens de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança (...). É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e construída<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> HALBWACHS, op. cit., p. 34.

O autor mostra que a memória individual carece de outras lembranças e por isso necessita anexar simultaneamente referências construídas pela sociedade, caso contrário "sem estes instrumentos referenciais 'as palavras e as idéias' que os indivíduos tomam de empréstimo a seu meio, comprometem o funcionamento da memória de cada um e de todos"<sup>15</sup>.

De acordo com as colocações de Maluf e Halbwachs, a memória coletiva é um mecanismo de suporte essencial para fomentar a reconstrução individual de imagens do passado. Para que a memória pessoal se concretize ela necessariamente recorre à memória alheia, exercendo a função de armazenar e salvaguardar elos de ligação entre a memória individual e a memória do grupo. A este respeito, Halbwachs ressalta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos sós. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós, porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem<sup>16</sup>.

Nesta compreensão, a memória individual está conectada à memória do grupo, e a memória do grupo, que abarca e compõe a memória mais geral e mais ampla, é o que o autor define como memória coletiva. Assim, a memória individual será sempre uma extensão da memória coletiva.

Na abordagem de Halbwachs, não existe memória individual pura, pois o indivíduo nunca está só, mas inserido em vários grupos. Portanto, a lembrança do indivíduo também depende do nível de engajamento em relação ao grupo, devido ao fato de que a memória dos outros reforça e completa a memória individual. O ato de

---

<sup>15</sup> MALUF, op. cit., p. 36.

<sup>16</sup> HALBWACHS, op. cit., p. 26.

rememorar do indivíduo é dado pelo coletivo ("eu-coletivo") e sua memória está articulada à memória do grupo. Toda lembrança, para o autor, é determinada por situações presentes, ou seja, voltamos às origens dos fatos, mas sem nos deslocarmos do presente. Assim, quando o entrevistado nos narra suas experiências, estas não podem ser avaliadas isoladamente, mas devem ser relativizadas com todas as experiências do grupo.

Neste processo, cabe destacar aqui, que, muito embora individuais, as narrativas de cada elemento do grupo que iremos abordar devem ser analisadas com uma certa especificidade, mas interligadas à memória mais geral, pois, ainda segundo Halbwachs, cada indivíduo se integra de um modo próprio nas diversas redes às quais compõe e nas quais exerce atividades.

A memória coletiva de cada migrante irá apresentar-se de acordo com o espaço social ocupado, sendo que esta posição se altera em decorrência da integração que cada indivíduo em particular possui com diversos ambientes sociais.

Vale lembrar que todo novo vínculo grupal fomenta uma adesão da memória individual aos fatos que são importantes naquele período e naquelas circunstâncias. Ao abordar esta questão, Ecléia Bosi explica que a memória "é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergências de muitos planos de nosso passado"<sup>17</sup>.

Torna-se imperativo destacarmos que embora o depoimento seja individual, ele apenas adquire significado quando aplicado à comunidade social à qual o narrador integrou, compartilhando experiências com o grupo que conviveu na

---

<sup>17</sup> BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo : TAC/EDUSP, 1987. p.35.

mesma comunidade no passado e que registra elos de contato da mesma memória.

De acordo com Marina Maluf:

a reconstituição individual não é um ato isolado, fechado em si mesmo, uma vez que para atingir uma lembrança não basta reconstituí-la em suas infinitas partes. Para que uma lembrança possa ser recuperada e reconhecida é preciso que esta reconstituição se opere a partir de dados ou noções comuns<sup>18</sup>.

Sobre este ponto de vista, Halbwachs afirma:

para que uma lembrança seja restaurada, é necessário que se trabalhe na perspectiva da memória coletiva. A sobrevivência do passado tem no grupo seu sustentáculo, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento e quando quisermos, de lembrá-los<sup>19</sup>.

Para Halbwachs encontramos em uma comunidade imaginários sociais que elaboram uma certa representação entre o grupo e que são partes indispensáveis para reconstruir o passado e compreendermos como esta comunidade se percebe e elabora os significados de suas vidas. Quanto à conservação da memória, enfatiza que "a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados empregados no presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada"<sup>20</sup>.

Logo, o esforço de recompor as imagens do passado é imposto pelo presente de quem está lembrando, pois, com imagens e conhecimentos de hoje, o rememorador relembra práticas de vida do passado. Conseqüentemente, é possível afirmar que, ao fazer parte de um grupo, o indivíduo colabora para preservar as lembranças que o grupo seleciona. E, diante desta constatação, podemos dizer que

---

<sup>18</sup> MALUF, op. cit., p. 36.

<sup>19</sup> HALBWACHS, op. cit., p. 49.

<sup>20</sup> Idem, p. 71.

a memória é fenômeno construído, porque o indivíduo ou o grupo é que registra ou exclui os fatos a serem preservados. Desse modo, a memória pode ser definida como resultado de uma organização que se constrói e que, por outro lado, pode ser imposta, enquadrada a partir do momento em que há disputas em defesa dos interesses de grupos.

Salientamos que a edificação e a exposição narrativa da memória, tanto coletiva quanto individual, integram um processo social ativo, o qual abrange uma realidade complexa, sendo que sua análise está imbricada com problemas teóricos e metodológicos, levando à reflexões sobre o passado através de um olhar lançado a partir do presente.

Michel Pollak, em seu texto *História e Identidade Social*, salienta que “a memória é seletiva (...) sofre flutuações (...) é fenômeno construído social e individualmente”<sup>21</sup>. Dessa forma, o indivíduo, ao fazer parte de um grupo, colabora para preservar as lembranças que este grupo quer preservar. Nesse sentido, o autor classifica a memória como seletiva e, ao afirmar que a memória sofre flutuações, refere-se à intervenção do presente na forma de conceber e narrar as experiências do passado. Pollak enfatiza também que a memória é construída tanto social como individualmente, isto porque é o indivíduo que registra e/ou exclui os fatos a serem preservados. Deste modo, a memória é resultado da seleção e da organização de fatos que os indivíduos – e os diversos grupos aos quais pertenceram ou pertencem –, querem preservar.

No caso ora apresentado, os migrantes é que irão selecionar fatos sobre o processo de colonização, a partir de imagens de um mundo concebido por eles, ou

---

<sup>21</sup> POLLAK, op.cit., p. 203-204.

seja, do modo como eles o vêem e querem que os outros o vejam. Muitas vezes esta concepção de mundo pode não refletir a totalidade dos fatos, mas são as imagens deste mundo que este grupo buscou preservar para as gerações presentes e, porque não dizer, gerações futuras.

Neste sentido, é necessário precisarmos que a memória não é autônoma, ou seja, não desempenha e opera sozinha com suas próprias forças, mas sim objetiva compreender e contornar imagens que surgem do passado.

A lembrança é uma tradução individual, enraizada em múltiplas camadas de experiências sociais, que emerge através da linguagem. Assim, cada memória pessoal é uma perspectiva da memória coletiva. Tal apreensão diz respeito ao lugar social do qual se fala — um ponto que varia, segundo a multiplicidade de relações com os inúmeros grupos sociais que compõe o mosaico de uma vida<sup>22</sup>.

A memória, como podemos perceber até aqui, não é uma imagem reproduzida dos fatos ocorridos no passado e sim provém da organização e elaboração do indivíduo que está narrando a representação do passado, conservando-se na memória deste indivíduo e do grupo ao qual pertence.

Este processo ocorre devido à interferência de todo um conjunto de experiências que se fazem presentes no ato de recordar. Estes são elementos que permeiam o trabalho de Ecléia Bosi. Ao tecer reflexões a este respeito, afirma que:

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo mas uma reparação<sup>23</sup>.

O ato de lembrar nossas experiências passadas está carregado de emoções, valores culturais, sentimentos, cabendo ao pesquisador analisar as informações oferecidas pelo narrador.

---

<sup>22</sup> MALUF, op. cit., p. 40.

<sup>23</sup> BOSI, op. cit., p. 39.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado (...) Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor<sup>24</sup>.

E, novamente de acordo com Halbwachs, “a lembrança é uma larga medida a uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente”<sup>25</sup>.

Percebemos que a atividade de memorizar não é um distanciamento para recordar o passado da mesma maneira como ele se deu, pois não nos é possível armazenar as informações sem alterá-las, em outras palavras, não guardamos as lembranças de experiências vividas no passado em seu estado imáculo.

“A construção e a narração da memória passada (...) constitui um processo social ativo que exige, ao mesmo tempo, engenho e arte”<sup>26</sup>, pois recriar o que já passou através do processo de rememoração efetua-se pelas experiências internas do indivíduo. O “eu” da pessoa que vivenciou este fato na fase colonizadora do município de Marechal Cândido Rondon não é o mesmo “eu” que se apresenta no momento em que ela está sendo entrevistada, sendo a rememoração dos fatos passados delimitada pelo presente.

Segundo Marina Maluf, “a relembração é uma construção orientada pelo lugar social e pela imaginação daquele que lembra”<sup>27</sup>. Dessa forma, o esforço de recompor as imagens do passado é imposto pelo presente de quem está lembrando,

---

<sup>24</sup> BOSI, op. cit., p. 17.

<sup>25</sup> HALBWACHS, op. cit., p. 17.

<sup>26</sup> THOMPSON, op. cit., p. 198.

<sup>27</sup> MALUF, op. cit., p. 31.

com imagens e conhecimento de agora. Isto ocorre porque o ato de recordar o vivido em um tempo passado encontra-se impregnado de imagens de um tempo presente, pois apenas o "eu" do presente de quem está narrando tem a possibilidade de olhar as experiências passadas, revelando-nos as precariedades e adversidades que tiveram de superar no período inicial da colonização, fazendo isto, muitas vezes, com saudosismo e nostalgia.

É preciso, portanto, não perder de vista que as entrevistas dos migrantes são para o nosso trabalho um recurso no qual os sujeitos são responsáveis pela seleção dos episódios, reelaborando suas memórias e atribuindo-lhes significados, de acordo com a sua posição social no grupo.

A memória é, assim, um olhar que se lançará em direção ao passado, recompondo lembranças assentadas na efetividade dos acontecimentos e oferecendo o passado a partir de uma forma específica de vê-lo, ou seja, este olhar, pressupõe, portanto, que o entrevistado ao ordenar os fatos por ele vivenciados apropria-se do passado. É o ato de relembrar no presente aquilo que muitas vezes havia sido esquecido. Dessa forma, é na busca das lembranças que se compõe o sentido na história do presente.

Acompanhar o reencontro das imagens reconstruídas de outros tempos é uma forma de conhecer o lugar do qual nossos entrevistados falam, bem como a importância que atribuem às experiências narradas. Ainda de acordo com Marina Maluf, "é uma possibilidade de retratar a realidade passada"<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> MALUF, op. cit., p. 89.

Para tanto, tornou-se necessário desenvolvermos uma análise das fontes de maneira adequada para não excluir a memória dos diversos grupos que participaram da fase colonizadora.

## 1.1 ANÁLISE DAS FONTES

Após definirmos nossa metodologia, conduzimos a análise das nossas fontes orais do trabalho, guiados por um dos modelos propostos por Thompson, em sua obra *A Voz do Passado*.

Nesta obra, o autor destaca três modos pelos quais a História Oral pode ser construída:

A primeira é a narrativa de uma única vida (...) a segunda é uma coletânea de narrativas. Uma vez que pode ser que nenhuma delas seja, isoladamente, tão rica ou completa como narrativa única esse é um modo melhor de apresentar um material de história de vida mais típico. Permite, também, que as narrativas sejam utilizadas muito mais facilmente na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as - como um todo ou fragmentadas - em torno de temas comuns (...) a terceira forma é a de análise cruzada: a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo<sup>29</sup>.

Guiados pelas formas de se trabalhar com a fonte oral, sugeridas por Thompson, optamos em desenvolver a análise das fontes do nosso trabalho dentro da segunda alternativa, ou seja, a partir de uma coletânea de narrativas fragmentadas em torno de temas comuns. Tal decisão foi motivada pela

---

<sup>29</sup> THOMPSON, op. cit., p. 303-304.

possibilidade de podermos elaborar um trabalho em que a memória dos entrevistados pudesse ser evidenciada de forma mais ampla.

Apesar desta priorização do agrupamento de temas comuns, no desenvolvimento da pesquisa não descartamos, quando se fizer necessário, o exame da documentação escrita, o que configura a utilização da análise cruzada. Tal procedimento justifica-se principalmente quando forem abordadas as questões relacionadas ao papel desempenhado pela companhia colonizadora no processo de ocupação das terras do município de Marechal Cândido Rondon, por entendermos que esta documentação torna-se relevante para esclarecer pontos importantes do processo em estudo.

Após a escolha, conduzimos a análise das fontes agrupando uma coletânea de narrativas, deparando-nos com a primeira problemática: quais são os temas recorrentes no nosso universo de amostragem?

Com o intuito de solucionar tal problema, pudemos dispor de mais de uma centena de entrevistas gravadas em fita cassete e vídeo, que se encontram no acervo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – no Centro de Pesquisa e Documentação da América Latina - CEPEDAL, localizado no Campus de Marechal Cândido Rondon.<sup>30</sup>

Das entrevistas que compõe o acervo do CEPEDAL, em algumas tivemos uma participação direta no que tange ao contato com os entrevistados e também na gravação das mesmas. Esta atividade foi realizada como parte do projeto de

---

<sup>30</sup> A formação deste acervo, no que se refere à documentação oral, teve seu início a partir da doação das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do *Projeto Memória*, que teve como objetivo principal recuperar a história e as experiências de vida das comunidades dos municípios do Oeste do Paraná, tendo como um dos seus resultados a divulgação da obra *Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon*, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Venilda Saatkamp (Cascavel: Assoeste, 1984).

iniciação científica intitulado *Estruturas Agrárias e Migrações: a colonização do Oeste do Paraná*.

Faz-se necessário esclarecermos que no conjunto, estas entrevistas foram realizadas por professores e alunos durante o desenvolvimento do *Projeto História Viva*, que teve seu início no final da década de oitenta, tendo como um dos objetivos centrais resgatar o conhecimento histórico e geográfico a partir dos relatos orais de colonizadores pioneiros de Marechal Cândido Rondon<sup>31</sup>.

Além destas entrevistas, salientamos que alguns dos entrevistados pelos pesquisadores deste projeto, foram contatados para mais uma sessão de entrevistas, agora voltada mais especificamente para as temáticas abordadas em nosso trabalho.<sup>32</sup>

É necessário esclarecer também, que as entrevistas que foram incorporadas ao acervo do CEPEDAL após novembro de 1997, não foram analisadas para desenvolvermos nosso trabalho, pelo fato de já termos desenvolvido nossa opção metodológica. Portanto, as temáticas mais abordadas pelos migrantes restringem-se às entrevistas que integravam o acervo do CEPEDAL até novembro de 1997.

Nossa primeira atividade foi, portanto, selecionar as entrevistas realizadas com estes migrantes.

Feito este trabalho de seleção, identificamos mais de setenta entrevistas realizadas com migrantes, sendo as demais descartadas por caracterizarem-se

---

<sup>31</sup> A partir de 1992 este projeto foi contemplado com uma bolsa de iniciação científica, contando, a partir desse ano, com um aluno bolsista que dispunha de uma orientação. O projeto estendeu-se até meados de 1997, quando ocorreu sua interrupção.

<sup>32</sup> Estas entrevistas não compõe ainda o acervo do CEPEDAL, mas pretendemos doá-las ao centro após o término do nosso trabalho.

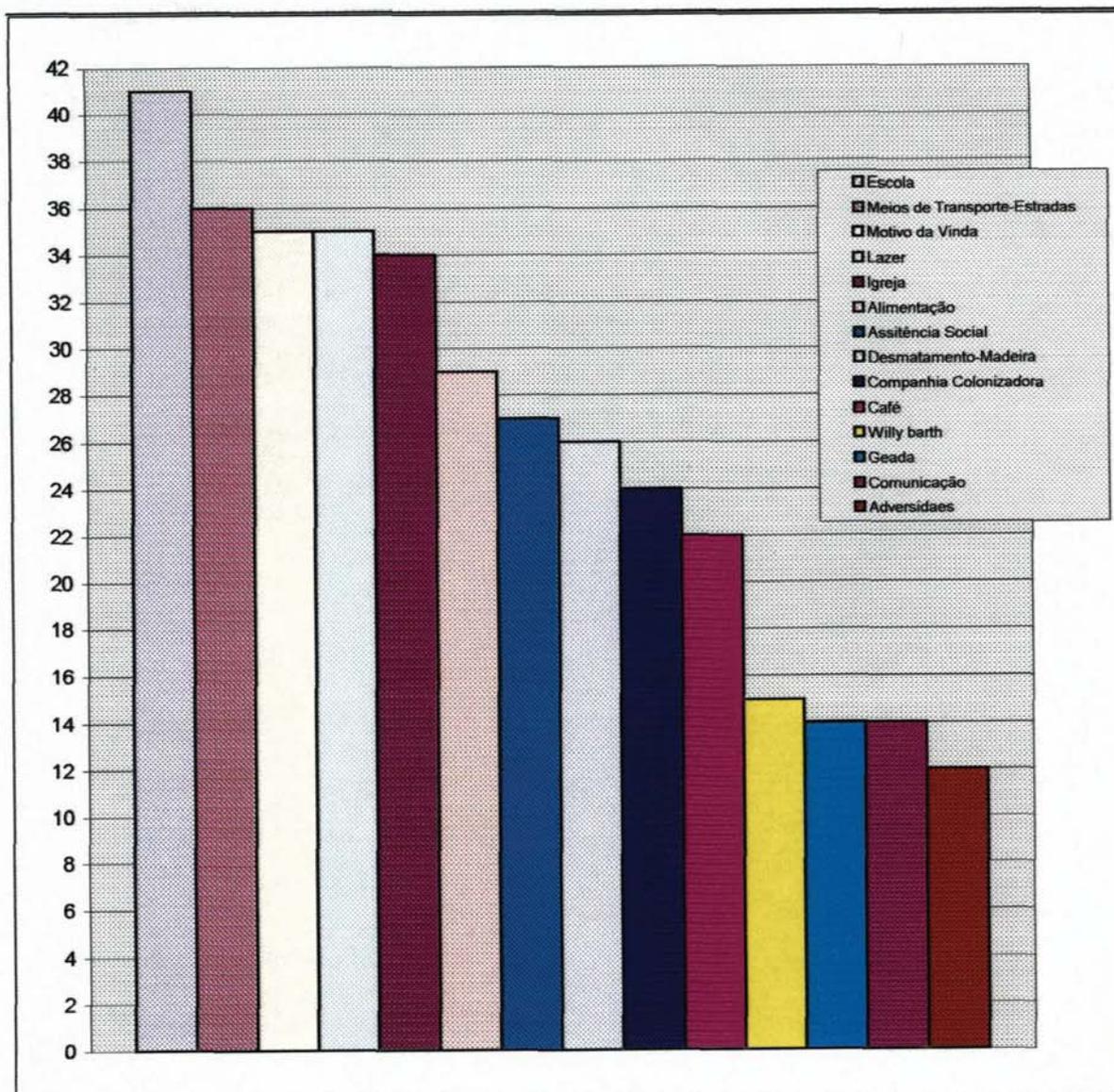
como entrevistas realizadas com personalidades que visitaram a Universidade, conferencistas, professores, entre outros.

Após esta primeira atividade, realizamos a audição dos registros e a transcrição integral de algumas entrevistas, partindo depois para a tarefa de minutagem, uma vez que estas entrevistas não possuem um roteiro pré-fixado. Algumas entrevistas já haviam sido minutadas e com as demais nós desenvolvemos esta tarefa. Hoje, o acervo conta com todas as entrevistas que integravam o acervo até novembro de 1997, minutadas por temáticas (ver ANEXO 1).

Este fichamento das entrevistas por temas abordados pelos entrevistados, proporcionou-nos selecionar as temáticas e eleger o nosso universo de amostragem, de acordo com a proposta de análise de fontes orais sugerida por Thompson.

Neste cenário de mais de setenta entrevistas, elegemos os temas mais recorrentes no conjunto das mesmas e selecionamos os catorze temas mais freqüentes entre as abordagens. Para melhor visualização destes temas, usamos como recurso o gráfico apresentado a seguir.

GRÁFICO 1 – Temas mais recorrentes nas entrevistas realizadas com os migrantes.



FONTE: Acervo do Projeto História Viva desenvolvido na UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Universitário de Marechal Cândido Rondon Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação da América Latina – CEPEDAL. (Elaborado por Neiva Salete Maccari).

As entrevistas foram organizadas em nosso trabalho buscando alcançar os temas mais recorrentes. Dessa forma, a partir da narrativa sobre temas como escola, meios de transporte, motivos de vinda, lazer, igreja, alimentação, assistência social, desmatamento, companhia colonizadora, café, entre outros, buscaremos

compreender como este grupo narra e percebe um projeto de colonização, elaborado por uma empresa privada, no qual atuaram direta e indiretamente para sua efetiva implantação.

Logo, através das múltiplas memórias dos migrantes é que emerge uma memória que é comum a todos eles, evidenciando a dimensão humana de um tempo de trabalho e deixando transparecer o saudosismo. Essa memória comum está relacionada a um tempo em que estes migrantes, à custa de muito trabalho, recriam seus modos de vida, trazendo à tona experiências dramáticas e marcantes dos seus primeiros tempos na comunidade e, concomitantemente, relembando suas labutas e recordando o lúdico com saudosismo e nostalgia.

Com o desenvolvimento dessa metodologia, o testemunho sobre cada uma das temáticas fragmentadas no texto não se restringirá a um único depoimento, mas serão os testemunhos de um conjunto de pessoas. Assim como Thompson, Antônio Montenegro, em sua obra *História Oral e Memória: cultura popular revisitada*, sublinha que a fragmentação de temáticas pode proporcionar-nos novas perspectivas, pois "muitas vezes, fatos e detalhes considerados de pouca monta se tornam no conjunto de outras entrevistas, profundamente significativos, abrindo novas perspectivas de estudo e análise"<sup>33</sup>.

No caso específico do nosso trabalho não se trata de restaurar somente o passado mas, "um dos aspectos mais interessantes do uso das fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu"<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo : Contexto, 1994. p. 150.

<sup>34</sup> GARRIDO, Joan del Alcàzon. As fontes orais na pesquisa histórica : uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 39, set. 1992/ago. 1993.

Este é o nosso objetivo.

Dessa forma, os relatos dos migrantes, cujas narrativas passaremos a analisar, são produtos de uma elaboração que este grupo faz de suas vidas, destacando a forma como este grupo propaga suas idéias acerca do processo histórico da ocupação efetiva do município de Marechal Cândido Rondon.

No entanto, após voltarmos a analisar as entrevistas, quando detivemo-nos especificamente aos temas, percebemos que uma temática remete-nos a outra. Assim, ao abordarmos a visão do migrante sobre o processo da colonização, apesar de restringimo-nos às temáticas mais recorrentes que foram apresentadas no gráfico, não seguiremos a ordem apresentada no mesmo.

Optamos também pela alternativa de transcrever as nossas fontes da forma oral para a linguagem escrita mantendo a fidelidade do que foi gravado, sem seguirmos a norma ortográfica. Adotamos este procedimento pelo fato de Marechal Cândido Rondon ter como característica a colonização feita por migrantes descendentes de alemães, sendo, portanto, uma comunidade bilíngüe (alemão/português), apresentando atualmente um número significativo de pessoas que usam diariamente em suas casas a língua alemã como forma de comunicação. Assim, os relatos transcritos apresentam-se repletos de expressões idiomáticas próprias da interação entre estas duas línguas, pois os descendentes de imigrantes alemães buscam adaptar o dialeto alemão aos costumes brasileiros. A metodologia adotada nestes casos foi de destacar nos relatos estas expressões idiomáticas e traduzi-las em nota de rodapé (ver parecer no ANEXO 2).

Buscamos, desta maneira, não fugir da característica da fala original, o que pode ser identificado pelo leitor.

Segundo o trabalho de Clarice Von Borstel, *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon*, ao efetuar seu estudo de acordo com observações feitas em diversas lojas comerciais, cultos das comunidades religiosas, emissoras de rádio e escolas do município, a autora ressalta que:

Em todas, ouve-se a língua alemã em interações comunicativas. Em sua maioria, as pessoas que falam alemão nestes lugares, têm mais de 40 anos (...) Mas, também há clientes jovens que vêm do interior do município e falam o alemão mas com empréstimos do português, usando muito a alternativa de códigos<sup>35</sup>.

Como já dissemos anteriormente, as entrevistas realizadas com os migrantes foram feitas por professores, bolsistas de iniciação científica e pesquisadores do CEPEDAL e transcorreram na forma de diálogo aberto. Algumas interrogações fomentaram por algumas vezes as respostas dos entrevistados, por exemplo: qual sua cidade de origem? Qual o ano em que migrou para Marechal Cândido Rondon? O (a) senhor(a) poderia falar sobre a questão religiosa no período da colonização? No entanto, o entrevistado respondia de forma "aberta", ou seja, muitos de maneira entusiasmada iam recordando sem serem interpelados. Percebemos que os estímulos foram mais freqüentes quando os entrevistados davam respostas curtas, o que motivava uma maior interferência por parte do entrevistador.

Convém lembrar que a opção pela inserção de algumas fotografias neste trabalho não tem por objetivo comprovar os dados apresentados nos relatos dos migrantes. O objetivo, ao recorrer a esta fonte, foi proporcionar imagens do período

---

<sup>35</sup> VON BORSTEL, Clarice. *Aspectos do Bilingüismo : alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil*. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina. p. 52-53.

da colonização para que o leitor possa visualizar algumas imagens iconográficas do cenário que os migrantes abordam em seus relatos.

Além disso, para que os relatos dos migrantes não pareçam deslocados no tempo e no espaço, faz-se necessária a apresentação de um breve histórico do processo de colonização de Marechal Cândido Rondon.

## 1.2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO

Foi em meados de 1950 que os primeiros migrantes gaúchos e catarinenses estabeleceram-se na região cujo espaço físico atualmente abrange o município de Marechal Cândido Rondon, localizado no Extremo Oeste do Paraná e contando atualmente com uma área total de 575, 48 Km<sup>2</sup>, município este que integra a mesoregião do oeste paranaense e a microrregião de Toledo ( MAPA 1).

Como caracterizar a região antes disso?

Assim como ocorreu em outras regiões brasileiras, o oeste paranaense não era uma região totalmente desabitada. Com relação a este aspecto, Oscar Silva ressalta, em sua obra *Toledo e sua história*, que, “como em qualquer parte do Brasil, os primitivos habitantes do Oeste do Paraná eram formados pela população indígena existente, em maior ou menor grau de intensidade”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> SILVA, Oscar. *Toledo e sua história*. Toledo : Prefeitura Municipal, 1988, p.23.



explorativa da erva-mate e da madeira, riquezas naturais da região que despertaram o interesse de companhias estrangeiras, principalmente quando o governo do Estado, no início do século XX, passou a fazer concessões de terra para obrages<sup>37</sup> argentinas, sobressaindo-se aquelas destinadas a Domingues Barth, Nunes Giboza, Júlio Thomás Allica e Empresa Mate Laranjeira.

Estas companhias, motivadas pelo extrativismo, estabeleceram-se na região formando as obrages. Estas geralmente utilizavam como mão-de-obra os mensus<sup>38</sup>.

No espaço temporal que compreende o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as atividades explorativas da madeira e da erva-mate, feitas pelas companhias estrangeiras, intensificaram-se na região.

Em 1902, instalou-se, na região Oeste, a *Companhia de Madeiras Del Alto Paraná*, empresa inglesa com sede em Buenos Aires – Argentina, adquirindo do governo do Estado a área de terras denominada *Fazenda Britânia*, com aproximadamente 275 mil hectares. Atualmente esta área corresponde aos municípios de Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Entre Rios do Oeste, Toledo, Nova Santa Rosa e parte do município de Palotina.

Com os mesmos objetivos das outras obrages já instaladas na região, a Companhia de Madeiras Del Alto Paraná utilizou-se de mão-de-obra paraguaia para a exploração de madeira e erva-mate na região Oeste do Paraná. Essa situação de exploração depredatória persistiu até a década de 1920, quando eventos como a

---

<sup>37</sup> Obrages eram extensas propriedades e/ou explorações típicas das regiões cobertas pela mata subtropical na Argentina e no Paraguai. Seu principal objetivo era a extração da madeira e erva-mate, abundante na mata tropical.

<sup>38</sup> Mensus ou mensalistas, era mão-de-obra recrutada especialmente do Paraguai para ser empregada nas obrages.

passagem da "Coluna Prestes [em 1924] e também das Tropas Federalistas (...) expuseram a situação do Oeste do Paraná à opinião pública"<sup>39</sup>, constatando-se a dominação da região por parte de estrangeiros, e que até então não havia sido tomada nenhuma ação efetiva buscando fomentar a ocupação através de brasileiros. Após esta constatação, tomou-se imperativo tomar medidas que coibissem a invasão de estrangeiros e concomitantemente "nacionalizar" a região.

É importante ressaltar que a passagem das tropas revolucionárias contribuiu para a decadência das obras, pois tendo em vista as denúncias feitas após a passagem da Coluna Prestes, com relação ao total descaso pelos problemas da região e a presença de capital e mão-de-obra estrangeira, o governo federal – através da chamada "Lei dos 2/3" ou lei de nacionalização de fronteiras –, exigiu que as companhias instaladas em regiões fronteiriças empregassem no mínimo dois terços do quadro de seus funcionários de nacionalidade brasileira.

Assim, sentiu-se a necessidade de reforçar o abasileiramento das áreas de fronteiras. Esta preocupação culminou com a proibição da permanência de estrangeiros em regiões de fronteira como recurso para reforçar a segurança nacional e, desta forma, a população estrangeira que estava ocupando a região Oeste do Paraná se viu obrigada a adotar a nacionalidade brasileira ou retirar-se da região. Fica evidente, portanto, que estas medidas foram fatores condicionantes da decadência das companhias estrangeiras.

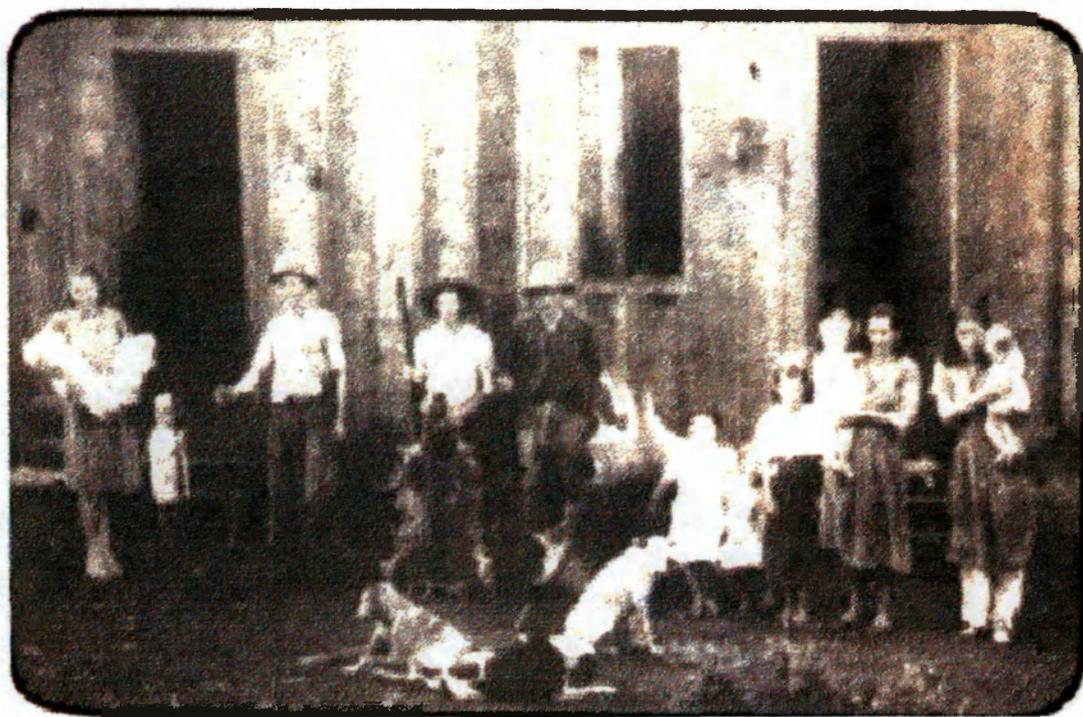
Entre as companhias que foram prejudicadas pelas medidas nacionalizantes estava a Companhia de Madeiras Del Alto Paraná, o que, na década de 1940, contribuiu de forma decisiva para que um grupo de acionistas gaúchos

---

<sup>39</sup> GERKE, Arno Alexandre. *Copagril : uma análise do cooperativismo no Oeste do Paraná*. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR. p. 39.

efetuassem a compra da área denominada Fazenda Britânia, espaço ao qual pertence o atual município de Marechal Cândido Rondon, que recebe inicialmente a denominação de Zona Bonita, passando mais tarde a ser denominada de Vila de General Rondon, sendo que em 1952 este pequeno povoamento passa a ser distrito administrativo do município de Toledo. A fotografia a seguir mostra o primeiro grupo de migrantes sulistas que vieram fixar residência na sede do atual município em meados de 1950.

FOTO 1 – Grupo de Migrantes a fixar Residência na Zona Urbana de M.C.Rondon.



FONTE: Revista Recado, v.1, n. 3, p.5, 25 jul. 1974.

Nesta década, teve início, em grande escala, a corrente migratória procedente dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para a Fazenda Britânia. Os migrantes foram chegando em levas sucessivas, ocupando os seus lotes, cada qual com seu sonho e sua forma de trabalhar e de viver, contribuindo

para a construção da história do Oeste do Paraná, iniciando a colonização com a derrubada da mata e o preparo do lote adquirido, formando as primeiras roças e pastagens em meio à mata semi-virgem. No quadro abaixo encontram-se discriminados os nomes, número de migrantes e a procedência dos mesmos:

QUADRO 1 – População de Zona Bonita (Mal. C. Rondon) em 1950.

Nome	Procedência	Mês	Adultos	Crianças
Antônio Rockembach	Panambi/RS	Março	1	2
Erich Richter			1	-
Oswald Heinrich			1	-
Benno Weirich	Panambi/RS	Abril	1	1
Alice Weirich	Panambi/RS	Julho	1	-
Lauro Weirich			1	-
Nascem gêmeos	Zona Bonita	17/8/50	-	2
Ervin Schaeffler	Panambi/RS	Outubro	2	1
Arlindo Kribler			2	4
<b>Total</b>			10	10

FONTE: HEINRICH, Oswald. *Entrevista concedida a Lia Dorotéa Güths. Marechal Cândido Rondon, 27 ago., 1998. (Elaborado e organizado por: Lia Dorotéa Güths, nov/1998).*

Já em 1956, a população do distrito de General Rondon havia crescido consideravelmente como podemos verificar no quadro que segue:

QUADRO 2 – População de General Rondon e Toledo em 1956.

Povoados	População Total	População Urbana	População Rural
General Rondon	1.200	620	580
Toledo	1.910	1.410	500
<b>Total da Fazenda Britânia</b>	<b>3.110</b>	<b>2.030</b>	<b>1.080</b>

FONTE: OBERG, K.; JABINE, T. *Toledo : um município da fronteira Oeste do Paraná. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960, p.30-31. (Estudos n. 3). (Organizado por: Lia Dorotéa Güths, 1998).*

Para complementar as informações referentes ao crescimento populacional, o quadro abaixo serve como instrumento para mostrar este crescimento, entre o período de 1960 a 1996.

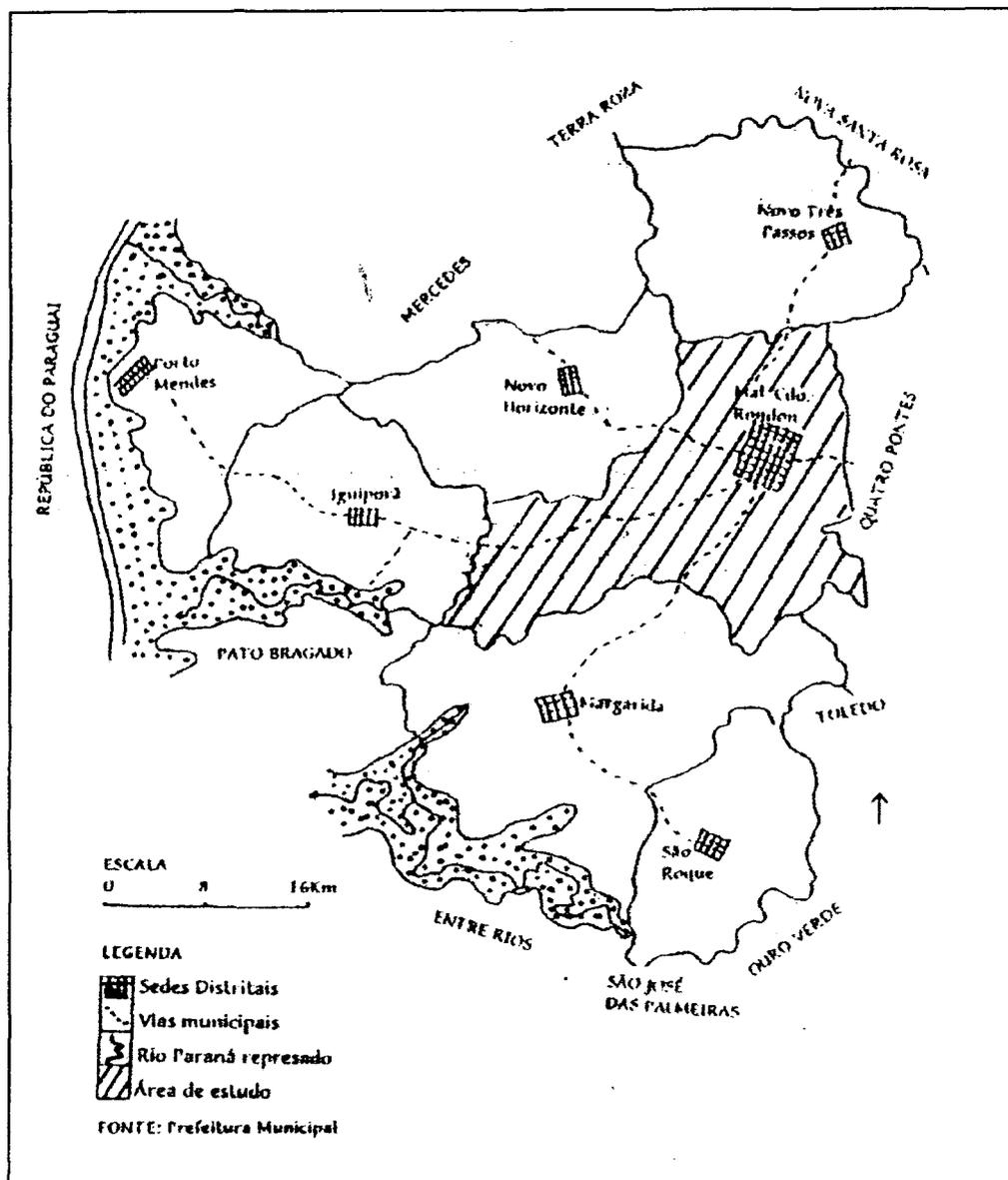
QUADRO 3 – População e Área do Município de Mal. Cândido Rondon (1960-1996).

Ano	Pop. Total	Área/Km <sup>2</sup>	Hab/Km <sup>2</sup>	Pop. Urbana	%	Pop.Rural	%
1960 (1)	12.848	1.206,00	10,65	9.906	77,1	2.942	22,9
1970	43.776	1.206,00	36,30	7.189	16,4	36.587	83,6
1980	56.210	1.206,00	46,60	25.076	44,6	31.134	55,4
1991 (2)	35.105	1.061,60	33,07	22.028	62,7	13.077	37,3
1996	37.608	881,76	42,65	22.685	60,3	14.925	39,7
1996 (3)	46.461	881,76	52,69	30.974	66,7	15.487	33,3

FONTE: Entrevistas, OBERG (1960), Censos Demográficos de 1970/1991 e de 1996 realizados pelo IBGE. (1) Até 1960, o município era distrito de Toledo; (2) Em 1982, 12% do município é alagado, ocorrendo a emigração; em 1991, quatro distritos são desmembrados, ocorrendo a perda de 14.196 habitantes da população total (4.332 pop. urbana e 9.864 pop. rural) e 16,94% da área municipal; (3) Levantamentos da Prefeitura Municipal. (Quadro elaborado e organizado por: Lia Dorotéa Güths, 1998).

Como visto, os migrantes contribuíram para que em menos de uma década esta localidade conquistasse sua emancipação política, sendo elevado à condição de município em 25 de julho de 1960, passando a ser denominada de Marechal Cândido Rondon. No mapa abaixo podemos visualizar sua divisão e os limites atuais do município.

MAPA 2 – Divisão e Limites do Município de Marechal Cândido Rondon.



FONTE: organizado por Lia Dorotéa Güths. 1998.

Conforme menção anterior, a maior parte da população residente no município no período da colonização era oriunda dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, característica colonizatória que pode ser observada através do quadro elaborado a partir dos dados do Censo de 1970.

QUADRO 4 – Estados de origem da população de Mal. Cândido Rondon (1983)

<b>Estados</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>
Rondônia	01	-	01
Pará	01	01	02
Ceará	04	02	06
Paraíba	06	01	07
Pernambuco	28	25	53
Piauí	01	-	01
Alagoas	04	01	05
Sergipe	04	02	06
Bahia	66	45	111
Minas Gerais	282	205	487
São Paulo	139	142	335
Paraná*	6.576	6.220	12.796
Espírito Santo	44	46	90
Rio de Janeiro	02	08	10
Santa Catarina	4.787	4.429	9.136
Mato Grosso	22	14	36
Goiás	04	-	04
Distrito Federal	06	05	11
Rio Grande do Sul	10.516	9.586	20.102
<b>TOTAL</b>	<b>22.550</b>	<b>20.735</b>	<b>43.285</b>

(\* Incluídos os habitantes nascidos no município).

FONTE: CÂNDIDO Rondon: 23 anos de trabalho e de progresso. O Paraná, Cascavel, p. 8, 23 jul. 1983.

Foi no período de 1950 a 1970 que grande parte da colonização das terras do Oeste do Paraná foi realizada por companhias privadas, o que resultou na constituição de vários núcleos coloniais, alicerçados sob o sistema da pequena propriedade e da policultura.

Entre estes núcleos, está Marechal Cândido Rondon e para analisar a história deste município é importante destacar que no presente trabalho, não nos detivemos em buscar comprovar a veracidade ou não dos relatos e isto foi nos sugerido a partir da leitura da obra *São José dos Pinhais: a trajetória de uma cidade*, de Maria C. Colnaghi, Francisco de Borja B. de Magalhães e de Marionilde Dias Brepohl de Magalhães. Na introdução da obra, os autores advertem que:

no que se refere particularmente aos depoimentos não houve a preocupação em avaliar a veracidade ou não das narrativas de cada entrevistado, tampouco a legitimidade de suas falas, pois entendeu-se que cada fragmento dessas memórias é carregado de impressões e interpretações e que modificam o passado segundo sua experiência no presente, uma atividade inerente ao próprio ato de historiador<sup>40</sup>.

Assim, passaremos a seguir, a analisar os relatos dos migrantes e pensar suas experiências guardadas sobre um espaço que estes irão, a partir de suas falas, reconstruir através de paisagens e imagens que, segundo seus autores, foram reais e que tiveram e, porque não dizer, ainda têm significados relevantes para estes entrevistados.

Antes de finalizar esta primeira parte, faz-se necessário uma última observação sugerida a partir da leitura da tese de doutoramento de Paulo Salles, intitulada *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*, estudo este que aborda as relações entre diferentes gerações da cidade de Marília, município do interior do Estado de São Paulo. Em seu trabalho, Salles faz a opção em substituir o verdadeiro nome dos entrevistados por nomes fictícios, objetivando preservar a identidade das pessoas, pois em seu estudo "não seria difícil para uma

---

<sup>40</sup> COLNAGHI, Maria Cristina; MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. *São José dos Pinhais : a trajetória de uma cidade*. Curitiba : Editora Prephacio, 1992. p. 6-7.

pessoa curiosa e residente em Marília identificá-los. Nomes trocados não invalidam a pesquisa, não distorcem conteúdos e protegem a intimidade dos sujeitos<sup>41</sup>.

Outro motivo que nos incentivou a optar pela adoção de nomes fictícios dos entrevistados, é o fato das entrevistas que compõe o acervo do centro de pesquisa que consultamos, não estarem acompanhadas de um termo de Doação e Cessão de Uso de Documentos Históricos. Este termo de cessão ou, como denomina Verena Albert, "carta de cessão"<sup>42</sup>, vem a ser a permissão por escrito e assinada pelo entrevistado para que seu depoimento possa vir a ser usado pelos pesquisadores e pelo público em geral. Segundo Verena, a carta de cessão é um elemento fundamental para, de certa forma, oficializar estas fontes.

Portanto, achamos que este documento nos daria uma maior segurança para mencionar os verdadeiros nomes de nossos entrevistados. Na falta deste e, buscando precavermo-nos de possíveis inconvenientes futuros, de caráter ético ou mesmo jurídico, optamos pela sugestão de Paulo Salles: a arte de criar nomes fictícios (ver ANEXO 3). Ao utilizarmos este recurso, qualquer semelhança com nomes verdadeiros será, portanto, mera coincidência.

---

<sup>41</sup> SALLES, Paulo. **Vidas compartilhadas : o universo cultural nas relações entre avós e netos**. São Paulo , 1993. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo. p. 29.

<sup>42</sup> ALBERT, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. p. 151.

## CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA DE MIGRANTES: A TRAJETÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

“Meu marido, quando voltou de olhá as terras, disse: frau\* nós aqui não temo terra e lá é barata. Também podemo comprá prá die Kinder\*, eles vão precisá. Tas is gests zeit\* para a gente se mudá. Assim ele falou”. (G. P.).

Nesta parte do trabalho trataremos da colonização de Marechal Cândido Rondon sob o olhar dos migrantes. Nosso objetivo, ao colhermos memórias, usando uma expressão de Ecléia Bosi<sup>43</sup>, é compreender de que modo os migrantes concebem e narram um processo no qual foram integrantes. Portanto, tomamos como referência seus relatos, buscando compreender o vivido concretamente: desejos, angústias, alegrias, enfim, experiências.

O interessante é que seus relatos remetem-nos a reflexões acerca das possibilidades que a fonte oral oferece para compreender o passado a partir do modo de ver de quem está recordando, pois lembrar, segundo Ecléia, é uma atividade do presente.

---

\* Mulher.

\* As crianças.

\* Agora é o tempo.

<sup>43</sup> BOSI, op. cit., p. 3.

Paralelamente, torna-se imperativo considerar o fato de que a memória dos migrantes é subjetiva, pois o entrevistado ao recordar tem o poder de selecionar os fatos que julga serem importantes, buscando passar uma imagem construída por ele, tendo como suporte estes fatos. Assim, nesta construção apresenta-se uma imagem carregada de subjetividade, onde aparecem traços que definem como o entrevistado quer ser recebido pelos outros.

Isso significa que o ato de recordar experiências vivenciadas no passado é, portanto, um processo em que os indivíduos que estão recordando irão “mapear pontos de referências de uma história de vida como está sendo percebida no presente”<sup>44</sup>.

Dessa forma, recordar não é um mecanismo que fomenta a possibilidade de reviver as experiências que nos são relatadas, mas são um produto de reflexão sobre suas experiências, uma forma de pensar sua trajetória de vida. O entrevistado, portanto, ao dirigir o seu olhar ao passado, relata uma realidade tida como familiar e conhecida e é neste sentido que devemos analisar e interpretar os fatos rememorados presentes nos fragmentos dos relatos transcritos.

---

<sup>44</sup> MALUF, op.cit., p. 76.

## 2.1 MOTIVOS DA VINDA

“Sempre falei prá minha família que nós braucht nur der lant, un den\* nós junto (...) a família toda consegue uma coisa (...) por que sem terra (...) só trabalha e não junta nada. As crianças, nós tinha que pensá nelas (...) daí vim e gostemo”.  
(O. H.).

Visando compreender a trajetória da colonização de Marechal Cândido Rondon a partir dos relatos dos migrantes, consideramos ser necessário, neste momento, buscar nesses relatos os fatores que influenciaram na decisão destes em deixarem seu local de origem e migrarem.

O que nos chamou atenção é que alguns entrevistados, na medida em que relembram os motivos de sua vinda, relatam, primeiramente, o impacto que tiveram no momento de sua chegada, descrevendo uma situação onde está implícito o abalo emocional conseqüente de um sentimento profundo de ainda pertencer ao seu local de origem pois, aparentemente, antes de migrar para este novo espaço físico, ocorre, por parte dos migrantes, um processo de idealização do lugar de destino.

Uma das migrantes, a senhora Marta Winkel, relata da seguinte maneira sua chegada: “Eu fiquei tão desesperada, eu nem desembarquei, fiquei em cima do carro chorando (...) eu não queria ficá (...) ninguém falou que era assim, só mato” (M.W.). O que possivelmente ocorreu foi uma diferença entre o conjunto de imagens

---

\* Necessitamos apenas de terra, e daí.

que provavelmente esta entrevistada havia criado sobre o novo local de destino de sua família e a realidade da situação com a qual se deparou.

Da mesma forma, este desespero pode ser identificado no relato da senhora Germina Peter, ao refletir sobre os fatores que motivaram a sua família a deixar seu município de origem, Chiapeta, município do Rio Grande do Sul, e migrar com seu esposo e filhos em 1953<sup>45</sup>. Em sua fala, afirma:

Wenn mia komem\*, meu Deus, eu pensei assim: vou buscar me amparar em meu Deus, se é prá acontecer em alguma coisa, porque por onde eu olhava era puro mato (...) Tomara que Deus nos ajude prá que nada aconteça prá nós(...), se o homem fala com Deus e pédi para o bondoso pai, ele atende seu pedido (...) porque isso não é fácil, assim tudo mato (...). (G. P.)

A exemplo do relato anterior, as reflexões sobre as experiências vivenciadas por D. Germina Peter também nos revelam que ficou marcada em sua memória a impressão que teve no momento da chegada, mas, apesar do desânimo inicial, deixa transparecer sua religiosidade e nela busca amparo espiritual.

Os relatos sobre o momento da chegada revelam, portanto, assim como no primeiro exemplo, que a realidade encontrada, por alguns migrantes, não se adequou aos seus sonhos. As lembranças sobre o ato de migrar, neste caso, estão impregnadas de imagens que vêm a sua mente, encontrando-se enraizadas com o seu passado anterior, de suas cidades de origem.

Este fator propiciou, sobretudo, profundas emoções: “porque eu não queria ficá mais, o que eu ia fazê. Tinha que desembarcá também, eu desembarquei chorando (...) eu queria voltá, daí aconselharam nós, uns conhecidos falaram, disseram que isso ia mudá, isso era duro”. (M. W.)

---

<sup>45</sup> Ano em que a Vila de General Rondon foi criada distrito de Toledo pela Lei Municipal nº17 de 06 de julho de 1953.

\* Quando nós chegamos.

Além disso, em ambos os relatos fica evidente que o período inicial da colonização de Marechal Cândido Rondon, representou uma fase muito difícil de suas vidas em que necessitavam vencer muitos obstáculos e, conseqüentemente, no momento em que se reportam à justificativa que os levou a migrar, relembram com maior ênfase esta experiência.

Assim, “provavelmente a situação psicológica, aliada à saudade e à dura realidade do mato fechado que precisava de muito suor para ser vencido, foram ingredientes que muito peso tiveram na vida dos primeiros colonos”<sup>46</sup>.

É necessário lembrarmos que as adversidades relacionadas ao momento da chegada encontram-se mais freqüentemente presentes nos relatos de pessoas do sexo feminino. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que, na maioria das vezes, cabia aos homens, como chefes da família, a decisão de migrar e a escolha do local para onde a família iria, pois geralmente os homens vinham primeiro olhar as terras e, caso estas lhe agradassem, posteriormente toda a família se deslocava para o local por ele escolhido e, desta forma, a mulher e os filhos migravam para uma localidade desconhecida. Isto transparece em falas como esta: “ele já tava aqui e gostou e aí comprou um pouco de terra, achou muito boa (...) mais meu marido queria vir e disse que aqui era bonito e nós ia se dá muito bem (...) eu gostava onde nós morava (...)” (G.P.). Também notamos esta situação na fala de Marta Winkel: “ele veio uma vez antes, mas nós compramos essa terra do sogro, o sogro tinha duas colônias e meia então essa meia colônia ele cedeu prá nós prá vim junto porque ele era o filho mais velho da casa (...) nós tava casado pouco tempo, ele tinha 26 anos já (...)”. (M. W.)

---

<sup>46</sup> MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã : 160 anos de história*. Porto Alegre : EDUES, 1981. p. 96.

Encontramos presentes nos relatos transcritos, a condição de submissão da mulher com relação ao marido: "(...) nós mulher devemos segui os marido, o que ele resolve nós temo que sempre ajudá, apoiá (...). Daí ele falou que ia tudo dá certo (...) e eu acreditei e ajudei. Assim viemo, ele primeiro prá comprá terra (...) depois veio buscá a mudança e daí foi que eu e as criança viemo". (M. R.)

Como podemos notar, os relatos revelam que estas mulheres voltam suas esperanças para as promessãs feitas por seus esposos, de um futuro melhor em um outro local. Cabe ao homem o papel de chefe de família, a ele cabia a decisão de migrar e a participação da mulher consistia em auxiliá-lo, pois era tida como uma colaboradora.

Assim, o ato de migrar era para muitas mulheres a possibilidade de concretizar os sonhos... do marido.

Além disso, há de ser considerado que estas famílias ao deixarem "a terra natal [necessitaram] deixar para trás laços de parentescos e de amizade em troca da promessa de um futuro que seria melhor"<sup>47</sup>. A possibilidade do casal concretizar o sonho de se tomarem proprietários de um lote colonial, mesmo que para tanto suas vidas tenham que ser marcadas por mudanças abruptas, foi o motivo que levou estas famílias a migrar, rompendo laços de amizade e relações familiares.

---

<sup>47</sup> GREGORY, Valdir. **Os euro-brasileiros e o espaço colonial** : a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Rio de Janeiro, 1997. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense. p. 87.

Tal situação nos revela que para o filho, o ato de migrar criou, neste caso, as condições facilitadas para adquirir sua parcela de terra, pois a terra é elemento fundamental para o novo casal formar sua unidade doméstica. Podemos evidenciar, também, que, por ocasião do casamento, o filho deixava de prestar serviços ao pai, pois iria realizar atividades em sua própria propriedade, no entanto, a partir do casamento, este jovem conquistou apenas uma independência relativa: “um jovem recém casado não tem condições de comprar terra, mesmo em pequena quantidade, dependendo inteiramente do pai (...) pois o casal que inicia um ciclo familiar precisa ter moradia e terras para plantar, (...) o pai pode ceder aos seus filhos uma certa quantidade de terras”<sup>48</sup>.

Segundo a senhora Marta Winkel, mesmo que o casal construísse a sua própria unidade produtiva, continuava dependente financeiramente, pois o pai do noivo apenas facilitou o pagamento da terra e não as concedeu ao filho. “O casamento - mais do que qualquer outro acontecimento - é a ocasião em que o pai deve dar uma contrapartida, uma espécie de compensação pelos anos em que os filhos e as filhas trabalharam sob sua autoridade”<sup>49</sup>.

Esta compensação, neste caso específico, foi o parcelamento do valor da terra, pois “prá nós vim junto ele deu essa terra, não deu praticamente prá nós, nuar só sint mier komen\*, só por isso (...) nós ia pagando essa terra aos poucos para ele”. (M.W.)

No entanto, é possível verificar na entrevista uma multiplicidade de motivos que fomentaram a migração para o Oeste do Paraná, especificamente para

---

48 SEYFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, nº.52, p. 18, maio de 1985.

<sup>49</sup> Idem, p. 19.

\* Apenas assim nós viemo.

a então localidade de General Rondon, no início dos anos cinquenta. A família Peter migrou por motivos de trabalho do esposo, pois seu marido era construtor de casas, moinhos e serrarias, exercendo assim atividades que no período da colonização eram muito reivindicados, se levamos em conta que quase tudo estava por fazer:

ich bim komem val her volt komem\*, ele já tava aqui, gostou e aí ele comprou um pouco de terra, achou muito boa, e ele também veio para trabalhar, ele montava as serrarias e moinhos, e construía casas (...) daí ele veio buscá eu e as crianças, ainda pequenas, daí eu tinha que vir junto, aine frau mus imer mit saim man guegenen in alês\*, daí eu vim, só por isso eu vim. (G.P.)

Considerável número de entrevistados revelam que ao migrarem voltam suas esperanças para um futuro melhor. Vejamos, por exemplo, os registros contidos na entrevista coletiva realizada com a família Hinygert, tendo a participação de seis membros desta família, procedente de Guaíba, Rio Grande do Sul, que migraram em 1951 para Marechal Cândido Rondon:

nóis não tinha terra lá, daí nóis viemo prá cá, nóis, os treis irmãos e as nossas treis mulheres, tudo num caminhão com 10 crianças (...) Nóis era agregado em terras de gente estranha, gente boa, oito anos nóis trabalhamo lá na granja de arroz (...) Nóis era em 10 irmãos e meu pai só tinha uma colônia de terras e com moro, daí nóis tinha que sai pelo mundo, somos filhos de Deus, e virar-se sozinho (...) Então nóis saimo de lá porque nóis não tinha terra, nóis era pobre (...) tinha que arrumá prá nóis e prá colocá estas crianças. (F.H.)

Aqui, percebemos que a vontade e a necessidade de tornar-se proprietários e de obter sucesso são possibilidades a serem concretizadas pelos migrantes que se dispunham a deixar seus locais de origem e estabelecer-se em um local que fornecesse a perspectiva de realizar seus sonhos.

---

\* Eu vim porque meu marido queria vim.

\* Uma mulher deve sempre acompanhar o seu marido em tudo.

Portanto, os problemas vividos por esta família no seu cotidiano restringiam-se, principalmente, à impossibilidade de vislumbrar no local de origem a concretização de seus sonhos, de tornarem-se proprietários.

A senhora Arminda Print ressalta que "lá nós morava com o sogro, plantava às meia com ele, a terra era do sogro (...) o marido já veio para cá prá vê como é que era. E era tudo mato. Daí ele falou quando voltou, se eu não ia me assustá. Nós ia entrá no matô, Fazê o quê. Tem que melhorá a vida porque os filho lá não dava mais né, nós precisava de terra". (A. P.)

Os exemplos acima nos revelam que as perspectivas de melhorar as condições econômicas foram um convite para estas famílias migrarem. As situações relatadas pela família Hinygert e da senhora Arminda, nos revelam que as preocupações não se voltavam apenas para a aquisição de terras, mas consideravam também a perspectiva dos filhos virem a se tornar proprietários no futuro. Tais circunstâncias da vida destas famílias foram elementos considerados importantes no momento de decidirem a sua transferência para uma nova localidade.

O senhor Adolfo Metin, procedente da Linha Peretí, Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, mudou-se para Marechal Cândido Rondon na década de 1950 com a esposa e mais sete filhos. Em uma de suas falas, ele afirma:

vim dia vinte de agosto de 1954, (...) saí de lá para melhorar de vida (...) achava melhor vim aqui do que fica né, na terra velha, lá ainda produzia mais, a questão é que tinha muita pedra na terra (...) além disso aqui tinha mais recurso prá comprá mais terra prá os filhos, prá eles se arrumá também. (AM)

É interessante observarmos aqui que, apesar de algumas semelhanças com os relatos anteriores, este fragmento acrescenta outro aspecto relevante, ou seja, a dificuldade que os migrantes encontravam para trabalhar suas terras nos

municípios de origem, devido ao relevo ser acidentado e de difícil manejo. Desejavam, por isso, terras que proporcionassem melhores condições de cultivo.

Assim, diante destas circunstâncias, muitos optaram pela alternativa de migrar.

Olívio Tartarini tinha objetivos idênticos: “vim à procura de terras melhores. É que lá tinha muita pedra (...) e morro, eu queria terras com melhores condições de plantio (...) a gente ganhou do pai terra, mas era pouca (...) tinha que arrumá mais prá daí depois dá pros filho da gente”. (O. T.)

As narrativas expressam, além das situações de adversidades que estes tinham em trabalhar suas terras nos seus locais de origem, a preocupação com o futuro dos filhos, através da possibilidade de torná-los proprietários de terras.

O que não podemos esquecer é que a vivência destes migrantes no seu local de origem, no meio rural, estava estruturado por laços familiares e de vizinhança que marcavam sua experiência social, seus valores e seus hábitos e que para a sua preservação, os sujeitos optaram pela migração.

Dessa forma, migrar representou a perspectiva de ver concretizado um sonho que era simbolizado pela aquisição de terras, propiciando um futuro para os filhos e, ao mesmo tempo, a possibilidade de aquisição de uma área de terras que oferecesse melhores condições de trabalho para a família, com solos férteis, “livres de pedras”.

Segundo Maidi Ross:

Eu vim com seis filhos (...) seis filhos trazendo de lá e aqui tive mais quatro filhos (...) dez filhos eu tinha, onde nós morava em Erechim não dava prá ficá com tantas crianças (...) nós não tinha terra suficiente para nos mantê, porque na nossa terra, lá, tinha cada morro e pedra. Das war de motiv principal das mir

volte kame\*, [porque lá] nós não colhe bem. Aqui é tudo limpo, qué dizê, plano.  
(M. R.)

O que fica perceptível ao analisar as entrevistas dos migrantes é que uma das preocupações mais constantes e relevantes para a maioria dos componentes deste grupo era o fato de que, além do ato de migrar abrir a possibilidade de aquisição de terras para si e para seus filhos, possibilitava também reproduzir nestas terras as atividades a que já estavam habituados, entre elas, a prática da policultura e o trabalho em família, como podemos depreender da fala de Olívio Tartarini: “vim à procura de terras melhores, com melhores condições para plantar (...) para cultivá um pouco de tudo, porque todos trabalhava na roça, né, os filho tudo ajudava”.  
(O.T.)

---

\* Este foi o motivo principal para nos querermos vir.

FOTO 2 – Filhos de famílias de imigrantes (1953).



Na foto acima aparecem filhos de diferentes famílias. Detalhe curioso: nos degraus da pequena escada foram colocados "carás" (espécie de mandioca), como amostra da fertilidade do solo.  
FONTE: Acervo particular de Lia Dorotéa Güths

Segundo Adolfo Metin,

um pouco, a custa do boi e da enxada plantemo milho, mandioca e trouxemo porco e galinha do Rio Grande do Sul (...) e aqui tinha mais recurso prá se comprá mais terra, prá os filho se arrumá também alguma coisa. (A. M.)

O que chama a atenção são as semelhanças das preocupações dos migrantes ainda no local de origem, buscando mecanismos que garantissem aos filhos a posse de uma área de terras. Fica evidente ainda que seus desejos de progredir estiveram norteados por suas experiências. Tal situação significa que o migrante, na nova localidade, buscava reproduzir seu modo de vida. Tais informações estão presentes no relato de Adolfo Metin, que afirma:

eu vim por intermédio do meu amigo Fritz, que ele era agrimensor (...) dois ano ele já tava trabalhando aqui prá firma *MARIPÁ* (...) Ele me escreveu, disse prá vir aqui porque tinha bastante terra (...) bem boas dava prá plantá tudo, milho, mandioca, feijão, batata-doce (...) dava o que a gente já tava acostumado a lidá. (A. M.)

Nas lembranças relatadas pelo senhor Francisco Sornberger, também encontramos implícito que sua família buscou reproduzir e manter aqui a mesma estrutura de produção colonial em que estavam inseridos.

Vim de Getúlio Vargas. Naquele tempo tava mais ou menos lá, dava para viver bem mesmo (...) porque nós tinha a colônia lá e tudo né. Nós plantemo pouco né, mais sempre uma coisa se vivendo disto, né..., alguns porco, né..., como uma colônia precisa. Mais sem sorte não dá, e aí nós saímo de lá. Não adianta ficá num lugar onde se tá e não vai prá frente. Tava doente, tava isso, tava depois a mulher também, depois as crianças também doente né.... E foi assim depois saímo de lá prá vim prá cá, né, e naquele tempo nós viemo prá cá era mais ou menos. Nós passemos bem não é, não fizemo capital como muitos deles né, como vou dizer, eles tem mais sorte, não é? (...) *Comecemo como era antes no Sul, plantemo mandioca, milho e dava bem* (...). Aqui a terra era boa, era mais boa. (F. S.) [grifos nossos]

As evidências das situações não diferem muito, sendo estes extremamente ricos na descrição do que motivou a vinda destes migrantes.

Percebemos que já enfrentavam, em seus municípios de origem, dificuldades e estas foram condicionantes que contribuíram para estas pessoas buscarem terras melhores, com possibilidade de continuar o desenvolvimento da policultura e do uso da mão-de-obra familiar, desenvolvendo uma policultura de subsistência, acrescida da criação de porcos e aves.

Assim, é certo que em Marechal Cândido Rondon foram os migrantes que realizaram as primeiras experiências com a agricultura sistematizada. Deste modo, passaram a ocupar o espaço físico do município em busca da concretização de seus anseios: um futuro melhor para si e para seus filhos.

A necessidade de buscar uma terra “mais boa”, garantia de uma agricultura que levasse à abundância e capaz de proporcionar o sustento da família, era vista como mecanismo de manutenção de um espaço que fornecesse as condições para continuar com seu modo de ser. Este espaço, segundo suas falas, era um lugar em que podiam viver segundo seus próprios costumes, o que os fazia sentirem-se dinâmicos, pois possibilitava a manutenção de valores como, entre outros, a valorização do trabalho como suporte para o desenvolvimento tanto material quanto espiritual.

Além de fornecer boas terras destinadas à lavoura, este espaço era também habitável, onde o migrante construía sua casa, mesmo que precária nos primeiros anos, erguendo nesta mesma área toda uma infra-estrutura como galpão, chiqueiro, galinheiro, pois estas eram infra-estruturas básicas indispensáveis para a sobrevivência nesta “boa terra”. Estas infra-estruturas estão também associadas ao seu modo de ser.

Nos fragmentos dos relatos que transcrevemos a seguir, percebemos que outros objetivos também promoveram a migração de algumas famílias.

É o caso do senhor Arnaldo Rocketen:

vim de Panambi, Rio Grande do Sul em 1950 (...) Nossa família era grande, nós precisava, era difícil de conseguir alguma coisa, naquela época né, precisava expandir, a gente ia crescendo né, os irmãos mais velhos estavam servindo, já eram grandes, eu era pequeno, tinha mais três irmãos menores com minha irmã (...) Então a gente precisava achar um novo lugar para se colocar, prá cada um mais tarde ter alguma coisa (...) Nós era fabricante de erva-mate lá no Rio Grande do Sul (...) e aqui nós trabalhamos quatro anos com erva, ali com a firma e o Empório. (AR)

No início do relato acima, estão presentes as dificuldades existentes no local de origem desta família de migrantes. De fato, as diversas dificuldades constituíram-se em obstáculos para que a família permanecesse na sua comunidade. Para continuar a produzir sua subsistência básica, neste caso específico (fabricantes de erva-mate), estes sujeitos tiveram que se deslocar para buscar, além do sustento da família, melhores perspectivas para o futuro dos filhos.

No ato de rememoração do passado feito pelo senhor Arnaldo Rocketen, estão presentes pontos de referência que permitem uma análise mais detalhada dos fatores que impulsionaram a migração e que nos remete a um aspecto interessante acerca da migração nos estados sulinos neste período. Referimo-nos às altas taxas de natalidade, que impulsionaram o aumento dos excedentes de mão-de-obra.

Para tanto, devemos considerar que no final dos anos 40, no Estado do Rio Grande do Sul, o mercado de trabalho não comportava a oferta de mão-de-obra disponível.

Fato que pode ser comprovado, se tomarmos como referência as constatações levantadas por Astrid Küchmann que nos apresenta os seguintes dados: "entre 1949 e 1959 (...) foram criadas na indústria 18.000 lugares de trabalho. Nesta mesma década a força de trabalho no Rio Grande do Sul subiu para 40.000.

O setor industrial pôde absorver tão somente 4,5% desta demanda”.<sup>50</sup> E, além disso, devemos considerar que a mão-de-obra liberada pelo campo não é uma mão-de-obra qualificada, fator que reduzia a possibilidade desta população encontrar uma colocação no mercado de trabalho nos centros urbanos.

Nos fatos recordados pelo senhor Arnaldo, podemos evidenciar que cada membro da família é por ele considerado como uma unidade produtiva, daí a importância de migrar para uma localidade que tenha ainda mercado de trabalho e que possibilite agregar toda mão-de-obra familiar.

Para este migrante, o mecanismo encontrado para perpetuar os modos de vida de seus familiares é a migração. Portanto, os valores familiares que lhe foram transmitidos num período anterior a sua migração revelam práticas que só podem ser preservadas se este modo de vida for “recriado”, em um novo local. Para tanto, a decisão que a família tomou foi migrar para um novo ambiente.

Outros motivos que incentivam a imigração aparecem nas entrevistas dos migrantes, como podemos observar no depoimento de Valmor Wonstein:

eu vim em 1951 de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, mas não vim de muda, vim como corretor contratado pela *MARIPÁ*, como vendedor de terras. Mais tarde me mudei para cá, comprei terra (...) O vendedor arrumava a caravana e a trazia aqui e ofereciam a terra, é aí ganharam comissão. Era 13% sobre o lucro da venda, mas recebia de acordo com o pagamento, não no ato. (V. W.)

Ou ainda de Osni Nedring:

eu vim de Porto Alegre, cheguei em seis de novembro de 1950. Eu naquela época vim contratado pela *MARIPÁ*, como contador. Eu trabalhava nessa profissão em Porto Alegre, pois minha especialização era perícias contábeis. (O. N.)

---

<sup>50</sup> KÜCHMANN, Berlindes Astrid. *O minifúndio gaúcho : ajuda técnica como alternativa?* Porto Alegre : Escola Superior de Tecnologia São Lourenço Brindes, 1980. p. 143.

Além destes, podemos ressaltar outro exemplo. Aqui é o senhor Armindo Arno Lambert que nos fala :

eu vim de Lageado, Estado do Rio Grande do Sul, e vim para Marechal Cândido Rondon em maio de 1955 (...) eu ia bem no Rio Grande do Sul, eu era comerciante, mas o comércio você sabe ele é cansativo (...) cansei e já não tinha muita vontade e apareceu uma oportunidade prá vender, então como já conhecia essa região, região de bastante futuro, eu já havia adquirido lote de terra aqui na região, e trouxe a minha patroa prá fazer uma visita para ver se ela ia gostar e ela gostou. Então nós resolvemos vir para cá (...) era uma das regiões do Brasil de melhores terras e das poucas que ainda existiam, e foi este um dos motivos que também me trouxe aqui. (A. A. L.)

Outros motivos que levaram à migração estavam relacionados com os conhecimentos adquiridos ainda na comunidade de origem, sendo que estes migrantes distinguem-se dos demais no que se refere aos motivos que os levaram a migrar, possibilitando uma certa estabilidade quando de seu estabelecimento na região<sup>51</sup>.

Além disso, atendendo ao público migrante, estes conhecimentos representavam um símbolo de prestígio para os mesmos.

Fica evidente que assumir um emprego ou desenvolver atividades comerciais, através de empresa privada, ofereceu a este grupo a possibilidade de reforçar seu projeto de vida, pois estavam seguros em seus empregos ou empresas, podendo, assim, viver de uma renda mais estável e garantida.

Deste modo, os diversos relatos nos fornecem alguns fatores distintos que motivaram a migração destas pessoas. Alguns elementos importantes foram direta ou indiretamente destacados: o crescimento demográfico, que provocou o aumento da oferta de mão-de-obra; fenômenos naturais como o relevo acidentado e o desgaste do solo; falta de perspectivas com relação ao futuro das famílias e a

---

<sup>51</sup> O senhor Armindo Arno Lambert, apesar de mostrar interesse na agricultura, fixa residência em Marechal Cândido Rondon para continuar desenvolvendo atividades comerciais.

possibilidade de aquisição de terras suficientes para o sustento de famílias com grande número de filhos.

Diante destas constatações devemos também levar em consideração que, se por um lado o ato de migrar para este grupo de entrevistados significou mudança, incertezas, expectativas e inovações, por outro, como podemos perceber pelo quadro descrito pelo migrante, migrar também significou para este grupo a possibilidade de compensar os futuros fracassos pelo forte enraizamento dos laços de amizade e parentesco, bem como pela preservação dos valores culturais.

Sob estes aspectos, podemos constatar que os valores etno-culturais e ainda o espírito comunitário, fomentaram uma característica de auto-suficiência a partir da organização do seu modo de vida, procurando reproduzir práticas configuradas em seus antigos núcleos coloniais.

Nesta perspectiva, os laços de amizade e parentesco, associados com fatores culturais e religiosos, não podem ser considerados isoladamente como motivadores da migração, pois devem ser associados aos demais fatores mencionados nos relatos, tais como, o estreitamento do espaço econômico pela fragmentação do solo que contribuiu para a migração de um considerável número de famílias rurais, buscando novos espaços e objetivando melhorar as condições de vida dos membros da família, possibilitando assim novas chances de ver concretizar as oportunidades econômicas.

Tais fatores proporcionaram a criação de um espaço que permite uma inter-relação econômica, social e cultural, alicerçada na recriação de seu modo de ser original.

A análise dos relatos, em nosso caso a partir do olhar do migrante, nos oferece possibilidades de contemplar um universo em que os objetivos particulares

de cada migrante parecem ser uma coisa inquietante e, ao mesmo tempo, algo promissor. Em outras palavras, a possibilidade de migrar era encarada com certo medo e insegurança, mas também com sonhos de prosperidade.

Nos diversos relatos vem à tona a idéia de que, no momento da recordação, estes passam a tecer suas lembranças com o olhar de um observador, ou seja, com o olhar de quem repensa um passado já distante, agora com novas dimensões, que possibilita lembrar este passado como intérpretes de suas próprias experiências.

Convém lembrar que ao recordar o motivo de suas vindas, os entrevistados expressam também situações difíceis que necessitaram superar. Alguns relatos reproduzem a imagem que os recém-chegados tinham da nova terra por eles escolhidos. Vemos que estas imagens estão vinculadas ao seu local de origem, ou seja, às condições às quais estavam habituados. Por meio destes fragmentos relatados podemos reconhecer sentimentos de perda, de ruptura com o “velho espaço” e a esperança de um futuro mais promissor no “novo”. Ora, mesmo conhecendo a região Oeste do Paraná, requer esforço considerável imaginarmos as situações vividas pelos migrantes nesta região, durante o processo de colonização.

## 2.2 COMPANHIA COLONIZADORA

“A propaganda era assim eles contaram como era aqui (...) os que vendiam (...) falavam das plantações, que a terra era boa, o que a gente podia planta, falava tudo né (...) acho que sim só não deu foi café (...) o resto deu (...) as pessoas que vinha olha também falava prá gente”. (M. R.).

Foi através da empresa *Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná – MARIPÁ* que chegou à região da Fazenda Britânia o primeiro grupo de colonizadores vindos do Rio Grande do Sul, seguida posteriormente de muitos outros grupos, tanto de gaúchos quanto de catarinenses. Dessa forma, a colonização e o desenvolvimento histórico de Marechal Cândido Rondon estão intimamente ligados a esta empresa colonizadora.

Esta companhia estabeleceu-se na região a partir da aquisição, na década de 1940, da *Companhia de Madeiras Del Alto Paraná*, empresa dirigida por ingleses, que dedicava suas atividades à exploração de madeiras e erva-mate na região denominada como *Fazenda Britânia*. A *MARIPÁ*, empresa comercial constituída por comerciantes gaúchos interessados, sobretudo, na obtenção de benefícios através da venda de madeiras e terras, bem como, da divisão da lucratividade econômica, pois além da comercialização das terras e da exploração, beneficiamento e comércio da madeira, os diretores da empresa tiveram sua efetiva

participação em vários ramos da indústria e comércio.

O senhor Antônio Limant, procedente do município de Crissiumal, no Rio Grande do Sul, em sua entrevista relata como ficou sabendo da comercialização das terras por esta empresa.

Eu fiquei sabendo assim (...) nem pelo rádio e nem pelo jornal, isso veio pessoalmente lá. Então os chefes eram tudo de Porto Alegre e em cada cidade eles iam procurá alguém prá representar isto, estas terras (...) lá, em Crissiumal, um comerciante se interessou. Ele tinha uma caminhoneta e foi até que achou uma caravana e veio prá cá. Aí os primeiros que se interessava já comprava terra na primeira viagem então lá né. De cada lado tinha ido uma pessoa e isso deu a propaganda. Assim foi o início, em outros lugares de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em tudo aqui em volta tinha então esses representantes. (A. L.)

Nas informações relatadas acima, é possível observar que os diretores da empresa colonizadora contratavam corretores de terras nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que organizavam caravanas para trazer as pessoas interessadas. Os primeiros a vir com as caravanas e comprar suas terras, também desempenharam o papel de agentes de vendas, pois “falavam que lá a terra é boa e fácil de trabalhá; é uma maravilha” (AL). Deste modo, ao relatar a existência de terras férteis, clima agradável, facilidades de adquirir um lote, convenciam novos compradores: “eu vim em 1951. Eu vim junto com uma caravana, num caminhão pau-de-arara, com mais vinte e dois gaúchos (...) Depois vieram outros que a gente, que veio vê. Explicava como era aqui, o que dava prá plantá. Tudo nós falemo, assim eles já gostava antes de vim vê” (AM). Como podemos notar, grande parte da divulgação das terras do oeste paranaense ocorreu através de informações repassadas pelos próprios migrantes.

Alguns fatores foram determinantes para o incentivo da migração de parentes e vizinhos dos primeiros compradores. A família Hinygert é um exemplo de família na qual a idéia de migrar surgiu através do incentivo de um parente.

Nóis ouvimo que aqui no Paraná tinha terras prá comprá. O irmão de minha cunhada tava aqui (...) daí troxe fotografias junto e nos contou e nos mostrou (...) ele nos contou tudo. Como era o mato e como eram as construções da casa, mostrou tudo. Daí fomo no meu pai, meu pai tinha vindo junto quando eles vieram, então ele também contou e daí nóis decidimo que também ia vim morar aqui. (F. H.)

Neste relato, novamente podemos evidenciar que a divulgação das terras não ocorreu apenas pelas pessoas contratadas diretamente pela empresa, pois os próprios migrantes também foram “corretores de vendas” das terras.

Eu vim no ano de 1951, mas não vim de muda, vim como corretor contratado pela *MARIPÁ* (...) porque eles aqui quando colonizaram, usavam este sistema, nomearam corretores (...) Então eles cada um na sua região, no sul, arrumaram caravana e trazia aqui e ofereciam então a terra (...) aí, tinha aqui cada uma região certa prá vendê. (...) E aí, ganhavam comissão. Era 13% do lucro da venda. (V. W.)

A estratégia de divulgação das terras adotado pela *MARIPÁ* revela um desejo de estabelecer uma certa homogeneidade populacional no espaço de sua colonização. O fato de que a cada corretor ser destinada uma determinada área para oferecer às pessoas do seu município de origem e arredores, fomentou a possibilidade de várias famílias de uma mesma localidade do Brasil Meridional, em instalar-se na mesma localidade em que seus parentes, amigos ou vizinhos já haviam adquirido suas terras. “A minha região prá trazê compradores era de Santa Rosa, Santo Ângelo e parte de Três Passos. Cada corretor tinha sua região no sul (...) também aqui cada um teve seus perímetros prá comercializar” (V.W.). Os que já haviam se instalado no novo local, buscavam relatar aos amigos, parentes e vizinhos, que vinham conhecer a região, sobre as maravilhas, vantagens e facilidades de se conseguir comprar uma área de terra: “Dar was fur die kolonisten interessant, val mier, quero dizer assim\*, nóis compremo a terra tudo a prazo um

---

\* Isto era interessante para os colonos, por que nós,

terço paguemo à vista e o resto à prestação. Aí nós não conseguimos pagá tudo. Eles esperaram". (F. H.)

Terras férteis, clima agradável, a possibilidade de poder neste local morar próximo dos mesmos amigos e parentes do seu município de origem e o parcelamento na aquisição das terras, foram um convite irresistível para muitas famílias. "A *MARIPÁ* vendia a terra a prazo (...) um terço de entrada e um terço em seis meses e um terço dentro de um ano. Daí a terra teria que ser paga toda em um ano. Mais se não tinha, eles esperava (...) Tinha muita gente que pagô depois". (V. W.)

Portanto, ao parcelar o pagamento das terras que comercializava, a empresa facilitava a aquisição das mesmas, sendo este mais um dos fatores que motivou a vinda de muitas famílias que sentiam o agravamento das dificuldades para adquirir uma área de terras no seu local de origem.

Lá onde nós morava, o preço da terra era alto. Quem vendia prá vim aqui, queria recebê logo (...) porque ia embora e tinha assim despesas até se ajeitá, né (...) a terra lá [ no local de origem] era mais cara porque tinha a construção e tava pronto prá plantá, né. E daí só comprô quem já tinha dinheiro guardado. (...) Nós não podia comprá terra à vista e daí a *MARIPÁ*, como vendeu a prazo, a gente veio porque nós precisava comprá. Vir voltent mier lebent uner lant far uns chafer\*? (M. W.)

Assim, devido à necessidade de adquirir terras para garantir a subsistência da família, estes migrantes encontravam na facilidade de pagamento e na disponibilidade de terras com valor mais acessível, os motivos para migrarem para a região do oeste paranaense.

---

\* Como nós queríamos viver sem terra para nos trabalharmos.

Observamos que, no momento da divulgação das terras, também eram enfatizados os produtos que poderiam vir a ser cultivados para a subsistência e para a comercialização. Vejamos o relato abaixo:

olha eles iam de casa em casa, de quem eles achavam que ia. Não era propaganda na rádio, né. Eles falava e falava a verdade (...) Olha, era difícil alguém voltá sem comprá. Vinham do Rio Grande do Sul, vinha de Três Passos, Lajeado, Arroio do Meio, lá prá baixo...de tudo lugar veio (...) eles falava que podia plantá tudo como lá no sul, mais sem as formigas e as pedras e moros que nós tinha lá. Mostrava fotografias das plantações de milho, mandioca, trigo e também falava que dava muito bem o café. (M. B.)

Além do cultivo dos produtos agrícolas com os quais estas pessoas já tinham experiência no seu local de origem, os corretores de venda incentivavam a comercialização das terras para o cultivo do café. Muitos migrantes foram incentivados por esta possibilidade. Arlindo Tell foi um dos vários migrantes que investiu no cultivo do café: “caí na fria de plantá café. Plantei uns quatro mil pé de café, daí quando tava bem bonito, dois ano já tava plantado aí, i a geada comeu tudo (...) Isso foi em cinqüenta e seis” (A. T.).

O cultivo do café também fora realizado pela família de Cecília Brauck:

No segundo ano em que nós moramo aqui, ali prá baixo isso era puro mato, de manhã cedo era um tapete branco por cima do mato (...) daí sapecou tudo, até o café que nós plantemo. Daí plantemo de novo, meu véio falou que aqui não ia mais giá (...) mais tu vê (...) perdemo de novo o café. Daí ele concordô (...) tiramo o café e plantemo milho e mandioca (C. R.).

Nesse sentido, influenciados pelos corretores de vendas, diversas foram as famílias que migraram para a região, pois ao divulgarem as terras, estes corretores mencionavam o clima e a fertilidade do solo como propícios para o cultivo do café. Esta estratégia de divulgação foi motivo de anedota, contada por vários corretores de terra. Aqui temos a versão de João Fident, que nos conta esta “história”:

Eu tenho uma história prá contá de um corretor. Tinha um corretor de venda [Roque]. Ele contava pros outros corretores assim: aquela gente que lá no sul queria plantá trigo, porque essa gente já era acostumada a plantá trigo (...) quando o trigo dava bem todo mundo tava bem lá (...) daí essa gente queria comprá terra prá plantá trigo e onde tem pinhal da geadá, (...) ficava essa gente que queria plantá trigo e essa gente que queria plantá milho, mandioca, feijão, arroz, vinha prá cá e esses que queria trigo, ficava prá lá. Café, a propaganda era prá trazê aqui. (...) Então um dia o corretor Roque, quando vinha gente de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e do Norte, veio alguns paulista, ali eles pedia terras prá planta café. Ele então levava prá Mercedes. Outra vez vinham os que queria plantá trigo, mas não queria as terras de Toledo. Ele levava prá Mercedes (...) Levava tudo quase prá Mercedes. De noite um dos compradores observou isso, e disse: Como é seu Roque, você falou que não gia e que dá café e pro pessoal de Santa Catarina você falou que gia (...). Depende prá que vocês querem a terra: se é prá café não gia, se é prá trigo gia. (J. F.)

Portanto, dependendo do tipo de produção agrícola que o futuro migrante almejava cultivar, os corretores de venda buscavam direcionar seus discursos para a comercialização das terras. Dessa maneira, como fica perceptível no relato de João Fident, as terras de uma mesma região da Fazenda Britânia, ora eram comercializadas para o cultivo do café, ora para o cultivo do trigo. Assim, o trigo precisava do clima frio para ser cultivado e o café, não suportando geadas, não poderia ser cultivado em regiões onde ocorria sua incidência.

Ao levar em consideração a possibilidade do cultivo de café, muitas famílias, ao desenvolver esta experiência, tiveram sérios prejuízos financeiros.

As condições climáticas adversas, muitas vezes não divulgadas, foram uma decepção para muitos dos migrantes.

Leomar Ceninck, revela-nos em sua narrativa esta decepção:

Falaram prá nós que a terra era boa e ela era mesmo. Mais falaram também que dava bem o café, só que não falaram que aqui fazia tanto frio, e que as geadas queimavam as planta (...) Eu derrubei mato, fiz roça tudo de café (...) daí o que acontece: a geada acabou com nossa plantação (...) Isso foi a única coisa de ruim que eles não falava, que aqui geava (L. C.).

Dessa forma, o clima da região foi fator decisivo para não se levar adiante esta experiência agrícola.

Outro fator decisivo para a vinda dos migrantes para a região foi a utilização de correspondências e fotografias, enviadas a familiares que ficaram no local de origem. Estes, por sua vez, liam as cartas e exibiam as fotografias aos parentes e vizinhos, ficando todos empolgados com a situação de prosperidade relatada através das cartas e visualizada através das fotografias. O relato a seguir é um exemplo claro deste mecanismo de atração de migrantes. Quem nos fala agora é

Maidi Ross:

Aqui nós já tinha alguns conhecidos nossos que também morava em Erechim, eles moravam assim, eram nossos vizinhos daí eles vieram e quando um parente deles que né, tinha ido visitá, eles mandou uma carta prá nós. Contava como era bom, eles também tinham mandado foto mas não prá nós prá os parente, daí eles mostravam estas fotografias. Eu ficava sempre imaginando como será que era (...) um dia ele [ o marido] falou: 'mier machem mit im Paraná\*', os vizinho tão bem lá'. Daí ele veio e comprô terra (...) Quando voltou, nós precisava de um tempo prá arrumá tudo aqui, né. E aí eu pensava, quando ia arrumando as coisa que nós tinha que levá prá começa lá, pensava como era, como ia sê (...) mais tu já sabia ir warem gutens menchest\*. Ficava assim com pena de dexá os pais, mais também queria muito ir. (M. R.)

Como podemos observar no relato, a fotografia foi outro recurso importante no trabalho de divulgação das terras, pois, além da conversa informal, tinha-se em mãos um mecanismo que comprovava o que estava escrito nas cartas. Outro ponto a ser observado no relato de Maidi Ross é a expectativa que esta criou em seu imaginário sobre o novo local, a partir de correspondências enviadas por antigos vizinhos que já se encontravam na nova localidade de destino. Migrar, neste caso, apesar de proporcionar o reencontro com alguns parentes e vizinhos, na nova residência, significava também o rompimento de relações com outros parentes e vizinhos que ficavam, o que gerava um sentimento de perda e angústia.

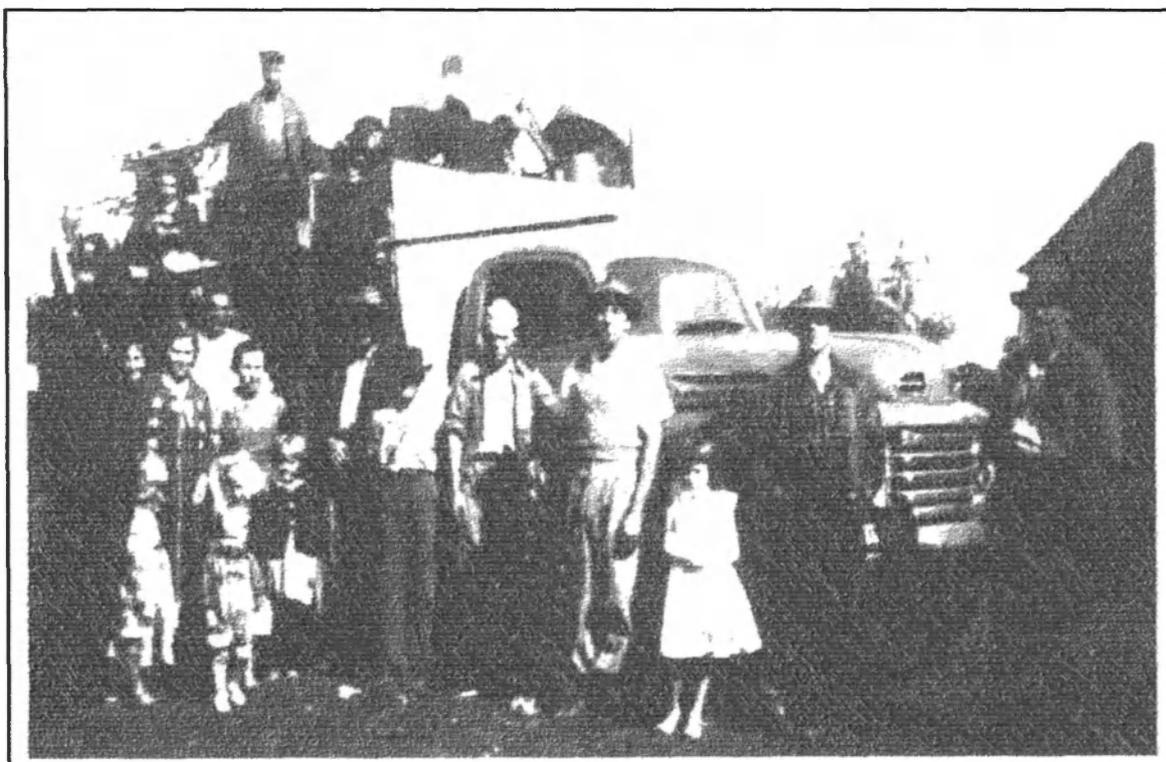
---

\* Nos vamos junto para o Paraná.

\* Aqui tinha pessoas boas

Além disso, “o tempo prá arrumá as coisas” para estas famílias pode ser compreendido como necessidade de um período para muitas vezes desfazer-se de seus pertences, selecionando apenas o mais necessário.

FOTO 3 – Famílias de migrantes: preparativos para a viagem (1951).



A foto registra o momento da partida da família Vorpapel (Erechim – R.G.S.).  
FONTE: Acervo particular de Lia Dorotéa Güths.

Este sentimento de perda aparece também no relato de Germina Peter:

Dir lait hans maine man kessack\*, contaram prá ele das terras e daí depois(...) um conhecido lá em casa contou prá nós, daí ele veio e disse que vinha nos buscá. Ele [o marido] já tava aqui trabalhando. Eu tinha ficado com as crianças. Quando avisou que estava vindo buscá nós, eu fiquei feliz porque nós de novo ia tá junto com as crianças, mas eu pensava: tão longe tem que i. Porque onde eu morava, nós se dava com todos, era bem unido e agora nós precisa deixá tudo. Mais ele queria vim.(G. P.)

---

\* As pessoas contaram para o meu marido.

Neste relato também está presente uma profunda comoção gerada pelo ato de migrar, pois, para esta pessoa, ocasionou separação, rompendo laços de amizade. Apesar deste sentimento de ruptura ser muito forte, a perspectiva de prosperidade falava mais alto.

Nesse sentido, torna-se relevante observarmos que em suas narrativas, alguns migrantes enfatizam que os diretores da empresa colonizadora, cientes das dificuldades por que passariam quando da transferência das famílias para esta região, demonstravam uma capacidade de liderança, incentivando as famílias através divulgação contínua da idéia de desenvolvimento e progresso rápidos.

Um dos “líderes” da colonização do Oeste do Paraná foi o Sr. Willy Barth, um dos diretores da *MARIPÁ* e personagem fundamental para a compreensão do processo de colonização desenvolvido por esta empresa. Coube a ele desempenhar em Marechal Cândido Rondon a função de incentivador dos migrantes. As pessoas que muitas vezes desanimavam, pensando em regressar ao seu município de origem, quando recebiam a visita desse colonizador, passavam a ter mais confiança em ver concretizada a possibilidade de progresso.

Assim, da mesma maneira como não é possível falar da colonização de Marechal Cândido Rondon sem mencionar a empresa colonizadora, o mesmo pode ser dito quando abordamos a empresa colonizadora, ou seja, não nos é possível deixar de mencionar a pessoa de Willy Barth. Logo, a história desta empresa colonizadora está intimamente ligada à pessoa que desempenhou, segundo o relato dos migrantes, o papel de líder. O senhor Odilo Himelt afirma: “Quando estávamos desanimados, sempre recebia a visita e o incentivo do saudoso Willy Barth, nosso amigo e companheiro de todas as horas”. (O. H.)

Willy Barth passou a assumir, ainda no final da década de 1940, a direção da empresa colonizadora. Segundo fragmento do relato de Marta Winkel – que transcrevemos na íntegra devido a sua importância para evidenciar o que estamos afirmando –, quando este assumiu a empresa, ocorreram mudanças significativas:

No começo era tão difícil tudo, mir volten zuricken guenen\* (...) nós sofremo muito, uma das criança adoeceu, médico só em Toledo; quando chovia então, não tinha como sair por que estrada né, nem tinha. Era faze chá, esperá prá vê o que Deus manda. Eu desanimei, ich volt zurick\*. Até que um dia eu, ele e a nossa criança fomo indo, prá conversá com os outro, prá vê o que fazê. Saímo a pé caminhando, chegemo a i até Quatro Pontes [aproximadamente 15 km], lá uns amigos aconselharam a ficá (...) o Willy Barth também sempre dizia que logo isso ia ser uma grande cidade (...) Olha, muitas veis a gente chegou a duvidá dele. Mais ele sabia. O que nós não sabia era que isso ia sê tão rápido (...) A *MARIPÁ* deu terreno prá escolas, prá igrejas, assim quero dizê capelas, botô o Empório, as serrarias e moinhos também, logo veio olarias (...) olha o Willi dizia: 'vocês não vão se arrependê' (...) pena que não dava prá filmá isto no começo e mostrá como já ficou isto em uns dez anos (...) O Willy tava certo quando dizia: 'voceis não vão se arrependê porque nós tudo vamo i bem, só tem que esperá um pouco'. Lá em Santa Catarina também foi difícil no começo, mais depois as pessoas já se organizava, né e daí isso desenvolveu o lugar, assim ele falou prá nós quando nós queria voltá. (M. W.)

O curioso é que os primeiros imigrantes a chegar, mesmo tendo de superar diversas dificuldades que envolviam doenças, carestia de alimentos, transportes, entre outros, quando mandavam notícias a parentes e amigos, como vimos anteriormente, buscam relatar aspectos positivos da região.

Outro fato que nos chama a atenção é a intimidade com que os colonizadores se referem a Willy Barth. É o caso de Marta Winkel que, como vimos, o chama carinhosamente de "Willy".

Como explicar esta liderança de Willy Barth?

A resposta parece estar no fato de Willy Barth já possuir experiência em colonização, pois havia atuado na colonização de São Miguel do Oeste, Santa

---

\* Nos queríamos ir de volta

\* Eu queria volta.

Catarina. Este conhecimento do processo de colonização vem colaborar na escolha das estratégias adotadas para incentivar as pessoas a permanecer e superar as adversidades, pois Willy Barth, além de possuir uma grande capacidade de liderança, já tinha conhecimento prévio das reclamações que poderiam vir a ser formuladas, o que trouxe certa facilidade quando da necessidade de persuasão das pessoas.

Além disso, ainda devido a sua experiência anterior, Willy Barth sabia que era necessário fornecer alguma infra-estrutura básica à população, disponibilizando aos migrantes, entre outras comodidades, lotes e madeira para a construção de igrejas e escolas, campos de futebol, acesso à assistência médica e instalação de diversos empórios (casas comerciais) abrangendo toda a área que compreendia a Fazenda Britânia possibilitando o acesso aos gêneros de primeira necessidade.

Dirce March enfatiza que:

Willy Barth ajudô a fazê tudo, ajudô a construí igreja, escola, estradas, botô comércio, hospital, facilitava a compra de terras e do material de construção, quando nós fizemo o salão, a casa e o bolão (...) o Willy Barth ajudou daí nós em tudo (...) ele também sempre participava das festas de aniversário, inauguração. *Ele era quase um pai prá tudo mundo.* (D. M.) (grifos nossos)

Como vimos, de acordo com a entrevista, Willy Barth estava ciente de que para atrair os migrantes e fixá-los na região, era acima de tudo necessário que estas famílias pudessem contar com a prestação de serviços básicos. Em outro momento da entrevista, a senhora Dirce March nos apresenta Willy Barth como sendo uma pessoa alegre e festeira: "ele sempre tava alegre, animava tudo mundo, participava de todas as festas" (D. M.).

Não é apenas no relato de Dirce March que está presente um certo carisma quanto à pessoa de Willy Barth. Assim como Dirce compara-o a um pai,

senhora Nízia Peter também o faz:

Willy Barth! Maine... maine her was vir aine fata for die kolonisten vo bengamem em tis wald. Ich kamen mich bedenguen wir mier di bolão inaugurad\* aqui em Rondon, ele me chamou, eu ainda era uma mocinha, prá ajuda a jogá as primeiras bolas. Ele que fez a inauguração (...) aqui acho que ninguém pode falá alguma coisa contra Willy (...) quando ele tomou a frente da *MARIPÁ*, isto aqui progrediu rapidamente (NP).

O rápido desenvolvimento da região é, de certo modo, atribuído a um dos diretores da empresa colonizadora que, ao assumir a direção, implantou um projeto de colonização elaborado no início dos anos cinqüenta e já em 1951 foi colocado em prática, contribuindo não só para o rápido desenvolvimento da então comunidade de General Rondon, mas promovendo também o desenvolvimento de toda a área de terras que pertencia à *MARIPÁ*, tema que desenvolveremos no terceiro capítulo.

Assim, podemos perceber a partir dos relatos dos migrantes que, através da divulgação imparcial das características da região a ser colonizada, destacando principalmente aquelas que dificultavam a permanência das pessoas em seu local de origem, os diretores da empresa colonizadora impulsionaram o processo de colonização.

Como se percebe, a maioria dos migrantes, ao referirem-se a Willy Barth, usam termos que o enaltecem, identificando-o como um "líder", um "herói". Devemos considerar que este líder era a pessoa que estava no comando da empresa colonizadora, conhecia a idiosincrasia popular e estava ciente dos bolsões sociais. Sendo assim, o mesmo constrói seus discursos buscando, mesmo que indiretamente, interferir decisivamente nos destinos da então Fazenda Britânia.

---

\* Nossa! Nossa! Ele era como um pai para os colonos que vieram para esta mata. Eu ainda posso me lembrar quando nós inauguramos o bolão.

Para comprovar tais estratégias torna-se importante transcrever na íntegra a mensagem que Willy Barth elaborou para homenagear a população no dia do trabalho. Esta mensagem, segundo Róbi Schmidt, foi transmitida pelas rádios locais.

Aproveitando as comemorações da data dos trabalhadores, quero mais uma vez congratular-me com os pioneiros que aqui chegando, ajudaram a desbravar as matas, construir estradas, edificar seus lares e lavrar a terra dadivosa e fecunda, regando-a com o suor destes bandeirantes que viíram para o Oeste do Paraná, que lançaram a primeira semente que seria o começo de uma nova área do progresso dêste Estado. A todos aqueles que labutam na lavoura, no serviço braçal, do mais humilde aos mais favorecidos, ao industrialista, aos que se dedicaram ao comércio, patrões e empregados e a todos aqueles que de qualquer maneira dedicam as suas vidas ao trabalho nobiliante que enobrece o homem e o torna independente, a todos aqueles que ajudaram a fundar este Município, e a construir ésta bela cidade de Toledo, da qual nos orgulhamos, estendendo o meu abraço fraternal em agradecimento aos que ajudaram a construir tudo o que temos e o que somos, concitando-os a que continuem lutando pelo engrandecimento dêsta terra que tanto estimamos e dessa maneira sempre me tereis ao vosso lado coadjuvando todas as iniciativas que representem o bem estar e o progresso dêsta terra.<sup>52</sup>

Há que se considerar que o documento foi elaborado em 1960 quando Willy Barth era prefeito da cidade de Toledo, sendo que General Rondon, neste período era distrito administrativo deste município.

No texto está registrado a constante ajuda mútua entre Willy Barth e os migrantes como ele mesmo enfatizou em seu discurso: "estendendo o meu abraço fraternal em agradecimento aos que me ajudaram a construir tudo o que temos e o que somos (...) continuem lutando para o engrandecimento desta terra (...) desta maneira sempre me tereis ao vosso lado coadjuvando todas as iniciativas que representem o bem estar e o progresso dêsta terra".

---

<sup>52</sup> Cópia do ofício encontrado nos arquivos do Museu Willy Barth, na cidade de Toledo-PR, transcrito pôr Róbi Schmidt em seu trabalho apresentado à disciplina de História e Sociabilidade II no curso de Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná, 1998, p.4-5. (mimeo.)

Percebemos, assim, que havia um empenho deste personagem em construir um discurso que é gestado em clima de constante reciprocidade, o que pode ter contribuído para que, além de ser perpetuado na memória coletiva dos migrantes, se tornasse numa das maiores expressões políticas locais.

Outro fator que devemos destacar refere-se às estratégias discursivas usadas por Willy Barth e que nos foi sugerido através da leitura dos escritos de Eric J. Hobsbawn, em sua obra *A Era dos Impérios*, ao fazer uma análise da criação de vastos impérios a partir da expansão capitalista europeia no século XX. O autor afirma que nesta expansão “mais relevante era a conhecida prática de oferecer aos eleitores a glória, muito mais que reformas onerosas (...) sobretudo quando normalmente era barato dominá-los”<sup>53</sup>.

Esta prática de oferecer aos eleitores a glória também podemos identificar no discurso de Willy Barth, que atribui aos pioneiros o sucesso do projeto de colonização conduzido e liderado por ele próprio.

Este líder, que no Rio Grande do Sul fora caixeiro-viajante, vem para o Oeste do Paraná em 1949, permanecendo na região até 1962, ano em que veio a falecer. Durante todo este período, destaca-se como guia espiritual, intelectual e político, conquistando a simpatia da população a partir de uma relação de assistencialismo, entre ele e a população, objetivando obter sucesso na implantação do projeto de colonização.

Olha, quando nós precisava de qualquer coisa era só chamá o Willy. Ele dava um jeito (...) mais também ele falava se voceis não trabalhá ou voceis tem que fazê isso deste jeito prá dá certo, daqui uns dias eu passo olhá como ficou, aí todo mundo fazia como ele falava (...). Aqui ele sempre ajudava a todos e todos ajudam ele. (N. P.)

---

<sup>53</sup> HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988. p. 105-106.

Segundo os relatos dos migrantes, as atividades desempenhadas por Willy Barth eram extremamente necessárias para o desenvolvimento da região, mas devemos levar em consideração que seus discursos estavam voltados para mobilizar os migrantes a superar os obstáculos e, desta forma, ocorre sua projeção como líder da comunidade.

Contudo, as formas adotadas pelos diretores da empresa colonizadora para divulgar a comercialização de suas terras revela que estes direcionaram seus discursos buscando solucionar principalmente as dificuldades que os futuros migrantes enfrentavam em seus locais de origem. Assim, exaltavam o relevo, a fertilidade do solo, o clima da região e as condições de pagamento.

Portanto, devemos observar que estes fatores foram destacados por diversos entrevistados ao mencionar os motivos que os levaram a migrar. Além disso, devemos levar em consideração que a grande maioria dos diretores eram procedentes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina estando os mesmos cientes das situações difíceis que a população necessitava superar. Deste modo, elaborou-se a divulgação da comercialização das terras buscando justamente ofertar aos futuros migrantes a solução destes problemas.

Dessa forma, migrar para muitos foi a maneira encontrada para solucionar alguns problemas, mas, coincidentemente como veremos a seguir, novos problemas, não divulgados pelos agentes de venda das terras, necessitavam ser superados na nova localidade que haviam escolhido para morar.

## 2.3 ADVERSIDADES

“Olha, vir mia, main got Jesus Christus\* (...) vocês nem acredita aqui só mato, puro mato (...) eu dizia sempre de noite groses got ich libem dich\* (...) mais também ele nos ajudou nesse mato, agora sempre penso du bist maine got und ich danke dir\*, pelo que você sempre ajudou a gente naquela época.  
(M. R.).

Ao deixar para trás laços de amizade e parentesco, atraídos pela promessa de um futuro promissor, os migrantes chegaram a General Rondon com suas famílias e pertences, onde intentavam reestruturar seus projetos e sonhos.

Devemos registrar que muitas foram as reclamações expostas em suas entrevistas no que se refere à infra-estrutura básica encontrada na área de colonização. Pelas suas narrativas, estas reclamações não eram de forma alguma infundadas. No início da colonização, em General Rondon, apesar da fertilidade do solo, as terras encontravam-se cobertas por florestas, o que dificultava a produção de alimentos necessários para a subsistência das famílias. Além disso, as estradas eram intransitáveis, havia precariedade nos meios de transporte e no acesso à assistência médica.

Os relatos das pessoas que migraram para a Vila General Rondon, nos primeiros anos da década de 1950, estão permeados de descrições das adversidades que necessitavam ser superadas.

---

\* Quando nois, meu Deus Jesus Cristo.

\* Grande Deus eu louvo você.

\* Você é meu Deus, e eu agradeço a você.

Estas adversidades foram, segundo os entrevistados, fomentadas por alguns fatores como a necessidade de efetuar o cultivo agrícola, o que equívale a desmatar, fazer queimadas e tomar todas as providências relacionadas à preparação do solo para o cultivo. Todo este processo era efetuado neste período com métodos bastante rudimentares, sendo que os equipamentos disponíveis eram o machado, o facão, a enxada, a foice, o podão, a carroça, entre outros. Assim, o preparo do solo tem como características o trabalho manual com a utilização de mão-de-obra familiar.

Além disso, as estradas que possibilitavam o acesso à Vila General Rondon – através de cidades como Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu - eram precárias, o que dificultava a integração desta comunidade com as demais localidades da região, prejudicando, por sua vez, a comercialização de produtos e serviços de extrema importância para a manutenção das famílias.

Passaremos, portanto, a ilustrar estas adversidades com os próprios relatos dos migrantes, centralizando nossa discussão nas seguintes temáticas: desmatamento, meios de transporte, alimentação e assistência social. A definição destas temáticas deve-se à grande recorrência das mesmas nestes relatos.

### *2.3.1 Desmatamento*

Foi no ano de 1950 que chegaram os primeiros migrantes a General Rondon e a partir desta década houve uma migração maciça para esta localidade. Os primeiros habitantes necessitavam enfrentar diversas dificuldades para desbravar o local hoje conhecido como Marechal Cândido Rondon, cognominado “Município da

Produção”.

A partir de seus relatos é perceptível que a tarefa inicial de desmatar a área foi um trabalho que contou com o apoio dos diretores da companhia colonizadora e o trabalho dos próprios migrantes, os quais buscaram, juntos, concretizar sonhos e projetos outrora concebidos.

Estas pessoas necessitaram conviver com momentos de grandes adversidades em que foi necessário ter perseverança para permanecer em meio à mata e prosseguir seu trabalho, contribuindo consideravelmente para o desenvolvimento da região.

A partir dos relatos orais de pessoas que viveram em General Rondon nesta fase, podemos ter uma idéia do que era a vida numa área a ser desbravada. São relatos de pessoas comuns e que participaram efetivamente desta atividade, revelando a força de vontade e o propósito de vencer, ingredientes básicos para a efetivação do projeto colonizatório.

Como vimos anteriormente, nas entrevistas, percebemos a construção de uma imagem preconcebida do novo espaço, como na fala de Marta Winkel: “eu fiquei em cima do carro, sentada, chorando (...) porque eu não queria ficá (...) eu nunca imaginei que era assim tudo mato, ninguém falou que era assim só mato, mato (...) ich wolt zurick macher\*, eu não queria ficá” (M. W.). Dessa forma, a entrevistada já havia projetado o futuro lugar, mas o cenário que passou a contemplar era outro. Convém lembrar ainda que migrar implicou em perda e divisão, pois esta migrante se deparou entre dois mundos: o novo espaço no qual passou a estar inserida e aquele que deixou no local de origem.

---

\* Eu queria voltar.

Além disso, o desejo imediato de retornar à terra natal deve-se também à conscientização de que tudo estava por fazer: “eu nunca imaginei como nós ia fazê prá vivê neste mato, porque prá onde eu olhava was alles ane wald\*”. (M. W.)

O desânimo inicial tem origem também na constatação de que o desmatamento ocorreria de forma lenta, pois era realizado através da utilização de utensílios rudimentares. No relato a seguir encontram-se referências às técnicas usadas para tornar a terra cultivável e ao espírito de solidariedade entre os migrantes:

Vir binn comem, was alles nuar aine wald, waren nuer di engen walwegen\*, (...) tinha que derrubá primeiro prá depois plantá. Isso demorava, não era como hoje com motoserra, trator, essas coisa que fais tudo ligeiro (...) Isso demorava porque era assim com machado, serra manual, esse serrote que usa em dois né e o facão e machado, depois a enxada que usava quando já era tudo queimado prá fazê cova e plantá (...) sempre quem já tinha feito ia ajudá, os que vinha de muda, derrubá um pouco prá pôr a casa e começá a plantá (...) Maine, das was nuer dificuldades\*. Hoje nem acreditam se a gente começa contá”. (G. P.)

Mediante as informações extraídas das entrevistas, verificamos que ao longo desse período de colonização as atividades de desbravamento da mata não passaram por uma mudança significativa.

A gente desmatava primeiro só um pedaço prá construí a casa, depois prá plantá um pouco, daí desmatava e fazia queimada. Isso era perigoso porque se ventava, a gente ficava com medo que o fogo ia queimá a casa porque o vento levava a brasa do fogo prá perto da casa. (...) Muitas noite nós tinha que ficá cuidando porque isso tava ventando e nós tinha botado fogo e a casa era perto. Nós tinha que limpá ao redor. (M. R.)

Com relação à distribuição espacial da propriedade, as primeiras roças eram preparadas próximas às construções e, na medida em que as terras iam sendo

---

\* Era tudo mato.

\* Quando nos viemos era tudo apenas um mato, tinha apenas umas picadas pela mata.

\* Isto era só dificuldades.

preparadas, a parte coberta de vegetação natural ia sendo reduzida.

É importante observarmos que o período necessário para que o migrante pudesse tornar a sua área agricultável, estava condicionado aos instrumentos dos quais este dispunha para derrubar a mata.

In der estent zeiten\*, nossa quanto mato tinha, isso era puro mato (...) Nós tinha que derrubá. Daí eu e ele [ o marido] é que derrubemo um pedaço. O cunhado ajudô, depois ele devolveu esse tempo de serviço pro cunhado na roça dele (...) Nós derrubemo só um pedaço no começo prá nós plantá milho, mandioca, feijão e batata. Coisa assim prá comê. Isso eu e ele fizemo tudo manual, só com o machado e foice e serrote (...) Depois queimava. (M.W.)

Percebemos ainda que as técnicas agrícolas empregadas no período da colonização consistiam na derrubada das matas, na "queimada" e posterior plantio, realizado através do uso da enxada e do arado.

Wen mier komem auf das naien platch dam mustmier filent arbaiten dass das mier kunder plamzunt\*: os homens se juntavam tipo mutirão, um ajudava o outro, era à base de foice, machado, facão, tudo derrubado assim. Serra eles usavam assim a muque, não era nem serra-motor, manual como se diz no caso, não era serra motor, não tinha nada disso. Daí se deixava secar o mato e após de seco, (...) eram feitas as queimadas. Daí todos se reuniam mais uma vez e ajudavam limpar aquelas terras um pro outro. Sempre, sempre em mutirão era feito o serviço. Quando era na hora do plantio todo mundo ia ajudá a plantá, plantava cada um suas terras, mas sempre com a ajuda dos amigos, dos vizinhos, que nem se conheciam, fizeram-se amigos aqui na vila de General Rondon na época. (N. P.)

Nestas entrevistas vemos, novamente, a importância da solidariedade familiar e dos vizinhos próximos para a realização de trabalhos como o desmatamento, o plantio e a colheita. Além disso, o auxílio mútuo também estava presente em diversas atividades realizadas na comunidade, como na construção da escola, da igreja e até mesmo na construção das moradias, oportunizando as

---

\* Nos primeiros tempos.

\* Quando nos chegamos na nova localidade, daí nos necessitamos trabalhar muito para nos podermos plantar.

relações de amizade.

Nóis três homem ia pro mato junto (...) No começo foi difícil começá a desmatá. Trabalhava no mato e a gente ficava pensando enquanto tava trabalhando. o que vai ser? O que vai ser? E como vai ficá? O que nós vamo plantá? Será que vâmo colhê? (Familia Hynegert).

Os migrantes estavam cientes de que com seus esforços proporcionariam o desenvolvimento desta região. Recorremos novamente à entrevista da senhora Arminda Print que a respeito do desmatamento relata: "foi tudo à custa de foice e machado (...) moto-serra veio tempo depois (...) olha, nós passemos um serviço... Deus me livre! (...) voceis nem imagina como nós tinha que trabalhá (...) Agora não me arrependo. Tudo foi feito! Tudo ficou mais fácil!". (A. P.)

FOTO 4 – Imagens do desmatamento realizado no período de colonização (1952).



Em primeiro plano, aparece um migrante (com sua bicicleta) e um ajudante (Ver quadra nº 36 localizada no MAPA 3).

FONTE: Acervo particular da migrante Maria Raspe.

Desta forma, os migrantes tiveram que desbravar a mata sem muitos recursos – como pode ser visualizado na imagem que a fotografia acima nos proporciona –, ou seja, contavam apenas com o seu esforço e a solidariedade de vizinhos e amigos, quando da necessidade de tornar produtivas suas terras. Estes migrantes se encontravam na “nova terra”, cada qual com seus sonhos, mas com maneiras semelhantes de trabalhar e de viver. Mas não podemos esquecer que a constante ajuda de vizinhos e amigos para a realização das mais diversas atividades no período da colonização de Marechal Cândido Rondon, nem sempre foi uma questão de solidariedade, mas sim devemos considerar que não havia outro meio para realizar tais atividades, pois o que havia era um sistema de troca de favores, fundamental para “vencer a floresta”.

Portanto, a solidariedade não pode ser definida como espontânea, pois tem sua origem nas circunstâncias determinadas pela necessidade de sobrevivência durante o período inicial da colonização.

### *2.3.2 Meios de transporte*

Os migrantes enfrentaram não apenas dificuldades relacionadas ao desmatamento das terras quando da sua chegada ao oeste paranaense. Outro problema apresentado em suas entrevistas relaciona-se às dificuldades de locomoção, pois a Vila General Rondon não contava ainda com estradas que possibilitassem sua interligação com as demais localidades. As primeiras estradas construídas na Fazenda Britânia foram uma iniciativa da *MARIPÁ*. Estas estradas eram construídas “sempre observando um critério de ocupação: à medida em que os

agricultores vinham penetrando na Fazenda Britânia”<sup>54</sup>.

A precariedade das estradas para a locomoção afetava principalmente aquelas pessoas que residiam mais afastadas dos núcleos urbanos em formação, pois para muitas destas pessoas o único recurso era caminhar pelos travessões<sup>55</sup> ou por aberturas feitas na mata, denominadas “picadas”.

Os que residiam nas proximidades da cidade usavam recursos considerados fáceis, baratos e rápidos: a carroça de boi, o cavalo e, na maioria das vezes, a bicicleta, pois estes eram os meios de transporte acessíveis e mais apropriados devido às péssimas condições em que as estradas se encontravam. Para os que se fixavam no meio rural, o único recurso disponível na maioria dos casos era fazer longas caminhadas a pé, pelo interior da mata.

FOTO 5 – Bicicletas: meio de transporte mais apropriado para a região (1950).



FONTE: Acervo particular de Lia Dorotéa Güths

---

<sup>54</sup> SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel : Assoeste, 1984. p. 49.

<sup>55</sup> Travessões equivale aqui às estradas construídas pela empresa colonizadora para poder escoar madeira. Servia também, na fase colonizadora, como acesso para a entrada de migrantes. Posteriormente foram transformadas em estradas com melhores condições de tráfego o que possibilitou melhorias para o escoamento da produção e o deslocamento das pessoas.

A contribuição dos migrantes para a abertura de estradas foi importante para o desenvolvimento da comunidade.

Percebemos em seus relatos que os migrantes estavam cientes do fato de que a falta de acesso à outras cidades reverteria em prejuízo próprio, pois numa região onde a economia estava em formação, voltada principalmente para a agricultura, as pessoas dependiam do fornecimento de gêneros de primeira necessidade das cidades vizinhas. Além disso, há de se considerar que meios de transporte são serviços essenciais para o desenvolvimento e estruturação das comunidades. Entretanto, mesmo que a empresa colonizadora, já na década de cinquenta, construísse as primeiras estradas, os migrantes enfrentavam sérios problemas de transporte. Isto se deve ao fato de que estas estradas eram construídas objetivando principalmente a remoção da madeira explorada pela *MARIPÁ*. Tal característica tornava intransitáveis as estradas, devido aos estragos provocados pelo escoamento da madeira.

Segundo Antônio Limant, houve casos em que o único meio de locomoção para muitas pessoas eram os próprios pés: “os primeiros que vieram aqui foram a pé prá Toledo prá fazê rancho e aí não tinha estrada. Eles ia de Toledo até Margarida e de lá prá Britânia e daí prá cá. Isso era antes de eu vim (...) os primeiros, eles falam que iam a pé a Toledo fazê comprá”. (A. L.)

Há que ser observado que tal situação evidencia que a abertura de estradas foi um grande obstáculo a ser superado. O senhor Sérgio Haulerman, quando relata o trabalho que enfrentou para trazer sua mudança de Toledo à Vila de General Rondon, nos revela este panorama:

A nossa mudança de Toledo até aqui levou mais de meio dia. Saímos antes de clarear o dia e quando chegamos já tinha passado das onze horas, isto pela

dificuldade que enfrentamos. Tínhamos árvores na estrada; preenchemos buracos, cortamos os galhos porque a mudança era carga alta, e enroscava nos galhos que fechavam o travesão. (S. H)

As dificuldades com estradas também foram mencionadas pelo senhor Lauri Benevit, que afirma:

O pior de tudo foram as estradas precárias. Tinha trechos que era quase impossível transitar por elas (...) mesmo de carroça ou a cavalo. Foram os primeiros anos sofridos (...) porque as estradas eram muito feias de transitar (...) muitas pessoas do interior, quando chovia, ficavam dias sem podê vim na vila fazê compra. (L. B.)

Como vemos, alguns entrevistados relatam que chegaram a enfrentar dificuldades para a aquisição de mantimentos para suas famílias, pois suas propriedades geralmente eram distantes da Vila de General Rondon, onde já em 1952 havia o Empório Toledo, uma casa comercial que fornecia para a população os gêneros de primeira necessidade usados pelas famílias.

Era só de, só de a pé que podia vim aqui prá dentro, só por picada (...) tinha que trazê os mantimentos na garupa. O travessão a *MARIPÁ* abria, mais a estrada como, onde muitos tinha que morá, isso cada um tinha que abri por conta. Às vez a firma ajudava. Onde você ia morá você mesmo fazia isso. Era com foice e facão (...) assim era o começo. (A. L.)

Dessa forma as pessoas necessitavam andar longas distâncias pelas picadas, a pé ou com carroça: "nóis tinha uma carroça mais não tinha um cavalo. Daí nóis compremo um cavalo (...) Daí nós carregava e trazia os mantimentos prá casa (...)" (A. P.)

Como já mencionado, em alguns casos, o meio de transporte era a bicicleta. É o caso da família do senhor Leomar Ceninck que recorreu à bicicleta como meio de transporte mais adequado às condições das estradas. No entanto, mesmo utilizando a bicicleta, a família enfrentava dificuldades para deslocar-se: "no primeiro ano eu comprei uma bicicleta prá ir na vila, só que metade da estrada dava

prá andá e a outra tinha que empurrá (...) entrava num buraco e caía no outro.”

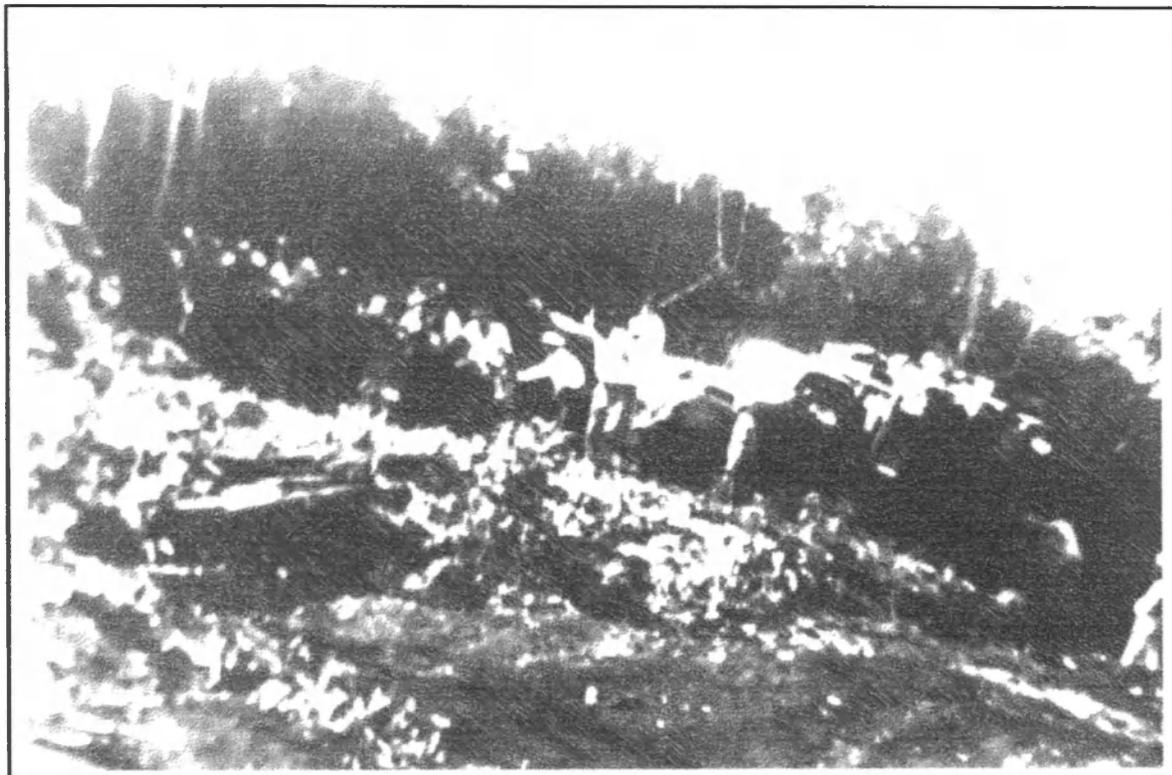
(L.C.)

A partir destes relatos, percebemos que quem não dispusesse de um meio de locomoção, como uma carroça puxada por uma “junta de bois”, um cavalo ou uma bicicleta, via-se obrigado a deslocar-se a pé. Os moradores do meio rural eram os que mais sofriam pela falta de estradas com boas condições de tráfego, não apenas para o escoamento da produção, como também, em relação ao acesso aos estabelecimentos comerciais e instituições religiosas e educacionais que se localizavam nas “vilas”.

Estas dificuldades sentidas pelos primeiros migrantes em relação aos meios de transporte, são relatados em algumas entrevistas como uma aventura. Há casos em que as pessoas, ao recordar estas dificuldades, sentem certa admiração do sofrimento pelo qual passaram. Edi Wontman ao recordar revela que:

Quando nós viemo (...) daí era podre as estradas. O caminhão entrava e caía assim. Tinha que levá machado e serra (...) e daí o caminhão se sentou assim e daí vinha o guincho de Toledo tirá. Daí ficemo dois dia lá, sentado lá, numa casa da firma. Não era fácil, mas tudo passou (...) Hoje a gente lembra e sente saudade deste tempo (...) porque muito mudou (...) hoje temos boas estradas. (E. W.).

FOTO 6 – Precariedade das estradas



Esta foto mostra as dificuldades de locomoção enfrentadas pelos migrantes. Quando um caminhão de mudanças “atolava” na estrada, fazia-se necessária a união de esforços para conseguir movimentá-lo.

FONTE: Cópia do original encontrado no acervo particular de George Vorpagel.

Ou ainda no relato da senhora Eli Cininck que destaca as adversidades que seus dois filhos enfrentavam para deslocarem-se até a escola: “eu tinha que acompanhá no mato (...) eu acompanhava até onde tinha um rio prá eles passá (...) depois dali dava prá eles subi na bicicleta e ir até à escola”. (E.C.)

Como já observamos nos relatos transcritos anteriormente, nos primeiros anos a estrada equivalia a uma picada em meio à mata virgem: “estrada já tinha, mais era poco larga, passava assim uma carroça, puro gramado alto, galho, estrada ruim, de chão” (C. C.), e ainda: “onde eu fui morá, né, não tinha estradas só

corredor, tinha que passá no meio do mato, depois quando eu tava morando aqui, aí já foram fazendo estrada (...)” (C. C.). Estas picadas posteriormente foram sendo melhoradas pela empresa colonizadora e pelos próprios migrantes:

“Aqui eu tinha que entrá no mato e ajudá a derrubá mato prá fazê estrada (...) dois, três ano ajudei no fazê estrada. Essa estrada Rondon – Margarida não tinha acesso naquela época, os pião era os paraguaio (...) a *MARIPÁ* contratava turma de paraguaio”. (A. T.)

As informações acima são importantes pois nos permitem perceber que para vencer este obstáculo a companhia colonizadora recorre à mão-de-obra paraguaia<sup>56</sup>, pois, como mostra Oscar Silva em sua obra *Toledo e sua história*, objetivando solucionar as dificuldades relacionadas com a construção de estradas, a *MARIPÁ* “apela para a força de trabalho alienígena e utiliza paraguaios na abertura de estradas e clareiras”<sup>57</sup>.

Rui Wachowicz também menciona em sua obra *Obrageiros, Mensus e Colonos*, que a solução encontrada para superar as dificuldades oriundas da necessidade de abertura de estradas que davam acesso à Fazenda Britânia, bem como para a construção de estradas que davam acesso de um povoado em formação a outro, no interior da área que abarcava a Fazenda Britânia, a solução encontrada foi recorrer à mão-de-obra dos remanescentes paraguaios, denominados de mensus ou mensalistas das antigas “obrages”<sup>58</sup>, pois “desta forma, o trabalho

---

<sup>56</sup> Na região existia um pequeno número de pessoas de origem paraguaia, populamente denominados de bugres, os quais eram descendentes de guaranis cuja mão-de-obra foi utilizada na limpeza e desmatamento. Esta população não possuía título de terras, aos poucos deixaram o local e a região foi efetivamente ocupada por sulistas.

<sup>57</sup> SILVA, op.cit., p. 65.

<sup>58</sup> *Mensus* era a denominação dada aos empregados das grandes companhias de exploração da erva-mate (Obrages), atividade esta anterior à colonização. Estes empregados eram, na sua quase maioria, de nacionalidade paraguaia e o termo mensus está relacionado à forma de pagamento dos salários, ou seja, os mesmos recebiam um salário mensal.

mais pesado, mais difícil de derrubada da mata e a construção da estrada entre Toledo e Porto Britânia, foram obras dos guarani, modernos paraguaios<sup>59</sup>.

Outro aspecto relevante, agora narrado por Edi Wontman, refere-se aos barracões construídos pela companhia colonizadora para abrigar os migrantes quando de sua chegada à região: “daí fiquemo dois dia lá, sentado lá, numa casa da firma” (E. W.). Esta casa à qual a entrevistada faz alusão no relato são os chamados barracões da companhia colonizadora. Os diretores da *MARIPÁ*, cientes das dificuldades que a população iria encontrar em relação às estradas que davam acesso às terras adquiridas, providenciaram moradias coletivas para os migrantes instalarem-se provisoriamente. Dessa forma, foram construídos diversos barracões nos quais os recém-chegados podiam abrigar-se até terem meios para transportar suas mudanças até a localidade onde haviam adquirido suas terras. Muitos migrantes beneficiaram-se desta infra-estrutura fornecida pela *MARIPÁ*, não apenas pela inexistência ou pelas péssimas condições das estradas, mas também devido ao fato de que muitos dos migrantes não tinham ainda construído as suas residências e, diante disso, iam alojar-se nos barracões que a empresa construía até poderem instalar-se definitivamente em suas casas.

Nóis fomo morá no barracão (...) estes barracões eram da firma da *MARIPÁ*, eles tinham construído alguns destes. Cada um tinha uma divisão de mais ou menos três metros de largura e cinco metros de comprimento e tinha uma varanda. Não tinha assoalho porque muita gente cozinhava no chão (...) nós moremo um tempo nesta repartição em duas famílias. Daí comia com os prato no colo, as cama arruma de noite prá dormi e cedo recolhia tudo porque o espaço era pequeno. (F. H.)

Segundo alguns relatos, muitas vezes estas instalações improvisadas pela empresa ficavam superlotadas, devido ao grande número de migrantes que

---

<sup>59</sup> WACHOWICZ, Rui C. *Obrages, Mensus e Colonos* : história do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982. p. 169.

chegavam quase que diariamente: “um barracão era prá até cinco ou seis famílias. Mais em cada repartição que era para uma família morou várias famílias porque vinha muita e não tinha lugar. Daí, em cada repartição, morava duas, três famílias (...)” (F.H.).

Assim como o desmatamento, o transporte de pessoas e mercadorias caracterizava-se pela precariedade, ou seja, o conjunto formado por carroça e junta de bois era o principal meio de transporte neste período, assim como a foice, o facão, o machado e a enxada, entre outras, foram as ferramentas para tornar a terra cultivável.

### 2.3.3 Alimentação

As dificuldades sentidas em relação à alimentação, nos primeiros anos da década de 1950, segundo os relatos, foram bastante freqüentes. Não podemos esquecer que estas dificuldades têm origem tanto nas péssimas condições das estradas, o que prejudicava a aquisição de produtos, quanto no tempo necessário para que a terra pudesse fornecer alimentos para as famílias. Bernardo Strauss comenta que: “se nós não tivéssemos o que trouxemo de outros lugares, as mercadorias para nós, estávamos sujeitos a passar fome e com dinheiro no bolso. Eu mesmo vi gente com dinheiro, passar apertada com comida. Nossa salvação era a caça e a pesca”. (B. S.)

Portanto, a produção da subsistência para o consumo familiar necessitou de um período para que o migrante, mesmo que de forma bastante rudimentar, conseguisse tornar sua terra agricultável.

Mir musten seלבst in der kolonist arbaide in der ersten zeid die kolonisten\*, como é que eu digo, Após derrubá a mata, roçá e fazê a queimada, daí nós podia começá a plantá, e daí nós plantemo e daí tem que esperá tempo prá colhê. Sorte que todo mundo era bem unido. Um ia dividindo comida com quem não tem, ou emprestava a banha e a carne quando a gente matava um porco (...) Hoje é uma pena, não é mais assim. Cada um se vira sozinho. (G. P.)

Na organização social da colônia encontramos novamente a solidariedade de parentes e amigos. Este auxílio mútuo está presente desde a organização de algum evento social como casamento ou nas festas típicas como a *Kerbfest* e, como pudemos acompanhar, nos momentos de dificuldades. Marta Winkel enfatiza:

A gente passava muita miséria. Ele ia de manhã lá prá baixo trabalhá, quando eu podia às vezes ia junto, mas não era sempre que eu tinha condições. Daí eu ficava em casa, e então, das dez horas em diante eu ficava na janela olhando se ele já vinha. Ich abent dan chundt humgar gueabent\* mas se eu já comia não tinha nada de meio-dia quando ele vinha. Então eu cozinhava feijão e mandioca que eu ganhei da vizinha (...) a nossa não tava boa prá colhê, e às vezes um ovo prá nós dois junto e um pouco de pão de milho esmagado. Naquela época a gente lutava prá sobrevivê, plantava milho, feijão, mandioca trocava com os vizinhos (...) quando a gente lembra isso..., pena que não existe mais (...) é uma pena. (M. W.)

Em suas propriedades produziam quase todos os produtos necessários à subsistência básica da família, desde feijão, milho, batata-doce, mandioca, verduras e legumes, além de dedicarem-se à criação de porcos e galinhas. A pecuária era de fundamental importância, pois através dela os migrantes produziam os derivados de leite e utilizavam a tração animal para o preparo do solo. Dessa forma, os primeiros produtos que as famílias buscavam produzir restringiam-se a produtos que eram consumidos pela própria família. Segundo Antonio Lima: "carne quase sempre tinha em casa (...) carne de paca, anta, viado, (...) não tinha carne prá comprá (...) nos primeiros tempos o colono matava porco quando terminava a banha (...) daí se

---

\* Nos primeiros tempos, os colonos precisavam fazer tudo na colônia.

\* Eu já estava com fome.

dividia a carne". (A. L.)

Diante destas informações vemos que a princípio inexistia o comércio da carne. Este gênero alimentício provinha das caçadas, pescarias e do abate de animais domésticos como porcos e aves. "Comia carne de anta, de paca, era carne muito gostosa". (L. C.)

Com relação às atividades de caça e pesca, estas não representavam somente uma atividade que propiciava horas de lazer, mas em muitos casos foram um meio de suprimir a penúria e carestia de gêneros alimentícios.

FOTO 7 – Produto de Pescaria Realizada no Rio Paraná (1953).



Registro de uma pescaria, próximo a Porto Mendes, às margens do rio Paraná. Os peixes estão sendo levados "a mucke" barranco acima para serem transportados por caminhão até a vila. Estes peixes chegaram a pesar mais de 60Kg. Sua carne era vendida, trocada por outras mercadorias ou mesmo distribuída aos moradores da vila. Nos anos 50 tanto as pescarias como as caçadas costumavam ser fartas. Quando a carne da pesca e/ou da caça não era logo toda consumida pelos moradores da vila ela era salgada, defumada ou secada ao Sol, para poder ser guardada por mais tempo.

FONTE: Foto Avenida.

“Olha, dasss warem jahre\* difícil, fiquemo muitas veis duas três semana sem tê carne, só quando ele ia caçá (...) mais nós tinha bastante serviço (...) trabalhava sábado, domingo (...) daí caçá e pescá quando chovia (...) tinha bastante paca, anta, peixe, mais faltava prá mais tempo (...) Main Got! Main Got! Que gostoso quando nós tinha daí carne”. (M. W.)

Conforme o relato acima, na fase colonizadora, a população residente na região buscava alternativas para a falta de alguns produtos alimentares. Entre estas alternativas estavam a caça e a pesca, pois “peixe tinha bastante (...) caça também (...) tinha anta, veado, porco do mato (...) a gente muitas vezes comeu carne porque tinha caçado (...)no começo não tinha prá comprá e também dinheiro era pouco”. (B W)

Tais constatações nos revelam que a carne constituía um dos gêneros alimentícios básicos da população. Algumas entrevistas mostram que a caça era motivo para alegria, pois obtinham sucesso nesta atividade que complementava a alimentação, “porque podiam praticar a caça, principalmente a do porco do mato, anta e veado”. (A. M.)

Nos primeiros anos da colonização a carestia de produtos agroalimentares não se restringia apenas à carne, pois “as crianças sofriam, já tava acostumado lá no Rio Grande do Sul com pão com algum doce e nata ou manteiga ou requeijão. Daí, aqui era só pão com doce porque a nossa vaca morreu, então não tinha nata, manteiga ou requeijão. Às vezes, a vizinha, quando sobrava, nos dava”. (F. H.)

---

\* Eram anos.

\* Meu Deus! Meu Deus!

Dessa maneira, cada um encontrava um meio de auxiliar o próximo, de acordo com suas possibilidades. Vejamos o exemplo transcrito a seguir:

Di frau Max abent aine hiner mit quebrat und aine \*galo e deixou a galinha chocá. Aí ela criava galinha, mas quando estas galinhas botavam ovos, ela enchia o seu avental de ovos e, no domingo de manhã, passava distribuindo ovos, em torno de 16 ovos que ela ajuntava durante a semana. Quem ia fazê macarrão, ela dava dois ovos e quem ocupava de outra forma, ela dava só um ovo. Assim todos eram unidos. Vi gut warem nuer di harem\*! (G. P.)

As famílias, prevenendo possíveis dificuldades alimentares, buscavam abastecer-se de gêneros alimentícios básicos para manterem-se por algum período.

Segundo Antônio Limant: "as famílias que vieram para cá, cada um vinha com uma quantia de dinheiro (...) com a mudança e comida (...) feijão, arroz, banha, carne (...), trazia porco prá criá, trazia gado, boi de canga. Isso veio tudo com a mudança". (A. L.)

Maidi Ross afirma: "trochemo cinco latas de banha, duas lata de torresmo e uma lata de torresmo moído, duas lata de carne e dois saco de farinha de trigo, dois saco de milho e um e meio saco de feijão". (M. R.)

Leomar Ceninck também ressalta esta preocupação, ainda no local de origem, com a alimentação básica para a família, o que mostra que estes migrantes estavam cientes de algumas dificuldades que teriam que enfrentar.

Esta conscientização ocorreu devido ao fato de que os migrantes já possuíam uma certa experiência, pois sabiam que para preparar a terra, deixar a área agricultável e depois colher, é necessário um período de tempo considerável: "quando viemo, eu troche uma lata de mel, uma lata de banha porque já falaram: 'se

---

\* A senhora Max havia trazido junto uma galinha.

\* Como foram bons aqueles anos.

pode, traiz'. Eu troche também melado. Eu tinha aveia e assim muitas outras coisa nós trochemo". (L. C.)

Diante dessa situação desfavorável, agravada pelas péssimas condições de transporte, os diretores da companhia colonizadora providenciaram as instalações de vários empórios na Fazenda Britânia, espécie de casas comerciais. Nestes empórios os migrantes podiam, portanto, encontrar alguns gêneros de primeira necessidade como açúcar, sal, café, querosene, alguns medicamentos, erva-mate, aviamentos para a confecção de roupas, entre outros produtos necessários para este período.

Tinha mesmo prá comê: feijão, arroz, essas coisas que plantava, e algumas coisas que faltava, ia comprá. Algumas coisas às vezes que tava faltando, precisava comprá no Empório da cidade. Se lá não tinha, daí ficava sem. (...) Quando vinha de novo, daí a gente comprava. Isso foi mudando aos poucos. A cidade cresceu e tem de tudo. (F.N.)

Percebemos que desde o início da colonização o contingente populacional que migrou para Marechal Cândido Rondon iniciou, desde logo, o preparo de suas terras para o cultivo de bens alimentares e, caso houvesse falta de algum produto essencial, este era adquirido nas casas comerciais instaladas pela companhia colonizadora.

#### *2.3.4 Assistência médica hospitalar*

Outro tema bastante recorrente nos relatos, relacionado às adversidades enfrentadas pelos primeiros moradores, refere-se à falta de medicamentos e

atendimento médico-hospitalar.

Segundo Bernaldo Wirland, na localidade “tinha uma farmácia com alguns medicamentos populares. O que não tinha na farmácia, tinha no Empório (...) Para doenças e febres se fazia compressas nas pernas e se tinha muita febre, era sinal que tinha que ir ao médico. Naquela época o único recurso era ir a Toledo. E chegar lá como?”. (B. W.)

Do exposto, verificamos que a falta de uma assistência social mais intensiva está relacionada ao estado precário em que se encontrava o acesso viário à vila de General Rondon. Dessa forma, em se tratando de assistência médica, a população contava apenas com o acesso a alguns medicamentos “populares”.

A migrante Nízia Peter relembra que o tratamento das doenças era realizado em diferentes etapas: em casa, com a ajuda de ervas medicinais; através de medicamentos adquiridos na casa comercial localizada na sede da vila; como último recurso, a remoção do “paciente” até a cidade de Toledo, distante 48 quilômetros da Vila General Rondon. Segue sua fala:

Lá no Empório Toledo tinha *Olina* pro estômago, comprimido prá dor de cabeça e prá barriga, *Bálsamo Alemão* que a gente usava, né. Como hoje é vacina, se tinha alguém com sarampo, todo mundo usava *Bálsamo Alemão* prá não pegã, né (...), era a nossa vacina. Também a gente usava bastante chá, sempre primeiro tentava em casa com chá, depois ia comprá remédio. Daí se não ficava bom, tinha que levá até Toledo (...) Até lá levava tempo, in der zeiten must mier dorich die enguen waldveguen, warem nich kaine strassen\*<sup>7</sup>. (N. P.)

Como fica elucidado no depoimento de Nízia Peter, o *Empório Toledo* comercializava alguns medicamentos usados nos primeiros socorros. Aspecto curioso a ser ressaltado está relacionado ao uso indiscriminado de alguns

---

\* Neste tempo, nós precisávamos passar pelas picadas das matas. Não tinha estrada.

medicamentos, como é o caso do Bálamo Alemão, classificado pela entrevistada como vacina.

Segundo diversos relatos, as viagens à cidade de Toledo eram realizadas através de caminhões utilizados no transporte da madeira, de propriedade da empresa *MARIPÁ*, ou através de veículo especial (*Jeep*), também de propriedade da companhia colonizadora. Caso estes veículos não estivessem disponíveis, as pessoas viam-se obrigadas a buscar recursos médicos através do uso de carroças.

Toledo era a localidade mais próxima (48 km), que contava com serviços de um médico: o Doutor Ernesto Dall'Oglio, que fora contratado pelos diretores da companhia *MARIPÁ* no ano de 1950. Na Vila General Rondon a construção do primeiro hospital, o Hospital e Maternidade Filadélfia, foi iniciada em 1953 e no mês de janeiro de 1954 iniciaram-se os internamentos.

Olha, não tinha assistência aqui (...) o único recurso era ir prá Toledo e não tinha como ir. Só com o caminhão que trazia madeira, ia de carona. Então eles eram obrigados a levá. Esses caminhoneiro, a firma exigia se alguém precisava eles tinha que levá. Lá tinha o Ernesto, era novo, recém-formado, mais era médico bom (...) Em 1954 já tinha o primeiro hospital, do Dr. Seyboth. Isso era um problema antes naquela época. Saúde cada um tinha que se virá, com remédio caseiro. Pra cada doença tem um tipo de chá, a gente tomou algum tipo. O pai conhecia esse tipo né e nós depois aprendemo com ele. (A. R.)

Ao analisar as informações contidas na entrevista de Arnaldo Rocketen evidencia-se que o uso de chás ou ervas medicinais era um hábito bastante freqüente, pois a "medicina caseira" era o primeiro recurso do qual a população local dispunha, devido às precárias condições de assistência médica.

Assim, , além dos chás caseiros e da automedicação, os migrantes recém-chegados dispunham apenas dos saberes de pessoas como as parteiras, bem como das crendices e dos conhecimentos de "benzedadeiras" e "curandeiros", que possuíam o "poder" de curar animais e pessoas, solucionando problemas como

o das pulgas alojadas ao redor das infra-estruturas próximas à casa.

Nos contam alguns migrantes que estes curandeiros e benzedeiros também tinham receitas próprias para males específicos, tais como “míngua”<sup>60</sup>, “mau olhado”, hemorragias uterinas pós-parto, lagartas, “cobreiros”<sup>61</sup>, entre outros.

Apenas para ilustrar, coletamos alguns exemplos de benzimentos. É o caso de D. Nízia Peter que relata um ritual de benzimento que era freqüentemente usado para evitar que as lagartas danificassem as plantações de mandioca: “se a área de terra era uma área de quatro cantos, um quadrado, daí fechava-se três cantos na base do benzimento e um canto ficava em aberto. Este era para a saída das lagartas que abandonavam aquela lavoura. Isto era muito usado”. (N. P.)

O benzimento também era usado por muitas pessoas em casos de míngua e mau olhado. Para estes males procedia-se da seguinte maneira:

“A benzedeira esticava o braço esquerdo usando o dedo polegar e o médio da mão direita para medir do cotovelo até o dedo médio da mão esquerda dizendo o nome completo da pessoa a ser benzida e o sinal da cruz. Repetia três vezes esta operação e ao término deste procedimento descobria-se se a pessoa estava com míngua ou mal olhado, daí eram feitas as rezas. Este benzimento devia ser repetido por três dias seguidos”. (G. P.)

Muitas pessoas acreditavam também no benzimento e simpatias para curar “cobreiros”. Para obter a cura dos mesmos, “usava-se um copo de água com três ramos de aruda, depois molhava-se um ramo no copo de água e passava-se três vezes em forma de cruz sobre a parte afetada. Repetia-se este processo com os três ramos de aruda durante três dias. Ao final de cada benzimento diário, jogava-se a água e os ramos fora”. (G. P.)

---

<sup>60</sup> Míngua: termo usado na região quando a pessoa apresentava os seguintes sintomas: insônia, fraqueza, cansaço, falta de apetite. Neste caso, dizia-se que ela estava com “míngua”.

<sup>61</sup> Cobreiro: espécie de erupção na pele, semelhante a uma queimadura.

Em alguns casos, raros, de hemorragia pós-parto, recorria-se também ao recurso do benzimento e para tal uma benzedeira agia da seguinte forma: "pegava-se três fitas pretas e amarrava-se nos dedos 'minguinhos' dos pés e um era amarrado na mão esquerda da paciente. Aí a benzedeira procedia o ritual com oração pedindo auxílio divino e a cura era quase que imediata". (N. P.)

Como podemos notar estes recursos foram muito relevantes para este período, pois tratava-se de uma comunidade que teve seu primeiro hospital em 1954. O papel desempenhado por estes "agentes da saúde pública" da Vila de General Rondon, tiveram significativa importância no tratamento das doenças porque com seus conhecimentos, mesmo que rudimentares e alicerçados em crenças populares, solucionavam os casos que estivessem ao seu alcance.

Em relação às adversidades sentidas pelos migrantes e relatadas em suas entrevistas, suas reclamações expostas dizem respeito à falta de uma infraestrutura básica quando de sua chegada na área de colonização da *MARIPÁ*. Mas, para vencer estas adversidades foi de fundamental importância o bom relacionamento entre os migrantes e os diretores da empresa colonizadora, na medida em que estas adversidades relacionadas à infra-estrutura básica vão sendo sanadas em conjunto, fator que podemos observar em seus relatos quando suas narrativas voltam-se para a questão escolar e religiosa, temas que serão tratados a seguir. Esta cooperação atendeu a interesses específicos, pois, se por um lado a companhia auxiliou aos migrantes, por outro se beneficiou com a propaganda feita com base neste auxílio, o que, por sua vez, incentivou mais ainda a vinda de novos migrantes.

Outro fator que agrava a situação vivida pelos migrantes está relacionado à precariedade das habitações como causa do surgimento de inúmeras doenças,

levando à necessidade de tratamento médico. Sobre isto Maidi Ross afirma que: “fizemo uma cozinha de oito metros de comprido e treis de largura. Dentro da casa nós tinha galinha, pato, mareco, e de noite escondia de baixo da cama prá os bicho não pegá, porque o porco do mato e as anta chegava até na porta”. (M. R.)

Alguns migrantes relatam que além de abrigo para os animais domésticos, a casa muitas vezes era usada como depósito de cereais: “no começo ainda não tinha lugar prá guardar o feijão, nós guardemo debaixo da mesa e embaixo da cama porque a nossa casa era junto, era também galpão”. (F. H.)

Além disso, geralmente a primeira casa que construíam em suas propriedades, após passadas as dificuldades iniciais, era destinada a servir como “galpão” - pequeno depósito para guardar a colheita e as ferramentas usadas na propriedade -, construindo novas moradias, com melhor estrutura e mais arejada: “depois que nós já tinha desmatado e conseguimos colhê um pouco de tudo, meu marido e o vizinho, que foi ajudá eles, construíram uma casa melhor, mais grande prá nós, e esta casa que nós morava, nós usemo prá galpão. Também eles fizeram um galinheiro e um chiqueiro”. (G.P.)

Percebemos, no entanto, que o planejamento da infra-estrutura familiar em suas propriedades são bastante semelhantes, o que pode ser comprovado também no relato de Germina Peter:

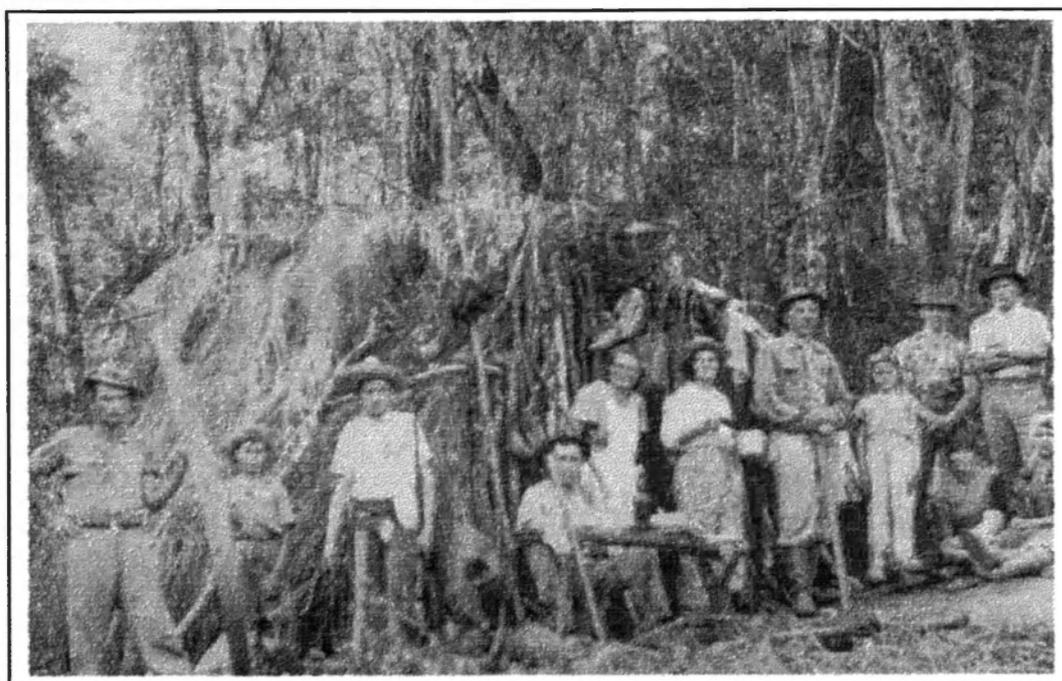
Nóis morava primeiro no barracão (...) dan habert herr aines haüse guebauat thas vos aine é é\* (...) Era um ranquinho esta casa. (...) Depois daí nós fizemo uma casa melhor. (...) Com o tempo tudo melhorou a gente colheu bastante feijão e milho (...) nós tinha daí já o gado (...) criemo também galinha (...) tudo foi se ajeitando (...) nesta época tinha bastante madeira, nós construímo chiqueiro, cerquemo a horta e a nossa casa foi feita de madeira tudo da boa. (G. P.)

---

\* Daí ele (o marido) construiu uma casa, isto é, é.

Podemos dizer, portanto, que em quase todas as propriedades a organização do espaço era feita da seguinte maneira: após a construção da residência “definitiva”, as construções antigas eram transformadas em estábulos, depósitos para guardar ferramentas agrícolas e colheitas. Além disso, eram construídos também locais cercados para criar galinhas e para a horta, bem como o chiqueiro<sup>62</sup>.

FOTO 8 – O improviso na construção das moradias (1958).



Esta foto retrata a moradia construída pela família de Oswald Heinrich, na localidade de Linha Concórdia.

FONTE: Acervo particular de Lia Dorotéa Güths

Como vemos, as dificuldades advindas da precariedade das habitações foram sendo amenizadas através da construção de residências melhor estruturadas,

---

<sup>62</sup> Na descrição de Valdir Gregory, “limpar a terra e construir implicava em criar condições de produção e de vivência. Os espaços mínimos e seus modelos e disposições eram herdados da terra natal (...) Ter lugar para armazenar milho (paiol) e abrigo para os porcos era tão urgente quanto o dormitório, a cozinha sala-de-estar. O galinheiro e a horta significavam a preocupação com a subsistência e a garantia da sobrevivência, ou seja, a busca de autonomia da unidade produtiva (...) A construção central era complementada com espaços que denotavam atividades da unidade familiar”. Gregory, op.cit., p. 117-118.

o que possibilitava um maior controle de infecções, pois a partir de então tornou-se possível adotar medidas higiênicas que obtinham resultado mais satisfatório.

Portanto, estas dificuldades estão relacionadas principalmente aos primeiros anos de colonização.

Como já foi destacado, os migrantes compartilhavam seus problemas e, ao recordarem estas dificuldades pelas quais passaram, da falta de recursos médico-hospitalares, do trabalho pesado quando do desmatamento, das longas distâncias que necessitavam percorrer para adquirir produtos e serviços necessários à família, lembram muitas vezes com ar nostálgico, sentindo saudades daquele período, das amizades, da solidariedade entre vizinhos e amigos. A união que havia entre as pessoas e que, segundo eles, hoje foi perdida, nos é relatada pelos entrevistados com um "ar de tristeza".

## 2.4 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

"Aqui a escola e a igreja nós ajudemo a construí (...) todos ajudaram. Era uma casinha pequena de madeira. O professor vinha aqui na linha Heinrich. (...) Quando chovia ele não vinha uma ou duas vezes por semana ou nem dava prá ele vir nenhum dia. Quando era tempo bom, daí ele vinha todos os dias. "

(F. H.)

Paralelamente às atividades desenvolvidas na agricultura, tornou-se necessário implantar novas atividades. Desta forma, juntamente com os migrantes agricultores, temos na fase colonizadora uma mão-de-obra especializada voltada

para serviços como carpinteiros, ferreiros, comerciantes, professores, padres, parteiras, entre outros, que forneciam serviços indispensáveis para auxiliar estes migrantes agricultores. Estas atividades, administradas pelos diretores da empresa colonizadora, tinham o objetivo de atrair novos migrantes e novos investimentos para a região, na medida em que, como foi destacado no item anterior, as dificuldades encontradas no novo local poderiam prejudicar a continuidade da venda de terras.

#### *2.4.1 Escola*

Ao escutar as vozes dos migrantes fomos conduzidos a um ambiente que nos revela acontecimentos do passado que se reconstróem e se fixam em suas memórias, mesmo que, com o passar do tempo, estas memórias venham a apresentar alterações advindas de suas experiências no presente.

Nos chamou a atenção o fato de que a temática mais abordada pelos migrantes referia-se à escola, sendo possível encontrar um grande número de entrevistas “povoadas” pelas lembranças sobre o ensino escolar. Assim, de um total de 79 entrevistas pertencentes ao acervo do Cepedal no ano de 1997, as recordações sobre este tema são abordadas em 41 delas.

Nas lembranças dos migrantes, a escola não representa apenas um local de referência para estas pessoas, mas o espaço físico da escola representou também um espaço social, pois não foi um lugar oposto às suas práticas costumeiras, muito pelo contrário, este espaço é um ponto de referência de suas memórias no qual encontramos agrupadas diversas relações socio-culturais.

Não pretendemos fazer uma história da educação de Marechal Cândido Rondon, mas tão somente recuperar fragmentos presentes na memória coletiva sobre a educação escolar no período da implantação da Vila de General Rondon.

Logo, os relatos de pessoas que migraram para Marechal Cândido Rondon possibilitaram-nos, além de conhecer o espaço físico em que a primeira escola estava localizada, observar as relações sociais que se davam neste espaço.

Vejamos o relato de Sérgio Häulermam:

Já em 1953 minha filha ia na escola. O professor Olívio French era o primeiro professor. Já existia escola, tinha primário, tinha uma escola que ia todo mundo (...) a escola foi a Companhia [Maripá] que fez (...) ela deu terreno e madeira e todos ajudaram construir, né. A escola era bem encostado do hotel da esquina, naquela esquina, hoje rua 12 de outubro. Na primeira escola tinha 28 alunos, a escola era bem pequena mais muito boa (...) o Empório também não era grande, mais tinha de tudo o que se precisava, até remédio tinha. (S. H.)

Como podemos notar, as referências à primeira escola identificam seu espaço físico, o sistema de ensino adotado, a quantidade de alunos, entre outros detalhes. O depoimento de Hilda Schirmem esclarece as funções do professor, pago pelos próprios migrantes:

O primeiro professor foi Olívio French. Tinha uma escolinha pequena que ficava em frente ao Empório Toledo. Ali hoje é a rua... como ainda... Ah! Rua 12 de Outubro, perto do hotel que tinha na esquina. Ele era o professor, o diretor, era tudo, era uma escola da comunidade, não tinha nada a vê com o Estado, era os próprios pais que pagavam o professor. (H. S.)

A educação escolar, portanto, no processo inicial da colonização de Marechal Cândido Rondon não foi uma iniciativa pública, pois o sistema de ensino implantado foi um trabalho realizado em conjunto com os migrantes e a empresa colonizadora. A oferta de ensino para os filhos dos migrantes era uma das grandes preocupações dos diretores da empresa *MARIPÁ* e para assegurar este ensino, a companhia doou a área de terras e forneceu a madeira para a construção da escola.

No entanto, a manutenção da escola foi um trabalho coletivo, planejado e executado pelos membros da comunidade.

Nos primeiros anos de fundação da Vila de General Rondon, a educação escolar restringia-se ao ensino primário. "A primeira escola primária (...) foi criada em 2 de agosto de 1951 (...) construída pela companhia *MARIPÁ*, juntamente com os primeiros moradores, recebendo a denominação de Escola Isolada Municipal (...)"<sup>63</sup>.

As lembranças relacionadas à escola restauram sentimentos sobre aquele tempo e, ao relatar informações sobre o ensino, grande número de entrevistados acaba mencionando o Empório. Assim, não podemos deixar de tecer reflexões acerca deste tema, que será nosso subtítulo seguinte:

A escola tiraram. É uma pena. (...) Ela era lá perto onde tinha na esquina um hotel. Nós mandava as criança na escola e também na loja (...) Esta era bem na frente da escola (...). Na época se dizia Empório Toledo. Aquele lugar onde era a escola, o hotel e a venda, era muito bonito. A escola era assim uma sala só. Mais também não tinha muita criança e tudo sentava no banco junto e a professora também era uma só prá tudo. (G. P.)

Dentro do universo de entrevistas com os migrantes, encontramos falas de pessoas que lecionaram na escola, como é o caso de Marta Winkel:

Ich abent mua ainses monate lecioniat\* porque eu tava muito doente, eu tava grávida (...) parei de lecionar mais mia\* continuamos morando na escola né, porque aquela escola era comprida (...) tudo debaixo de um telhado, depois foi tirado a escola (...) eu ganhava pago pelos pais das criança e a escola, a Companhia ajudô a fazê. Eu dava aula prá todas as criança numa sala. Tinha de todas as idades e eu tinha que ensiná eles. Dava matemática, português, isso como ciências, né, e história e também tinha que ensiná a das danque for gott, gebeten\* e cantá porque na escola nós fazia a missa e rezava o terço, daí as criança cantava. (M. W.)

---

<sup>63</sup> SAATKAMP, op.cit., p. 178-79.

\* Eu apenas lecionei alguns meses.

\* Nois.

\* Agradecer a Deus, oração de agradecimento a Deus.

O ensino, portanto, era o que podemos chamar de multisseriado, ou seja, todas as séries estavam reunidas em uma única sala, onde as crianças recebiam, além dos conhecimentos básicos fundamentais, a orientação religiosa. Ao recordar, esta migrante nos revela que ser professor neste período em Marechal Cândido Rondon significava sujeitar-se a desenvolver várias outras funções e, obviamente, enfrentar diversas dificuldades. Isto pode ser identificado na seguinte fala:

Da frihere schule haus, das nois usava também prá glaubes haus\*. Aqui no distrito nós ainda não tinha igreja construída assim. Então todo mundo ia rezá lá na escola. No domingo de manhã a gente rezava e o professor lia pedaços da bíblia prá gente. O pastor demorava prá vim (...) mais a escola ficava cheia e sempre bem limpa prá culto. O professor avisava a criança (...) prá os pais vim na reza. Lá também ensinava as criança a rezá, isso era bem diferente (...) sempre tem que tê escola prá as criança aprendê a lê e rezá, aprendê a lê o que Deus nos ensinou (...) Nós tinha sempre professor bom. Todo mundo gostava dele, né, era um professor muito bom, prá tudo ele sempre fez tudo certo na comunidade. (G. P.)

Novamente temos indicações de que o professor também desempenhava outras funções sociais além do magistério, podendo ser caracterizado aqui até como substituto do pastor, na ausência deste. A ele cabia além do ensino, presidir o culto e a realização das preces, sendo que o processo de ensino é entendido como forma de ensinar conteúdos relacionados à religião.

Identificamos, a partir destas reflexões realizadas por Germina Peter, o bom relacionamento existente entre o professor e a comunidade. Além disso, o professor era alguém de destaque no lugar, sendo que o ensino está marcado por vínculos emocionais. Devemos lembrar que ser professor numa pequena comunidade, neste período, significava exercer uma profissão prestigiada, era ser respeitado por todos por ter um título, pois o professor era uma das pessoas que mais reconhecimento tinha. Além disso, o professor deveria ser uma pessoa

---

\* A antiga escola também era usada para igreja.

religiosa, bem relacionada com o pastor ou o padre, uma vez que, além de professor e catequista, era a pessoa que dirigia os rituais religiosos na ausência destes “chefes maiores” da igreja na localidade.

Assim, ao recordar, estas pessoas definem o espaço escolar como aquele em que encontramos peculiaridades e significados inseridos na organização socio-cultural, compondo grupos homogêneos e constituindo seu modo de vida com características expressivas da terra de origem, conservando costumes e organizações típicas do Brasil meridional ao se estabelecerem na terra de adoção.

Os relatos estão permeados por múltiplas referências que, ao fazer alusões expressivas, deixam transparecer claramente a figura do professor como um “disciplinador”. Importante observarmos como estas referências revelam o apoio da comunidade no que tange à disciplina rígida exigida na escola e cobrada pelos pais, com o uso inclusive de castigos físicos como recurso para formar bons hábitos, levando os alunos à obediência.

Observamos isso no relato do professor Edmundo Folmer, quando afirma que “todos os pais assinavam na ata que até com a varinha eu podia batê. Era de joelho, era de pé, na porta com a frente prá fora e lê alto que todos os alunos escutava. Todos estes castigos eu aplicava, não matando ninguém, mais o respeito foi a varinha quem deu”. (E. F.)

O uso de castigos físicos como recurso para formar bons hábitos para levar os alunos a uma disciplina e obediência era freqüente: “der lehren Olívio, was aine\*, é como digo, era enérgico, mais tudo nós apoiava porque queria as criança educada, não como são hoje, responde pro pai e pro professor, e hoje já não podem

---

\* O professor Olívio, era um.

nem castigá. Por isso é assim, não obedece mais". (M. R.)

Assim, com muita freqüência podemos observar nas falas dos entrevistados, ao se reportarem à escola, que estes fazem uma correlação bastante visível sobre o saber transmitido em casa e o saber transmitido na escola, pois o professor não tinha apenas a função de transmitir conhecimentos - que para o período se restringiam a ler, a escrever, a "contar os números" e fazer as quatro operações matemáticas -, mas tinha também a função de educar as crianças, reforçando a rígida disciplina que já recebiam por parte dos pais, mesmo que, para tanto, necessitassem recorrer a castigos físicos. Assim, para o bom andamento de uma escola é importante também ter um bom mestre.

Lúcio Kreutz, em sua obra *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*, ao analisar as origens da figura do professor paroquial e o seu papel na formação das comunidades rurais de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, afirma que: "se o professor for bom, cumpridor dos deveres, assim também serão os alunos"<sup>64</sup>.

Logo, o professor deveria despertar bons sentimentos e interesses em seus alunos, sendo por isso necessário ter na comunidade um professor considerado por eles como sendo de bom caráter, pois "para os pioneiros migrantes, predominantemente evangélicos, a questão escolar era fundamental, inclusive para a sobrevivência religiosa. A leitura e a interpretação da Palavra de Deus eram o centro da prática religiosa e pressupunham a escolarização"<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial : magistério e imigração alemã*. Porto Alegre : UFRGS, 1991, p. 95.

<sup>65</sup> Idem, p. 59.

Ainda sobre esta questão, Carlos Brandão em *O Trabalho e o Saber: cultura camponesa e escola rural*, investiga e descreve algumas relações entre a cultura camponesa e a escola rural em uma pequena vila. O autor destaca que “sempre se considerou que o saber da escola completa e requalifica a educação recebida em casa. Essa é a razão pela qual até há poucos anos alguns pais autorizavam aos mestres o castigo físico sobre seus filhos”<sup>66</sup>.

No começo tinha uma escola com um professor só, mais deu prá quebrá o galho. Também só tinha umas vinte ou trinta criança nesta escola. Tudo ia numa sala só. Isso era do lado do hotel da esquina e tinha lá também uma venda chamada de Empório Toledo. Isso era assim tudo construído de madeira mais tinha tudo na escola, desde banco, não como hoje, era banco prá dois sentá junto. ( E. R.)

Ainda com relação à educação, é importante analisarmos as condições que caracterizavam a permanência do aluno na escola.

Um aspecto interessante é revelado na entrevista de Hilda Schirmem quando afirma que “a criança ficava na escola uns treis ano ou quatro, até que ela sabia o essencial, assim até concluir o antigo primário. Mais a maioria não concluía, o pai precisava na roça, na lavoura, então desistia no terceiro ou no segundo ano”.  
(H. S.)

---

<sup>66</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber : cultura camponesa e escola rural*. São Paulo : FTD, 1990, p. 33.

FOTO 9 – Estabelecimento escolar em General Rondon (1950).



Grupo de crianças às vésperas do Dia da Páscoa em General Rondon.  
FONTE: Acervo particular da Profª Lia Dorotéa Güths.

Como podemos observar, são estabelecidas certas prioridades no âmbito familiar e a escola perde para o trabalho em termos de importância, pois “é o trabalho que põe o pão na mesa”, ou seja, a escola não poderia competir com o trabalho num ambiente em que as questões materiais são mais urgentes.

Assim, a escolaridade era mínima, sendo que às vezes a criança não completava os quatro anos do “primário”, pois a escolarização era interrompida pela necessidade dos trabalhos agrícolas.

Para o migrante recém-chegado, derrubar a mata, fazer a queimada, geralmente eram atividades destinadas aos homens. Para formar a roça, as mulheres auxiliavam no plantio e na colheita, além de ordenhar as vacas, cuidar da horta, alimentar os animais e realizar as atividades relacionadas aos cuidados com a casa. De modo geral, este era o sistema adotado quando da divisão do trabalho na propriedade. Deste modo, as atividades destinadas às mulheres eram muitas vezes redirecionadas às crianças, no entanto, sem as mesmas exigências.

A gente precisava das crianças (...) todo mundo tinha que trabalhá, nós, mulher, ia junto na roça e quando chegava, ainda tinha tudo em casa, tratá os bicho, tirá leite, essas coisa, cuidá das galinhas porque daí ele fazia o pasto e cozinhava alimento pros porco, daí as criança também ajuda nessas coisa, debulhá milho, recolhe ovos, o pátio eles tinha que carpi, puxava os boi quando ele passava o arado, das ales aben di kiner quechafet maim got\*! Faziam os graveto, recolhiam lenha prá dentro de casa, coitadas dessas criança e ainda ia na escola (...) as veis tinha que faltá na aula prá ajudá trabalhá (...) hoje, os netos meu Deus! É só tv, tv. (D. M.)

A falta de um ou mais membros da família por algumas horas do dia podia significar atraso no plantio ou na colheita, pois muita coisa necessitava ser feita. Trabalhava-se de manhã até o anoitecer e, as crianças, mesmo realizando as tarefas mais leves, contribuíam sensivelmente para o desenvolvimento das atividades rotineiras.

Sob estes aspectos Tamara K. Haveren – ao examinar os avanços que ocorreram no ramo de pesquisa da história da família, abrangendo o processo de urbanização e industrialização nos E.U.A. e Europa Ocidental e referir-se às transformações do comportamento familiar no século XIX –, afirma que “a família era uma instituição funcionando como uma unidade coletiva, e as funções de seus

---

\* Tudo isso as crianças trabalhavam, meu Deus!

membros eram determinadas na base<sup>67</sup>. Estas observações realizadas pela autora são verificáveis também nas falas dos entrevistados, que enfatizam a coletividade dos afazeres:

hier, musten mier, die kinder\* (...) tudo trabalhá todos já sabia o que fazê. Te fáta und di motha\* dava as ordem o que tinha que fazê, e tudo obedeceu, a gente se tinha serviço novo falava só uma veis e eles iam. E os outros serviços de todo dia nem mandava, eles já sabia o que cada um tinha que fazê. Isso era assim (...) o meu marido dizia nuar\* uma vez, ninguém reclamava. Ou escolhe o que não qué, pôr que thas must guemasain\*. (A. P.)

De modo geral nas entrevistas que analisamos, em um número considerável é abordada a divisão das atividades. Percebemos que a constante "ajuda mútua" era de certo modo imposta pelos pais:

Meu pai, nossa isto falava uma vez só, tu faz isto, este faz aquilo, o outro tinha que fazê outra coisa (...) não importa se era sábado ou domingo sempre nós tinha que trabalhá, mesmo que no final de semana era coisas leves, rotineiras da casa e da criação (...) O pai e a mãe ficavam com visita ou eles iam passeá e nós cuidava da casa (...) durante a semana todos. Só, se tinha colheta (...) ou plantá, daí não tinha final de semana prá ninguém (...) e nós nem podia pensá em reclamá. Só os pequeno que não podiam ainda, tavam livre. (N. P.)

Assim, podemos constatar que:

um dos objetivos subjacentes dessas relações recíprocas era a manutenção da auto-suficiência familiar (...) crianças tinham que abandonar a escola e começar a trabalhar cedo para sustentar seus irmãos mais jovens (...) a família contava apenas consigo mesmo para atender suas necessidades econômicas; prevenir-se contra a dependência, e superar inseguranças e desastres. A ajuda mútua entre os membros da família era essencial à sobrevivência<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> HAREVEN, Tamara K. Tempo de família e tempo de história. *História: questões e debates*, Curitiba, v. 5, n. 8, p. 15, jun. 1984.

- \* aqui nós precisava das crianças.
- \* o pai e a mãe.
- \* apenas.
- \* isso tinha que ser feito.

<sup>68</sup> HAREVEN, op.cit., p.17-19.

A maneira pela qual ocorria a divisão das tarefas revela que, diferentemente da solidariedade entre amigos e vizinhos – imposta pela própria realidade em que estes se encontravam –, o trabalho era considerado como um dever de cada membro da família. Deve ser considerado o fato de que a própria necessidade da época impunha aos chefes das famílias a distribuição de tarefas.

Assim, o trabalho infantil passa a desempenhar um papel importante na economia da propriedade e a escola perde em importância nas prioridades das famílias, pois neste espaço se davam as reproduções das práticas e dos valores da comunidade, não exigindo, dessa forma, um longo período para a escolarização, justificado pelo fato de que a inclusão do jovem no mundo da produção era uma necessidade imediata. Tais atitudes eram responsáveis pela garantia da subsistência da família através da continuidade ininterrupta do trabalho.

Outro aspecto curioso relacionado à escola é o fato das pessoas, ao se recordarem da mesma, recordam-se também da casa comercial. Deste modo, percebemos que na comunidade o *Empório Toledo*, além de ser um ponto comercial, era, assim como a escola, um espaço de sociabilização.

Nízia Peter, filha de migrantes que veio aos 12 anos de idade junto com seus pais residir na vila General Rondon (no ano de 1953) procedente de Chiapeta, Rio Grande do Sul, além de fornecer estes relevantes dados, nos auxiliou na organização da planta da localização da escola, e também proporcionou-nos um passeio pela cidade para localizarmos alguns pontos de referência presentes na memória comum dos migrantes, e entre estes, a localização do lugar em que os entrevistados nos falam, ou seja, o espaço físico da escola, do hotel da esquina e do Empório Toledo, Igreja, cinema.

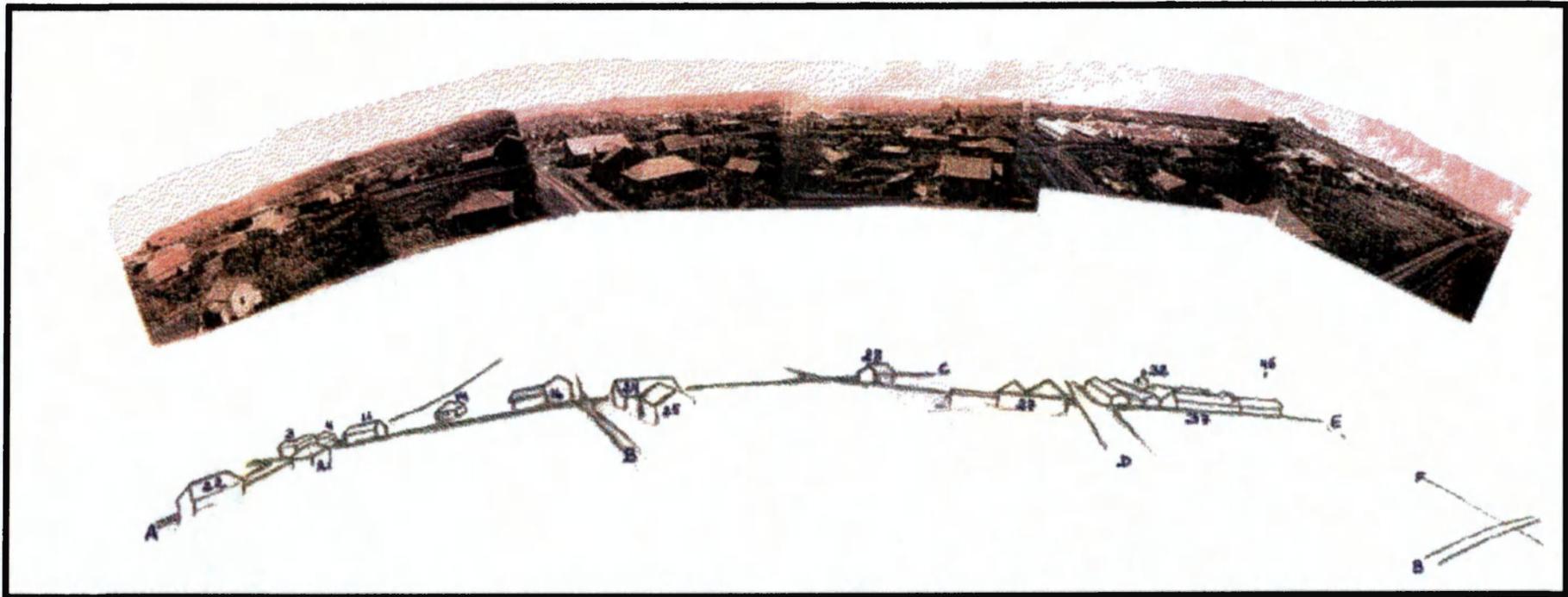
Após este passeio aos lugares da memória dos migrantes, esta entrevistada nos localizou na planta abaixo algumas residências, bem como alguns estabelecimentos comerciais e instituições, tais como a igreja e a escola. Esta planta compreende parte da do plano urbano atual da cidade de Marechal Cândido Rondon restringindo-nos apenas a parte da planta em que os espaços de sociabilidade do período da colonização estavam situados.



Através dos dados apresentados acima, temos portanto a localização exata da primeira escola. Verificamos assim que a escola ficava ao lado do hotel que os entrevistados mencionam como “hotel da esquina”, que vem a ser o *Hotel Brasil*, cujo prédio, da mesma forma como a escola e o Empório, foi demolido.

Estas evocações ativam a nossa imaginação, pois, a partir destes relatos, podemos conhecer o local da primeira escola a partir do ato de lembrar, ou seja, esse lugar pode novamente ser reproduzido pelo trabalho de rememoração e, dessa forma, estas entrevistas nos possibilitam refletir sobre a memória como forma de nos revelar o que não chegamos a conhecer e não vivemos.

FIGURA 1 – Vista Geral da Vila General Rondon, 1958 (antiga Zona Bonita).



A fotografia é resultado de montagem de fotos, de 1958, obtidas do alto do Moinho Henke, em vários ângulos, resultando na curvatura das ruas, o que exige certo cuidado na identificação das mesmas. A figura é cópia desta montagem para melhor representar os principais elementos urbanos do centro da vila de General Rondon, na década de 50. Relacionar esta montagem com a FIGURA 2 e com o MAPA 3. Os números referem-se aos mesmos utilizados nestas ilustrações.

FONTE: Acervo particular das organizadoras. Organizado por: Norma Petry (pioneira), Neiva Salette Kern e Lia Dorotéa Gúths, 1999.

LEGENDA: 3 Hotel Avenida 4 Oficina 11 Empório 14 Casa gerente do Empório 16 Hotel Brasil 21 Comercial Max Maaz (Banco Bamerindus) 22 Correio e Rodoviária 24 Marcenaria Max Lindenauer 25 Casa de Max Lindenauer 27 Salão e bolão Haimeidinger (Weis) 28 Cinema 32 Igreja Católica 37 1ª Exp. Agro-pecuária 45 Igreja Evangélica;

A Avenida Rio Grande do Sul B Rua Santa Catarina C Rua 12 de Outubro D Rua Colombo E Rua Paraná F Rua Mém de Sá.

Assim, percebemos que houve uma ação que extinguiu um lugar da história da comunidade, restando apenas a memória dos migrantes para reconstituir este espaço em seu imaginário. É neste sentido que podemos considerar “a memória, como um trabalho de reminiscência e imaginação, que pela sua força de evocação, fabrica, produz, os lugares da memória”<sup>69</sup>.

No ato de recordar, destas pessoas, a escola é um lugar descrito sob vários pontos de vista, mas, sob uma análise da memória coletiva, a descrição ocorre através do olhar ao passado como se estivessem vendo novamente o local. Assim, o “regresso” ao passado aqui não equivale a uma caminhada para encontrar uma origem, mas sim permite que “a origem” venha a nós a partir do ato de relembrar, pois os migrantes se referem a este ponto como se estivessem enxergando-o no momento do relato.

A memória torna-se dependente de certos espaços e, desta forma, a reconstrução da memória de uma comunidade está atrelada à seleção de fatos que sensibilizaram os que conviveram cotidianamente neste espaço ou, em outras palavras, as experiências vivenciadas atraem os lugares aos quais as lembranças estão direcionadas, uma vez que criam vínculos com este espaço.

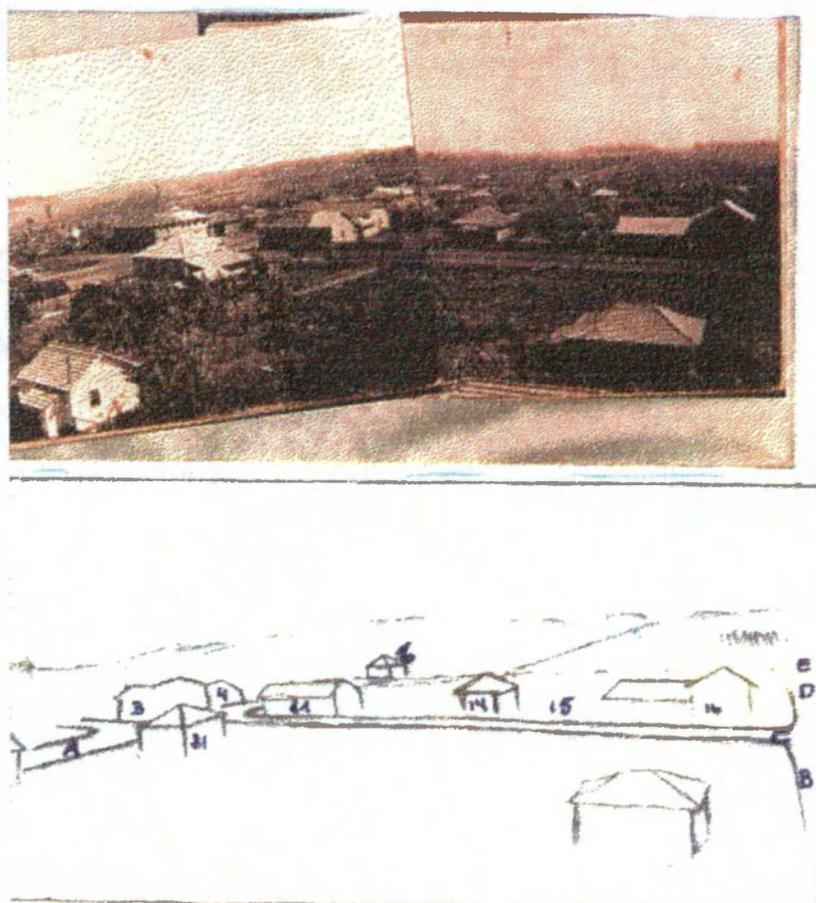
Mas apenas após conhecermos este espaço físico - a partir da narrativa dos migrantes e principalmente após o passeio realizado com uma das pessoas entrevistadas, momento este que proporcionou a descrição e a apresentação de fotografias do local -, é que passamos a entender melhor porque a temática da escola é tão recorrente na memória dos migrantes.

---

<sup>69</sup> CARDOSO, Irene Amada Ribeiro. Maria Antonia: a interrogação sobre o lugar a partir da dor. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v.8, n. 2, p. 1-10, out. 1996. p. 6.

Esta recorrência pode ser explicada pelo fato do espaço físico, onde se localizavam os prédios da escola e do Empório, ser também um espaço de sociabilização. Desta forma, este espaço é muito significativo para os migrantes, pois agregava a escola, usada tanto para as aulas como para os cultos religiosos, e o Empório, local onde a maioria dos migrantes necessitava realizar operações de compra e venda de produtos.

FIGURA 2 – Espaços de Sociabilidade de General Rondon em 1958



A figura é cópia da montagem para melhor representar os principais elementos urbanos do centro da vila de General Rondon, na década de 50. Para facilitar a compreensão, deve-se relacionar esta montagem com a FIGURA 1, pois os números referem-se aos utilizados na mesma. (Organizado por: Norma Petry, Neiva Salete Kem e Lia Dorotéa Güths, 1999).

**LEGENDA:** 3 H. Avenida; 4 Oficina; 6 Casa V. Winter; 11 Empório; 14 Casa gerente Empório; 15 Primeira escola; 16 H. Brasil; 21 Com. M. Maaz ; 22 Correio/ Rodoviária. (A Av. Rio Grande do Sul; B Rua Santa Catarina; C R. 12 de Outubro; D R. Cabral; E R. 22 de Abril.)

**FONTE:** Acervo particular das organizadoras.

A sociabilização é evidenciada na importância dada ao fato dos filhos saberem ler para aprender os ensinamentos religiosos, além de ser freqüentado pelos migrantes para realizar atividades de ordem diversa, sendo, portanto, um espaço em que os migrantes, além de propagarem a sua fé, servia de ponto de encontro, devido ao fato de que após os rituais religiosos, trocavam idéias com os amigos, ficavam sabendo dos novos moradores que haviam chegado com suas famílias e mudanças, além de trocarem idéias sobre as técnicas de plantio, entre outros assuntos.

Estas foram algumas das justificativas que encontramos para que quase todos os entrevistados tenham em "seu mapa mental", além do espaço físico da primeira escola, recordações sobre como ocorria o processo da aprendizagem básica.

A escola, nesta concepção, não era, portanto, uma unidade isolada em General Rondon, pois, ao representar um espaço de sociabilização, abrangia diferentes relações sociais, tais como a transmissão de conhecimentos, a propagação da fé, além de possibilitar momentos de lazer.

#### 2.4.2 *Empório*

Se a escola foi um elemento essencial na vida da comunidade, o *Empório Toledo*, a primeira casa comercial de General Rondon, também foi parte integrante da paisagem, pois era o centro de compra e venda para os migrantes que viviam praticamente isolados em suas propriedades. Além disso, era o local de encontro

dos alunos e de pessoas que não se viam durante longos períodos de tempo. O Empório era um pequeno estabelecimento onde os migrantes comercializavam o excedente da sua produção e adquiriam gêneros de primeira necessidade.

Este tipo de relação constituiu-se numa oportunidade de circulação de variadas informações que não se restringiam apenas às notícias da região, mas este espaço também propiciava ao migrante informações sobre seus locais de origem. Deste modo, era um ponto de referência para longas conversas com os amigos e vizinhos, constituindo-se num espaço privilegiado de sociabilidade.

O que fica perceptível ainda nos relatos dos migrantes é que os mesmos constituíram este espaço como um ponto de referência em suas memórias, o que lhes dá, de certa maneira, um sustentáculo para relembrar outro espaço de sociabilidade: a escola. Isto ocorre provavelmente pelo fato de compartilharem o mesmo espaço físico, ou seja, a estrutura tanto da escola quanto do Empório estavam situados lado a lado.

Deste modo, muitos migrantes ao lembrarem algo relacionado à escola, mencionam como referência o Empório e vice-versa. Estes dois espaços, além de constituírem-se como espaços onde se encontravam as estruturas físicas da escola e do Empório, constituíram-se também em lugares da memória e espaços de sociabilidade.

FOTO 10 – Empório Toledo e Hotel Avenida (1958).



FONTE: Acervo particular de Norma Petry.

Di schulen, di var dicht auf dir hotel\*, não lembro o nome, mia abent ima guesast\* hotel da esquina, lá perto ficava o Empório Toledo prá nós fazê a comprá. Mia abent café, sal, thsugar, querosen, thsois, ferraments bist remédio var that\* (...) dia de semana para ia só quando tinha que i ve na escola, var di sculen di var dicht\*, daí ia vê se tinha problema, val dir kinder\*, sabe (...), depois daí ia na venda (...) o Empório era da companhia, eles que botava aqui. (G. P.)

Podemos constatar portanto, que os diretores da empresa, cientes das necessidades de abastecimento dos migrantes, organizaram, “em 1949, uma

---

\* A escola, ela era perto do hotel.

\* Nois sempre falava.

\* Nois tinha café, sal, açúcar, querosene, tecido, ferramentas e até remédio tinha lá.

\* Porque a escola era perto.

\* Por que as crianças.

empresa com o título de Empório Toledo Ltda.<sup>70</sup> que se tomou o local para a aquisição de produtos fundamentais para o conforto das famílias:

O Empório já tinha aqui em 1951 ou 1952 (...) uma casa de madeira não muito grande coberta com telhas de barro onde nós encontrávamos alimentos, tecidos, calçados, ferragens (...) mais tarde tinha louças, remédios. (...) A gente era bem atendido. No começo era só ali que nós podia comprá, mais tarde daí tinha mais comércio. (N. P.)

Deste modo, o Empório, além de representar o centro comercial do período, se constituía, na memória dos entrevistados, numa referência importante, também por este ter se caracterizado como um espaço de sociabilidade. Vejamos o relato da pioneira Maide Ross:

A venda né, como se dizia, era diferente dos mercado de hoje (...), lá nós vendia ovo, queijo, banha, tudo que nós colhia (...) Maine Got\*, e como se trabalhava prá sobrá. Aí nós trocava pelo que precisava (...) quase sempre encontrava gente conhecida, não tinha assim que fazê tudo ligeiro como hoje (...) tinha tempo prá conversá ainda (...) tudo ia ali, não tinha outro lugar. (M. R.)

Como podemos depreender do relato, esta casa comercial desempenhava funções importantes, intermediando relações comerciais entre os primeiros moradores e os centros urbanos mais próximos, pois “no Empório Toledo nós vendia o que sobrava da colheta, assim milho, feijão, banha, depois os porco e as galinha. O que a gente tinha sobrando. Com o dinheiro, nós comprava no Empório o que nós não colhia: açúcar, sal, querosene, pano pra fazê roupa, das tins ales vas mia musten\*. Quando nós não tinha dinheiro, nós deixava marcá (...), acertava tudo depois”. (G. P.)

---

<sup>70</sup> SILVA, op.cit., p. 219.

\* Meu Deus

\* Essas coisas todas que nos precisávamos.

Do exposto, é perceptível que este estabelecimento surgiu em função das necessidades da população (aliado aos interesses comerciais da companhia colonizadora), comercializando produtos de primeira necessidade e adquirindo excedente da produção dos migrantes: “nóis vendia tudo no Empório que a firma Maripá botô aí (...). O Empório era perto da escola (...), era o principal centro e porque tudo ficava lá (...) hoje seria como o centro. Ali a gente sempre encontrava alguém prá conversá (...) as novidade né, era prá nóis mulher tudo aí e aí nóis sempre podia i”. (M. W.)

O Empório era um espaço que propiciava a convivência com amigos. É interessante observar que era um espaço que pessoas de ambos os sexos podiam freqüentar, onde podiam deixar suas conversas “em dia”. Outro aspecto importante a destacar, é que no Empório os homens realizavam diversos negócios.

Minha mãe muitas vezes reclamava com meu pai pelo horário que ele chegava em casa ao anoitecer, ele respondia: eu tava no Empório fazendo negócio (...) O pai era construtor, daí lá como vinha bastante gente ele ficava sabendo de serviço (...) lá também as novidades eram contadas. Assim, quanto mato já se tinha derrubado, o que ia se plantá ou quantos sacos de alguma coisa se colheu, quem comprou terra. Era assim durante a semana. Isto a gente podia ficá sabendo no Empório (...) agora pena que não existe mais. (N. T.)

Nos registros referentes ao Empório, percebemos que este lugar é evocado como ponto comercial, mas, em suas lembranças este espaço aflora também como um espaço social e, assim como a escola, constituiu-se em “lugar da memória”.

### 2.4.3 Igreja

Ao chegarem os primeiros migrantes nos primórdios da colonização, Marechal Cândido Rondon era uma região praticamente desabitada em sua maior extensão. O rápido desenvolvimento se deu com a chegada de grandes levas de migrantes procedentes do Brasil Meridional, com etnia e religião quase homogêneas, que foram considerados, pelos diretores da empresa colonizadora, como portadores de uma mão-de-obra afeita para as atividades que necessitava ser realizadas na região.

Deste processo, destacamos o interesse dos diretores da empresa colonizadora em direcionar a formação destes núcleos agrícolas, objetivando a homogeneidade no que se refere à etnia e à religião. Logo, na fase colonizadora, a orientação dos diretores da empresa foi compor colônias semi-fechadas, o que fomentou a formação de Marechal Cândido Rondon com um número relativamente elevado de migrantes alemães evangélicos.

Os diretores da referida empresa constatam que numa colonização bem organizada, a presença da igreja era algo indispensável, por apresentar-se como mecanismo para a atração de migrantes, pois estes tinham a possibilidade de dar continuidade a sua formação religiosa. Oscar Silva, ao desenvolver um estudo sobre o processo de colonização desenvolvido no município de Toledo - cuja área também pertencia à Fazenda Britânia, sendo, portanto, colonizada também pela MARIPÁ -, ressalta que:

A própria procedência étnica e religiosa de cada família determinou o processo de ocupação regional. Assim, por exemplo, os descendentes de alemães de predominância evangélica, passaram a residir de um modo geral, em Marechal Cândido Rondon, enquanto os de origem italiana, tradicionalmente católicos, se

fixaram em Toledo”<sup>71</sup>.

Desta forma, a vinda de grande número de migrantes alemães luteranos para Marechal Cândido Rondon está ligada à política colonizadora colocada em prática pelos diretores da empresa *MARIPÁ*. Assim, *a priori*, um novo núcleo colonial se construiu em torno do patrimônio espiritual e cultural de seu povo, fundamentado em tradições e costumes da população: “logo fizemo escola, depois a igreja, tinha um coral, e veio um pastor depois para ficá. Antes era só de mês em mês que tinha pastor e levava dois meses até ele vir de novo (...) A gente rezava sozinho, quero dizê, nós fazia os culto. Tudo funcionava bem (...) e agora, das danke mir nach got\*, como antes”. (E. J.)

Logo, a liderança da empresa colonizadora procurou garantir a continuidade da vida espiritual, pois, cientes de que os futuros migrantes iriam optar por uma nova terra em que houvesse a possibilidade de continuar suas práticas religiosas, além de estarem cientes também de que é na sua fé que o migrante irá buscar apoio nos momentos de dificuldade. Desta forma, um desenvolvimento organizacional com a manutenção do vínculo religioso, era ponto básico para o sucesso do empreendimento da companhia.

Houve, portanto, uma orientação por parte dos administradores, quando da organização do espaço físico, em delimitar áreas destinadas para a construção da igreja, da escola, da praça, etc. (estes espaços físicos podem ser visualizados no MAPA 3). Assim, a formação da comunidade religiosa de Marechal Cândido Rondon teve todo o empenho das lideranças da empresa e dos membros da comunidade:

---

<sup>71</sup> SILVA, op.cit., p. 251.

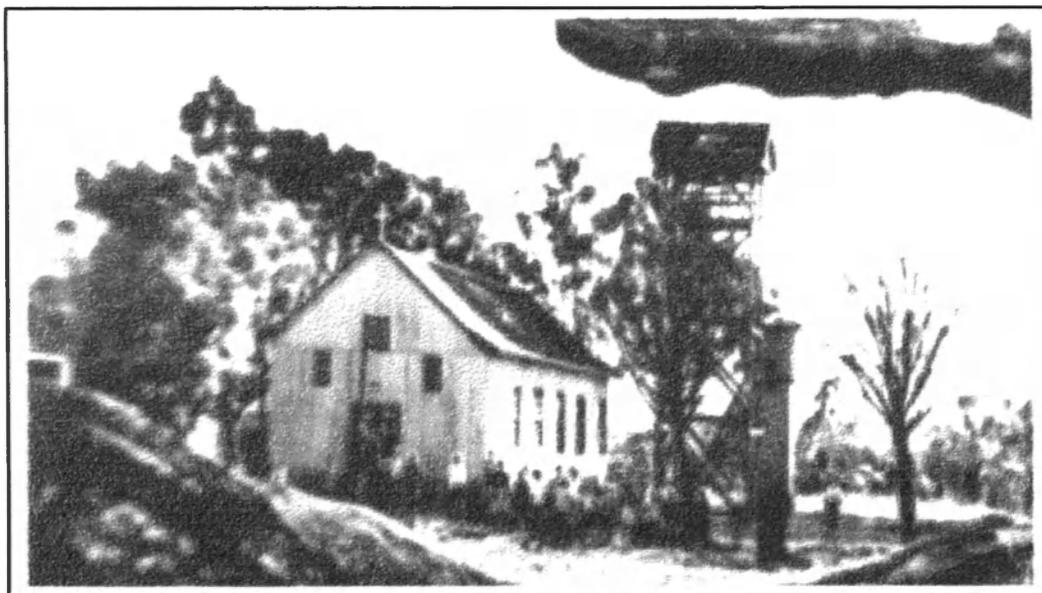
\* Nos agradecemos a Deus.

“nóis como evangélico, nóis entremo, tava em sete prá fazê di kirche bauer\*. A firma deu o terreno e a madeira né, e nóis fizemo o serviço (...) Tudo ajudô, mia di gemeinster di evangelich kirich construiat\*.” (F. S.)

Todos os sôcios ajudaram na construção da igreja porque a *MARIPÁ* “deu pros evangélicos o lote (...) Mais deu também pros católicos (...) e prá as outras religiões. (...) A firma dava terreno e os sócio se juntava para construir (...) Isso funcionava porque se o pai não podia i um dia, o outro dia ele ia ajudá”. (A. E.)

Neste contexto temos, portanto, uma das características mais marcantes da trajetória da comunidade de Marechal Cândido Rondon: a religiosidade de sua população. Os relatos dos migrantes nos revelam este perfil religioso e nos mostram que estes tiveram a oportunidade de “transplantar” seus valores religiosos.

FOTO 11 – Primeira Igreja Evangélica de Confissão Luterana em General Rondon (1953).



Esta foto mostra detalhes da primeira igreja construída no lado Norte da Praça Willy Barth, entre as ruas Sergipe e Tiradentes. (Lote nº 45 do MAPA 3).  
 FONTE: Acervo particular de Norma Petry.

---

\* Construir a igreja.

\* Nois, a comunidade, construímos a igreja evangélica.

A possibilidade de manutenção das práticas religiosas era requisito fundamental para a convivência pacífica entre os migrantes:

Mia habent di luteranische kirich\* (...) quando era domingo tudo freqüentava. O nosso pastor vinha de Erechim, ele vinha, naquele tempo né, de avião, de Erechim. Ele vinha a Foz do Iguaçu, vinha até Porto Britânia com barco acima. Ele vinha [até Foz do Iguaçu] e a companhia vinha buscá depois de caminhonete ou caminhão (...) vinha mais ou menos de cada mês e meio (...) O povo vivia em paz, nunca houve briga entre religião. Por isso aqui foi prá frente, porque tinha religião. Então o pessoal de fora né, pensou: 'lá eu posso i morá', [porque] main Kirich tá lá\*. (S. H.)

O procedimento de verificação prévia quanto à possibilidade de manter suas tradições religiosas é muito comum nos relatos que observamos. Este procedimento tinha sua razão, pois a igreja, através de seus representantes como o pastor ou o padre, insere-se como elemento primordial no cotidiano dos migrantes, tanto entre os luteranos quanto entre os católicos. Logo, a presença deste elemento tornou-se indispensável para o sucesso da colonização e, desta forma, a companhia colonizadora auxiliou na construção de capelas. "Ao lado de cada escola, construía igrejas, auxiliando as congregações e ordens religiosas".<sup>72</sup>

Podemos perceber que uma nova comunidade estava sendo construída em torno do patrimônio espiritual e material de seu povo. Logo, temos aí uma expressão de fé, um sentimento religioso tradicional, trazido pela família migrante. Concomitantemente a este processo, é necessário lembrar que o espaço físico da igreja, assim como da escola, é um lugar onde se teciam relações de sociabilização deste grupo.

---

\* Nos tinha a igreja luterana.

\* Minha igreja.

<sup>72</sup> SAATKAMP, op.cit., p. 52.

Maine mothar sag: 'sontagmoit must in di kirche, sonst ist micht songt\*'. Primeiro nós tinha que ir agradecê e orá (...) daí de tarde a gente podia passeá nos vizinho. (...) No domingo a gente ficava contente, todos iam na escola, que no domingo servia de igreja, a gente encontrava com vizinhos todos porque na semana não dava prá passear. Tinha tudo prá fazê. (E. J.)

De acordo com os relatos, nos fins de semana, as famílias, que durante a semana estavam trabalhando em suas lavouras, vinham para o culto dominical, que na fase colonizadora era o maior evento social:

Das naier klait ima eacht, nós tinha que usá na kirche\*. Só depois a gente podia usá prá sair em outro lugar, prá passeá, vor einen baile ou einen fest\*. Todo mundo inaugurava a roupa nova na igreja, isso a gente já fazia também lá no sul. Sempre a gente usava as melhores ropas prá ir rezá, prá Deus ajudá a gente a ir bem. (N. P.)

São múltiplas as referências feitas a respeito da necessidade de vestir-se bem para participar dos rituais religiosos. Os migrantes necessitavam ir bem vestidos para receber a palavra de Deus na igreja. Logo, a "estréia" de uma roupa nova se fazia normalmente na igreja, pois só assim podia se contar com a benção divina.

Desta forma, o espaço físico da igreja, assim como a escola e o Empório, desde cedo assumiu variadas funções. Na organização da comunidade, estes espaços representam a possibilidade de associação das pessoas. Além de lembrar aos migrantes de sua comunidade religiosa no local de origem, a igreja era o espaço de adoração, onde o pastor ou padre eram considerados "representanteš divinos".

A igreja desempenhava também o papel de espaço de recreação onde os migrantes, após suas orações, podiam reunir-se nos domingos e dias de festa para

---

\* Minha mãe dizia: 'domingo de manhã devemos ir à igreja, caso contrário não é domingo'.

\* O vestido novo, sempre, primeiro nós tinha que usar na igreja.

\* Para um baile ou uma festa.

conversar sobre suas atividades rotineiras na colônia e saber das novidades. Desta forma, este espaço não se restringia unicamente à oração, pois nele ocorriam a troca de experiências e a rememoração do passado, tornando-se o centro social da comunidade para a preservação de tradições da antiga terra.

O jornal *O Paraná*, de 23 de julho de 1983 nos revela o seguinte dado sobre a questão religiosa em Marechal Cândido Rondon:

Os pioneiros, na maioria eram descendentes de imigrantes alemães, procedentes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No ano de 1956 havia 95% de famílias alemãs e 5% de famílias italianas e apenas 6 famílias luso brasileiras, trabalhadores, totalizando cerca de 587 habitantes. A religião mais praticada era a evangélica. Também houve a presença da religião católica e batista, porém em menor incidência.<sup>73</sup>

E no início de 1990, quando outra pesquisa foi realizada nas comunidades religiosas de Marechal Cândido Rondon por Clarice Von Borstel, os dados levantados nos revelam os seguintes números: “a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), de acordo com seus arquivos, um total de 1.400 famílias congregam esta comunidade religiosa. Destas, aproximadamente 1.300 são descendentes de alemães”<sup>74</sup>.

O mesmo levantamento foi realizado na Igreja Evangélica Luterana do Brasil, onde “havia 975 famílias registradas das quais 540 são descendentes de alemães”<sup>75</sup>.

Em agosto do mesmo ano, esta pesquisa foi realizada “na comunidade Católica Sagrado Coração de Jesus (...) encontramos 1.600 famílias registradas, das quais 600 são descendentes de alemães”<sup>76</sup>.

---

<sup>73</sup> Jornal *O Paraná*, Cascavel, 23 jun.1983, p.6.

<sup>74</sup> VON BORSTEL, op. cit., p. 49-51.

<sup>75</sup> VON BORSTEL, op. cit., p. 49-51.

<sup>76</sup> VON BORSTEL, op. cit., p. 49-51.

Estes dados revelam, portanto, que os migrantes luteranos, e posteriormente católicos, tiveram condições favoráveis para poderem manter suas convicções religiosas.

#### 2.4.4 Cinema

Simultaneamente às festividades promovidas pelas comunidades religiosas, os bailes de *Kerb*, bem como festejos realizados em suas residências, a população tinha acesso ao cinema<sup>77</sup> que, segundo seus relatos, proporcionava a revitalização física e mental, após a cansativa e rotineira jornada de trabalho, propiciando descanso e descontração. Segundo Magdalena Bühler:

era divertido no começo, já em 1954 tinha cinema (...) vinha no começo (...) tudo o pessoal da colônia. Para eles era novidade. Passava filme no começo a cada quinze dias. O filme vinha de Curitiba. Mesmo cansado de trabalhá, as pessoas assistiam os filmes, faroeste, o pessoal gostava, Robin Und, Roni Shaide, e a família trapo, e a Sisi, a imperatriz. Sempre, sempre eles gostava de assistir estes filmes, parecia uma festa, ninguém quase deixava de vir (...) eu ficava feliz em ver todos sempre no cinema. Hoje é uma pena, não temos mais o cinema. Tudo ficou caro e, com o vídeo, as pessoas se isolam em casa (...) Mas antigamente era mais divertido porque no cinema as pessoas se reuniam. (M. B.)

Através do relato, percebemos como estas sessões marcaram a memória desta migrante, pois a mesma recorda inclusive dos nomes das personagens dos filmes exibidos. No relato a seguir, o cinema é identificado como sendo uma forma de evitar a rotina e poder encontrar outras pessoas:

---

<sup>77</sup> Este cinema localizava-se na esquina das ruas 12 de Outubro com Paraná (ver lote nº 28 do MAPA 3).

Maine, maine!\* Nóis sempre ia. Meu pai e minha mãe e meu irmão. As famílias todas iam, pais e filhos. Era divertido, era uma hora de divertimento, mier waren ima fraugweb\* porque daí de noite todos ia sair (...) Também porque ia encontrá com as pessoas e se diverti. (N. P.)

Vemos que as oportunidades que apareciam e que fomentavam a aproximação das famílias eram aproveitadas intensamente. O cinema proporcionava o encontro destas famílias e oportunizava a criação de laços de convivência entre os membros da comunidade para esquecer, por alguma horas, as dificuldades encontradas.

Olha, quando tinha cinema a gente ia. Nem lembrava que nós tava cansado de trabalhá in dass walten\* o dia inteiro. A gente vinha igual. Depois voltava para casa caminhando e nem sentia mais cansa, porque nós dava tanta risada no filme. Dormia e outro dia trabalhava desde bem cedo (...) mas aqui tudo ia, nem que tinha que carregá as crianças que pegava no sono. Isso era bonito, é uma pena não ser mais assim. (G. P.)

Certos de que nestas ocasiões encontrariam os vizinhos ou os amigos para uma conversa descontraída, o cinema possibilitava-lhes viver momentos de muita alegria e entretenimento, proporcionando uma revitalização para enfrentar as duras jornadas de trabalho.

Olha, maines gots\*, nós carpia o dia todo (...) isso é no pesado. Daí, quando ainda tava na roça, a gente ouvia pelo serviço do auto-falante que ia ter filme. Meu pai dizia: 'escutem, escutem: hoje tem filme'. (...) Lá em casa todos nós ia sempre (...) já tinha quatro cadeira cativa. O pai, a mãe, eu e meu irmão. O cinema lotava, muita gente vinha. (...) Isso de te que ir trabalhá no outro dia, roçá, carpi, assim não era desculpa prá nós não i no cinema (...) a gente sempre já ficava esperando na roça prá vê se falava no serviço de auto-falante se ia ter ou não filme (...). (N. P.)

---

\* Nossa, nossa.

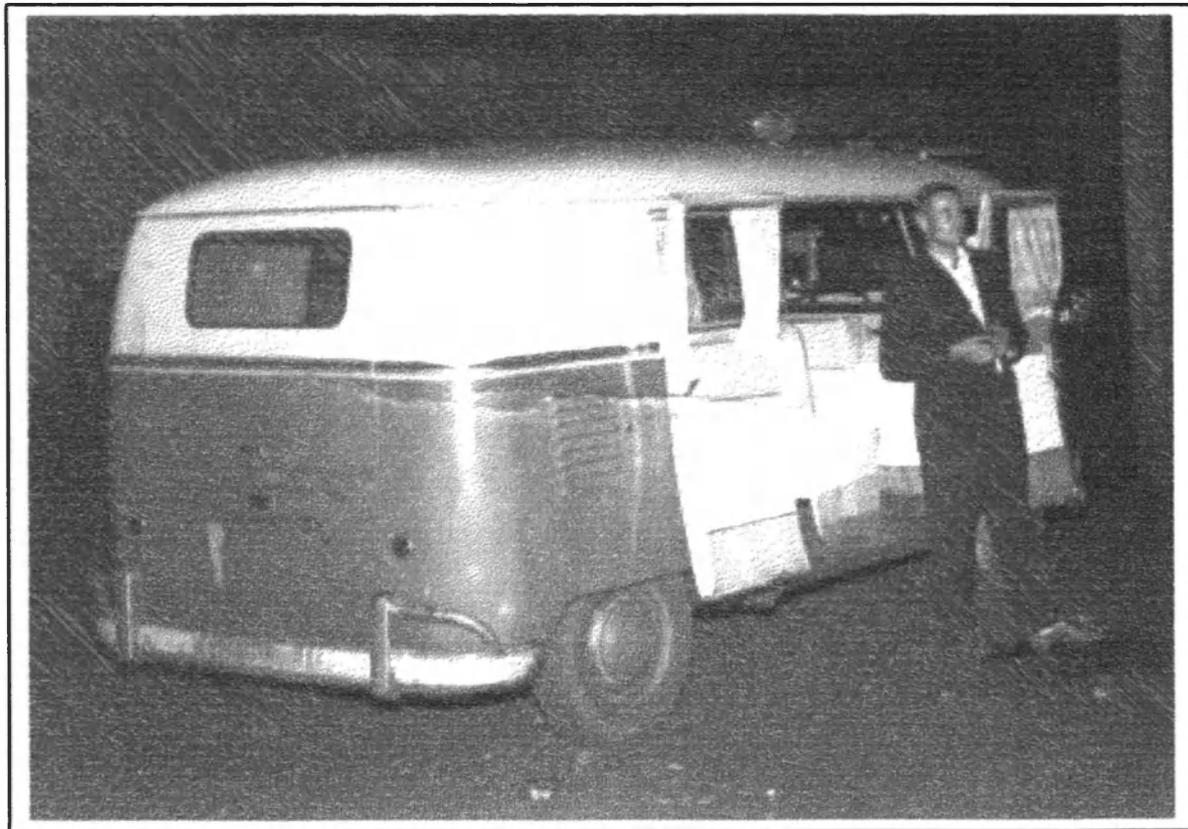
\* Nóis sempre ficamos contente.

\* No mato.

\* Meus deuses.

É possível perceber que nos anos iniciais os migrantes tinham uma certa expectativa em torno do cinema, justificada pela falta de maiores opções de lazer.

FOTO 12 – Meio de transporte que realizava a divulgação dos filmes (1950)



Esta foto retrata o "carro-de-som" através do qual era divulgada a exibição de filmes.  
FONTE: Acervo particular de Maria de Brito.

Assim, ao dirigir o olhar ao passado, não observamos os espaços somente com relação ao aspecto físico. Muito pelo contrário, buscamos ver estes espaços com significados mais complexos. No entanto, estes espaços foram violados e ocorreu uma ruptura entre presente e passado, onde experiências históricas somente são passíveis de reconstrução pelo grupo que as vivenciou e através de sua memorização possibilitam a reelaboração destes como "lugares da memória".

E ainda, a possibilidade de reconstrução destes lugares, parte inevitavelmente das memórias que se têm dele. Em suas lembranças, percebemos também que, ao referirem-se ao espaço da escola, do Empório, da igreja, do cinema, o fazem com nostalgia e lamentação. Contudo, as lembranças dos migrantes resistiram à destruição destes espaços e, deste modo, conseguiram, a partir de suas memórias, mantê-los vivos, conseguindo reconstruí-los simbolicamente em suas narrativas. E, na medida em que o grupo de entrevistados descreve estes lugares, nos fornecem informações que nos permitem conhecer sua história, pois ao relembrar projetam um cenário do passado.

Deste modo, ouvir seus relatos é uma possibilidade de mergulharmos em um universo do passado deste grupo e percebermos que na organização da comunidade de Marechal Cândido Rondon estes espaços assumiram um papel primordial.

Ernelo Schalleberger e Sílvio Colognese, na obra *Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná*, têm por objetivo principal comparar a produção e as transformações ocorridas na realidade social do Oeste do Paraná, com suas repercussões ao nível das manifestações culturais principalmente no que se refere às representações religiosas e, a partir destas constatações, explicar o perfil do homem e das comunidades cristãs evangélicas desta região. Os autores desta obra ressaltam que as instituições, tanto religiosas quanto educacionais, contribuíram para dar continuidade às tradições culturais dos migrantes. Paralelamente, estas instituições, segundo os autores, promovem a união das famílias, aproximando-as em torno de objetivos e aspirações comuns e ressaltam que: “a unidade de princípios, as práticas comuns e a educação para os valores do cristianismo e para o senso do dever representavam

o fundamento da forte coesão social das comunidades. Neste sentido, a família e a escola foram considerados, de certa forma, uma extensão da Igreja<sup>78</sup>. Tanto a escola como a família devem ser considerados, de certo modo, uma extensão da igreja que fomenta ao indivíduo uma representação ideal para o relacionamento na comunidade e na família.

Deste modo, a escola na comunidade de Marechal Cândido Rondon desempenhou um papel importante, como pode ser também observado no relato de Germina Peter: "Sempre tem que tê escola prá as crianças aprendê a lê e rezá, aprendê a lê o que Deus nos ensinou". (G. P.)

Depreendemos das entrevistas que a instituição escolar promovia a leitura e a interpretação da Bíblia, que eram elementos necessários para a manutenção religiosa. Assim, para que ocorresse a solidificação da religião fazia-se necessário, num primeiro momento, uma infra-estrutura física, mesmo que precária, para a instituição escolar, o que promoveria a escolarização dos filhos dos migrantes.

Diante destas constatações, o espaço da igreja e da escola fomentaram as motivações fundamentais para a constituição da comunidade e representaram também, segundo os relatos anteriormente transcritos, os centros de lazer da vida dos migrantes.

Além destas duas instituições, o Empório, o cinema e o salão de bailes passavam a fazer parte dos espaços de sociabilidade, contribuindo para a integração comunitária. O cinema e o salão onde ocorriam os bailes, eram espaços sociais que promoviam o lazer, atraindo a presença constante dos moradores.

---

<sup>78</sup> SCHALLEMBERGER, Emeldo; COLOGNESE, Sívio Antônio. **Migrações e comunidades cristãs** : o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná. Toledo : EDT, 1994. p. 22.

O Empório desempenhava a função de receptor dos produtos agrícolas e também de fornecedor dos produtos de primeira necessidade. Exercendo assim influência muito forte, pois, além de comercializar os excedentes agrícolas com os moradores e providenciar o abastecimento destes, até os mesmos colherem suas produções, o que gerava o comprometimento financeiro dos migrantes com relação à companhia colonizadora.

Convém lembrar que o Empório e os demais espaços de sociabilidade constituíram um elo de ligação dos moradores com o mundo externo.

#### *2.4.5 Momentos de lazer*

Contrariamente ao que se poderia pensar, na fase colonizadora, os migrantes não haviam voltado suas preocupações apenas aos bens materiais, pois, em termos de vida social, os entrevistados recordam costumes peculiares e significativos. Um dos mais importantes que observamos foi, sem dúvida, aquele que se refere às festas. As formas de lazer, como os divertimentos familiares, neste período, geralmente estavam associados aos rituais religiosos. Denotamos que os migrantes sentiam prazer em reunir-se, esquecendo por algumas horas o trabalho árduo do cotidiano.

Assim, os moradores desta comunidade caracterizavam-se como uma população “festiva” e alegre. Eram realizados freqüentemente bailes que iniciavam por volta das 19 horas, sem um horário pré-fixado para seu término, pois enquanto houvesse pessoas bailando, o conjunto musical não deixava de animar. Estes bailes eram os acontecimentos mais marcantes da comunidade e, geralmente, eram realizados em datas significativas, sendo que estas datas mais significativas estavam ligadas à questão religiosa. Portanto, não nos surpreende o fato de que os bailes mais esperados e mais comemorativos fossem o baile do Natal, da passagem de ano, da Páscoa, do carnaval, da *Kerbfest*, além dos almoços festivos realizados no espaço da igreja. Todas estas festividades eram sempre antecedidas de atos religiosos.

FOTO 13 – Natal em família na fase de colonização (1952)



Esta foto mostra a comemoração do Natal realizada pela família Heidrich. A construção ao fundo é a "casa dos migrantes" (*Einwanderungshaus*) onde os migrantes esperavam até que sua casa estivesse pronta. Esta "casa" localizava-se no setor Sudeste da cidade, às margens da Sanga Matilde Cuê.

FONTE: Acervo particular de Lia Dorotéa Güths.

As festas eram animadas ao som da música germânica, nos moldes dos antigos núcleos coloniais, e seus freqüentadores dançavam valsa e bandinhas alemãs. Juntamente à dança, ocorria um verdadeiro festival gastronômico, no qual degustava-se o prato tradicional, "cuca com lingüiça", que era acompanhado de muita cerveja, a bebida mais apreciada pela população.

Além destas festas que estavam vinculadas aos feriados religiosos, com data pré-fixada, não faltavam festas como os serões familiares e carteados realizados, principalmente, nos finais de semana, além das festas de casamento que, assim como os bailes, eram os acontecimentos sociais mais marcantes, tendo enorme importância na vida do povo de General Rondon. Segundo João Fident, "nóis jogava carta, truco. Jogava no bar e em casa. Tinha um salão de baile meio pequenininho (...) o boteco, logo começaram também o futebol (...) aí a gente conversava, tomava uma cerveja (...) ou nóis ficava sabendo assim as novidades."

(J. F.)

Desde a fase inicial, os migrantes reservavam tempo para o divertimento, quando as pessoas reuniam-se para momentos de confraternizações. Havia espaços que serviam de pontos de encontro, usados para tratar de assuntos do cotidiano e também para a prática de jogos tradicionais.

Ao ser entrevistado, o migrante Bernardo Strauss nos fala sobre as festas relacionadas à criação de novos distritos:

Nóis aí sempre, aí no tempo do Willy Barth né, então né, esses negócios dos distrito que nem a inauguração de Novo Três Passos, Nova Santa Rosa, Maripá, então sempre quase cada domingo tinha festa, então tinha que i, naquele tempo já tinha ônibus, tudo mundo ia de ônibus na festa, era festa de criação destas vilas. Tinha churrasco, cerveja, música (...) tinha orquestra era "Cacife do Sertão" tinham aparelho de sopro, gaita, órgão (...) (B.S.)

Assim, em General Rondon, durante os primeiros anos, de acordo com os relatos acima, tanto o botequim, o salão de baile, quanto o carteado com os amigos, os eventos políticos ou ainda a prática do futebol de campo, possibilitavam a interação social. Nestas ocasiões, as pessoas aproveitavam para trocar idéias, sendo que as conversas versavam sobre os assuntos relacionados ao tempo, às plantações, aos novos moradores, entre outros, resumindo os fatos que marcavam a semana, o que, muitas vezes, era motivo para longas conversas. Contudo, mesmo que os assuntos muitas vezes fossem os mesmos, os espaços de discussão eram distintos, pois o bar era reservado como um ponto de encontro exclusivo do sexo masculino. Este aspecto é identificado na fala de Magdalena Bühler:

meu marido chegou em casa e mandou comprár cigarros prá ele, enquanto ia tomá banho. Ele falou: 'tu vai comprá cigarros prá mim'. Eu peguei o carro e fui. Cheguei no bar e (...) todo mundo me olhava, olhava, eu fiquei braba. Era só homem lá dentro; conversando e jogando e bebendo. Eles se espantaram porque eu entrei, e também quando pedi cigarros. Depois, quando eu saí, todo mundo veio na porta e na janela e ficava olhando. Fui prá casa e falei pro meu marido que fiquei braba (...) Ele foi tirá satisfação deles. Daí falaram que nunca viram uma mulher ir no bar, fumá e dirigi um carro. Eu me incomodei com isso. (M. B.)

Como vemos, os espaços sociais estavam organizados através de uma dupla valoração moral, pois aos homens era concedido o direito de freqüentar o bar, "de fumar ou de dirigir o carro", entretanto, para as mulheres tais ações eram consideradas impróprias.

Vale salientar, portanto, que o bar consistia em um espaço para reunião entre as pessoas do sexo masculino, que, entre uma bebida e outra, passavam o tempo conversando com os amigos e jogando cartas, sendo que as mulheres tinham acesso limitado a estes estabelecimentos.

Ainda neste relato, dirigir um carro e fumar não eram hábitos comuns às mulheres. Desta forma, aos homens era permitido freqüentar e desfrutar

espaços de lazer que não eram comuns para as mulheres. No entanto, os encontros festivos eram ocasiões em que era permitida a presença de todos os membros da família, pois as festas e bailes eram eventos que contavam com a participação de todos.

De acordo com Carmen Cinanh: “nóis ia no baile a pé e de cavalo, tinha cuca e lingüiça nos bailes prá comê e as moças era bem mais comportadas do que hoje (...) nunca saíam para o baile sem os pais ou um irmão (...) se dançava diferente (...) as roupas também eram mais bonitas. Isso animava mais, o respeito era maior.” (C. C.)

Apesar de poder participar de eventos sociais como os bailes e festas, as mulheres deveriam assumir atitudes condizentes com o que se considerava uma “mulher de respeito”, ou seja, aquela que não desrespeitasse os valores morais estabelecidos. Assim, além de ter o acesso limitado a determinados espaços, às mulheres, principalmente às adolescentes, não era permitido sair para uma festa sem a companhia de algum membro da família, pois as ocasiões festivas, como a participação em bailes, são momentos onde os namoros podiam iniciar e isto deveria acontecer sob o olhar dos pais ou do(s) irmão(s) mais velho(s).

Festa tinha todo ano. Fest von evangelische kirche, von catolische kirche\* [tais como a festa da colheita e a *Kerbfest*]. Era o que mais tinha. Em Chiapeta, onde nós morava, também já faziam estas festas. (M. B.)

Como podemos perceber no relato, estas festas já eram realizadas no local de origem destes migrantes, sendo transplantadas para a Vila de General Rondon, quando da transferência destes migrantes. Nizia Peter relata peculiaridades da Festa da Colheita, realizada no mês de maio (mês das colheitas), sendo esta

---

\* Festa da igreja evangélica, festa da igreja católica.

feira antecedida por um ato religioso que consistia em um ritual revestido de valores significativos para os migrantes. Este ritual religioso é relembrado por Nízia Peter da seguinte maneira:

Tinha uma festa da colheita que, se não me engano, era em maio(...). Então, na época, as pessoas, por exemplo nós, a minha família, outras famílias aqui residentes na Vila de General Rondon, a gente colhia de tudo um pouco. Então neste culto, desta festa de colheita, a gente levava por exemplo, trigo, feijão, arroz, mandioca, batata doce, laranja, o que você colhia na terra. Fazia uma bandeja bem bonita e colocava o que você colhia (...) Antes de começar o culto, você levava esta bandeja. (...) Você oferecia a Deus lá na frente do altar. (...) Tinha épocas eram leiloadas estas bandejas, tinha gente que morava na vila e gente que morava nas chácaras e colônias, então eles leiloavam aquilo, esse dinheiro era revertido à igreja, né. Então era uma oferta que os colonos, os desbravadores desta pequena vila, ofertavam a Deus dando graça à colheita que eles conseguiram durante este ano. Das var ibent chen\*. (N. P.)

Assim, a festa religiosa tinha uma importância muito grande, significando para a comunidade um período de harmonia e união em que todos participavam e, deste modo, a religião também atuou como elo de união entre os migrantes. A festa da colheita representava o louvor a Deus pelas graças recebidas. Significava ainda que as necessidades básicas de produtos agro-alimentares estavam supridas por um certo período, pois representava segurança da subsistência da família. Germina Peter nos narra:

Depois do culto tinha das fest var mit dia musikante\*, churrasco, jogo de pescaria war den kinder\* divertir e de todo. Hoje se chama matinê, né. Era tipo um baile, só que de tarde. (...) Tinha café, cuca, bolacha, bolos, lingüiça e cerveja e gasosa prá crianças. (...) Tinha muitas rifas de bolo, a gente tinha que adivinhar o nome que era colocado no bolo ou rifavam bordados, crochês, algumas doações que os fiéis doavam porque dias antes da festa era passada uma lista e as pessoas que pertenciam à congregação assinavam seu nome e a oferta que podia ser assim dúzias de ovos, farinha, manteiga, açúcar, essas coisa prá ajudá nos preparativos, ou sacos de feijão, milho, soja, isso era também uma oferta. (G.P.)

---

\* Isto era muito bonito.

\* A festa era com conjunto de música.

\* Para as crianças.

Certos aspectos interessantes sobre esta festa merecem ser destacados, como o fato desta ter um caráter essencialmente religioso na parte da manhã, começando por um culto solene e associando-se pela parte da tarde à festividade, que era reservada às refeições, à dança e aos jogos, quando a expectativa girava em torno das rifas e leilões de donativos. Estes eventos eram realizados ao som de música, o que, segundo os relatos, dava um clima descontraído à festa.

Entre as festas mais lembradas, está também a *Kerbfest*. Grande número dos entrevistados, quando questionados sobre o lazer, se recordam deste acontecimento, ressaltando detalhes como os preparativos que a antecediam: as disputas pela “boneca do *Kerb*”, o acompanhamento da banda local da porta da igreja até o salão, o serviço de alto-falante da vila chamando a população para a tradicional festa. Marta Winkel nos relata que, “então eram quatro dias de festa. Durante o dia preparava a comida – *Kuche mit whoscht was dam\** -, para a noite de festa. O conjunto [musical] começava no escurecer e parava no amanhecer. Então era festa direto. Festas de *Kerb*, eram muito bonitas”. (M. W.)

A festa do *Kerb* é uma comemoração da inauguração da igreja evangélica e que se repetia anualmente, “é a festa da consagração da igreja”. (M. R.)

Das *Kerb fest das von\** tradicional realizada em outubro, que resultou mais tarde na *Oktoberfest* (...). Então começava-se da seguinte maneira: de manhã primeiro todo mundo ia pro culto (...), e era o pastor que fazia o tal do culto. Então todo mundo ia prá igreja, todo mundo bem vestido, com roupa de festa (...) a primeira vez, a roupa era usada na igreja. Os homens usava, era tradicional, era terno e gravata, um paletó bem social, muito bonitinho, todo mundo prá igreja. Então o pastor fazia o culto, porque era o principal. E a maioria que tinha eram os *evangeliche von di kirche Matrin Luter\**. Então a maior festa era lá. (N. P.)

---

\* *Cuca* com lingüiça para então.

\* A festa da *Kerb* era.

\* *Evangélicos* da Igreja Evangélica Martin Luther.

Segundo os relatos, é possível percebermos que as grandes festividades tinham características religiosas, geralmente iniciando com um solene ritual religioso pela parte da manhã. À noite, após terem estreado seus trajes, as pessoas reuniam-se no salão para bailar ao som de valsas e marchas alegres, que contribuía para animar a população.

Terminava-se a Igreja, batia-se o sino e quando o sino tam di musikande woran ah, ah\* na frente da igreja tocando marchinha e valsa, tudo tipo (...) música alemã, (...) então de lá da igreja saía-se a pé, pegava uma parte aberta, outra parte em mata, e ia até o salão do seu Hamadingsos. (NP)

Após a cerimônia religiosa na igreja, iniciava-se um outro ritual: o conjunto musical conduzia os presentes até o salão do baile, para dar início às danças.

Como já dissemos a respeito da festa da colheita, a lembrança das tradicionais festas de *Kerbfest* também nos revelam que estas formas encontradas reforçavam as tradições dos locais de origem dos migrantes.

Assim, embora suas vidas estivessem voltadas para o trabalho árduo, também havia tempo para momentos de festas que envolviam todos os membros da comunidade, desde os preparativos iniciais até o momento da festa. Além disso, as festas da colheita reforçavam os laços de amizade por ocasião da solidariedade que os preparativos exigiam, envolvendo as famílias da comunidade. "Di fraulaits, aben di kuche on di bolos keback faz das Kerb fest\*, porque durante o baile tinha bolo, cuca, lingüiça e, claro, cerveja. Nunca faltava isso (...) Depois de noite era só fest\*\*".

(M. R.)

---

\* Daí os conjuntos de músicos estavam, na, na.

\* As mulheres faziam asucas e os bolos para a festa da kerb.

\* Festa.

Os preparativos da *Kerb* iniciavam alguns dias antes e contavam com a solidariedade mútua e, enquanto que as mulheres cuidavam da culinária, os homens cuidavam do resfriamento da cerveja que era realizado de maneira bastante peculiar, pelo fato de não haver ainda energia elétrica na comunidade:

Das solblast haben mai fater guebauat, das vor dem\* Haimadingos, ele tinha um porão embaixo da copa (...) lá embaixo, isto era na terra, lá eles colocavam as grades mit tem biors\* enchiam de pó de serra aquela que vinha da serraria e sal grosso. Isto já era botado dias antes e colocavam ali o sal e (...) desmanchava e gelava. Então era o único meio de conservar a cerveja fria. (N. P.)

No salão do seu "Haimadingos" realizava-se o baile da *Kerb*, e o momento mais esperado por todos era o leilão da boneca da *Kerb*. Esta boneca representava uma bela jovem que, segundo Nízia Peter, era confeccionada da seguinte forma:

Das war so un der ersten zeiten die habent aines flages bier um do haberse biaflages anes klaides guanales\* como uma boneca. Você recortava o rosto de uma mulher bem bonita e colava em cima onde é a tampinha da garrafa. Dali prá baixo na garrafa, você fazia a blusa da mulher, da boneca, no caso, daí em baixo na parte mais grossa da garrafa você fazia o vestido dela bem rodado, era feito com papel crepon, bem colorido, e a parte da garrafa que ficava em baixo era revestido com papel também prá dizê que a garrafa usava calcinha, que a moça não estava sem calcinha, porque era feio. Então esta garrafa era pindurada no meio do salão, o salão todo enfeitado, no meio tinha tipo uma coroa com cipreste verde e rosa, e no centro era pindurada a boneca. Ela era leiloada, então. O homem que leiloava a boneca tinha o direito de dançar uma valsa sozinho com a boneca já na mão e junto com sua esposa, no caso. E a festa continuava, pena que não tem mais, era muito bonito esta festa. Pena que acabou. (N. P.)

---

\* O salão foi meu pai que construiu, era do.

\* Com cerveja.

\* Isso era assim, nos primeiros tempos. Eles pegavam uma garrafa de cerveja e daí eles faziam um vestido para esta garrafa de cerveja.

FOTO 14 – Leilão da boneca da Festa de Kerb



Esta foto retrata a animação da Festa de Kerb e um dos participantes do baile ergue a “boneca”, prêmio destinado ao ganhador do leilão.

FONTE: Acervo particular da migrante Norma Petry.

A partir da análise dos dados apresentados nos fragmentos transcritos acima, percebe-se que a figura da mulher estava representada na boneca da *Kerbfest*, tendo um belo rosto e visual “bem colorido”, identificada com a beleza feminina, atraindo, assim, a atenção masculina, que a disputava através de um leilão:

O leilão da boneca era em grades de cerveja. Por exemplo, oito, dez, doze, quinze, vinte grades era o leilão de uma garrafa desta. Então, para servir os presentes, o cara que leiloava arrecadava a garrafa. Ele é o que pagava mais, podia levá embora, podia fazê o que queria, dass bier\* que foi leiloada, por exemplo, dez grades, de uma em uma era puxada no salão a grade toda e lá cada um passava, tirava uma garrafa e tomava. Todo mundo bebia e fazia festa em cima desta boneca. Isto era tão bom, tão bonito... Havia uma harmonia... (...) Todo mundo ficava esperando quem ia ganhá a boneca naquele ano. (NP)

---

\* Essa cerveja.

Além da euforia, os preparativos para a *Kerbfest* estavam marcados também, por um clima de ansiedade e disputa, pois, como vimos no relato, os participantes ficavam na expectativa para ver quem seria a pessoa a vencer o leilão da boneca. Vemos também que este ritual do leilão da boneca, além de estimular o consumo de cerveja entre os participantes, fomentava também a competição entre os membros participantes do leilão, pois a boneca representava um símbolo de destaque na comunidade.

Esta festa acontecia todos os anos e a boneca representa a figura da rainha das tradicionais *Oktoberfests*, atualmente realizadas no mesmo mês da *Kerb*. Segundo Maria Bernadete, quando analisa a figura da mulher na *Oktoberfest* realizada em Blumenau, cidade do Estado de Santa Catarina, “a partir da figura da rainha, e de todo material de divulgação da *Oktoberfest* (...) é possível perceber o quanto esta festa está centrada na imagem de uma mulher idealizada”<sup>79</sup>.

A figura de uma moça bonita representada na boneca, constituía-se em uma mercadoria idealizada, erotizada e disputada entre as pessoas do sexo masculino. Sobre esta festa, Arnaldo Rocketen diz:

A Kerb? Hoje não adianta nem fazê uma noite de Kerb (...)isso era uma tradição antiga, no Rio Grande do Sul ainda existe, lá tem ainda, lá é mais tradição. Isso era bonita essa época, eu não esqueço mais as Kerb. Aquilo, que coisa bonita, o baile começava as oito horas e terminava quando o sol batia dentro do salão”.  
(A. R.)

Assim, a memória desta festa está orientada por lembranças de tradições passadas e que estavam vinculadas às tradições dos migrantes alemães que colonizaram a vila de General Rondon.

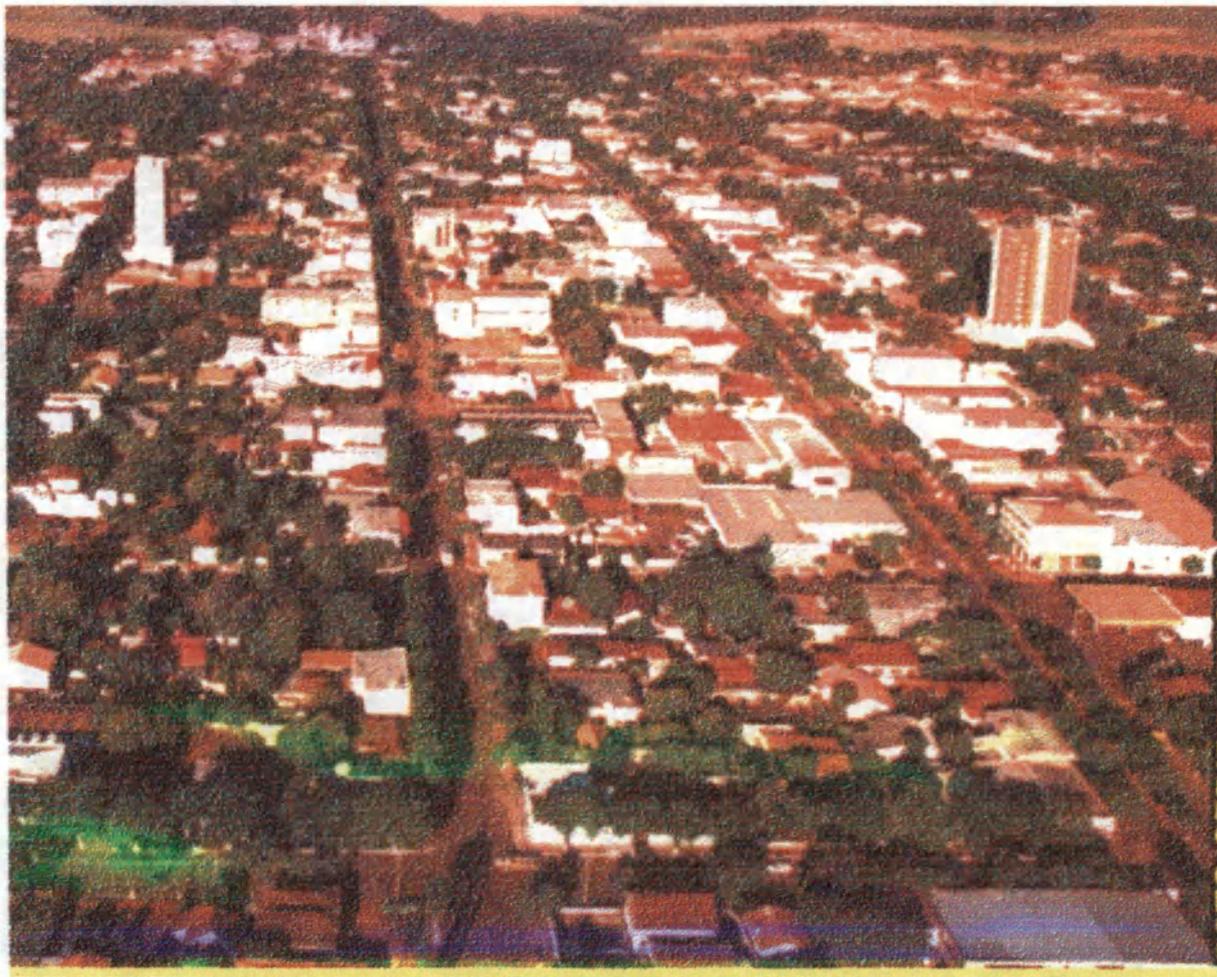
---

<sup>79</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. Imagens que não se apagam : representações de gênero na *Oktoberfest*. *Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, p.177, 1981.

Desta forma, ao recordar o passado, nos revelam que, mesmo com o trabalho pesado que se fazia necessário, encontravam tempo para integrar-se no espírito das diversas comemorações festivas.

Como vimos, os bailes, as festas periódicas, o cinema, são lembranças de um tempo passado que não retorna. Além disso, são espaços que estão guardados apenas na memória, uma vez que as edificações onde aconteciam estes eventos foram demolidas. Na fotografia abaixo, temos uma vista parcial da cidade de Marechal Cândido Rondon atualmente. Buscamos enfocar o espaço físico no qual, na fase de colonização, estavam localizados alguns espaços de sociabilidade.

FOTO 15 – Marechal Cândido Rondon – 1999



FONTE: Extraído do Calendário de 1999, elaborado pela empresa Paraná Indústria Gráfica.

Na memória destes migrantes, estes espaços permanecem através dos laços afetivos que os ligam, pois “as memórias, através das nomeações, descongelam o espaço inominado, temporalizando este espaço a partir da atualidade, produzindo assim os diferentes lugares, através do seu poder de figuração”<sup>80</sup>.

---

<sup>80</sup> CARDOSO, op.cit., p. 2.

Desta forma, o ato de recordar é um mecanismo que possibilita a geração atual do conhecimento sobre estes espaços, e os fatos registrados na memória das pessoas que conviveram nestes espaços, proporcionam, para as gerações presentes, a compreensão da sua importância enquanto locais de sociabilização.

Além disso, os relatos nos dão uma dimensão das transformações pelas quais a comunidade passou, pois em vários deles encontramos expressões como estas: “naquele tempo era bom”; “acabou”; “isso não volta mais”; “como era bonito”; “que pena”. Estas expressões geralmente são acompanhadas de um sentimento nostálgico, pois estes agentes históricos percebem como estas transformações afetaram seus valores culturais: ao invés da *Kerbfest*, a *Oktoberfest*, festa do chopp; as comidas típicas, como a cuca e a lingüiça, hoje são acrescidas de pratos como *eisbein* (joelho de porco defumado), *kassler* (lombo de porco), *sauerkraut* (repolho curtido em salmora, também conhecido como chucrute) que, apesar de caracterizarem-se como tipicamente alemãs, não faziam parte das festas daquele tempo. Estes são sinais das transformações, pois, para os outrora migrantes, “os tempos mudaram”. É perceptível, a partir dos relatos, que “os velhos, como documentos vivos da história, dão-nos uma dimensão da mudança”<sup>81</sup>.

Assim, nos relatos aparece uma certa nostalgia com relação à união, à solidariedade existente entre os migrantes naqueles tempos, pois caracterizam a sociedade de hoje como sendo individualista. Esta nostalgia é evidenciada em declarações como estas: “hoje é uma pena, não é mais assim. Cada um le bent

---

<sup>81</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A Farra do Boi* : palavras, sentidos, ficções. Florianópolis : UFSC, 1997. p. 154.

alaint<sup>20</sup>. ( G. P.); “assim todos eram unidos. Como era bom esse tempo!” (G. P.); “quando a gente lembra isso..., pena que não existe mais (...) é uma pena!” (M. W.).

Além da nostalgia, os relatos apresentados despertam o interesse também pelas formas utilizadas pela empresa colonizadora para atrair os migrantes na fase da colonização. Deste modo, passamos a analisar os aspectos ligados à divulgação e comercialização de terras, evidenciados nos discursos elaborados pelo poder público, pelo poder privado e pelos próprios migrantes.

---

\* Vive sozinho.

## **CAPÍTULO 3 – DISCURSOS E PRÁTICAS NO PROGRAMA DE COLONIZAÇÃO**

Nesta terceira parte do trabalho são tecidas reflexões sobre o processo de colonização priorizando a análise de alguns discursos elaborados com o objetivo de atrair migrantes para realizar a ocupação da região. Assim, ao desconstruí-los, objetivamos compreender, além dos diferentes elementos que caracterizaram a seleção do elemento humano, alguns fatores que promoveram a migração em grande escala de gaúchos e catarinenses para as terras da Fazenda Britânia e que contribuíram para o êxito do projeto de colonização.

Apesar de não constituir o objeto desta pesquisa, faremos uma análise da situação das regiões de onde são provenientes os migrantes que povoaram o Oeste do Paraná, ou seja, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esta análise é pertinente, pois permite um maior entendimento do processo colonizatório, uma vez que estes estados foram os principais alvos da campanha migratória desenvolvida pela MARIPÁ.

Desta forma, o Paraná, ao contrário do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que neste período podem ser definidos como estados de dispersão populacional, caracteriza-se pela convergência de migrações, constituindo-se em uma área de atração para os migrantes destes dois estados.

### Segundo Rocha Neto:

A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul é contemporânea da paranaense. Tem, mais ou menos, 120 anos de idade. Os 20 alqueires de terra, inicialmente distribuídos há mais de um século, fracionaram-se sucessivamente em várias gerações (...) determinando, com um imperativo de sobrevivência, que os filhos mais abastados fossem obrigados a comprar dos irmãos mais terras, para possuir área agrícola economicamente produtiva. Os que venderam os seus terrenos, às vezes lotes ideais de um condomínio rural, tiveram que sair de sua zona. Tiveram de emigrar, procurando inicialmente Santa Catarina e hoje Paraná<sup>82</sup>.

Segundo Berlindes A. KÜCHMANN, ao tecer reflexões referentes às perspectivas da agropecuária colonial rio-grandense, a partir dos dados coligidos no Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, afirma que uma das formas encontradas para solucionar a questão do desemprego advindo da mão-de-obra excedente na zona rural, foi a migração para outros Estados, pois o setor industrial do Rio Grande do Sul não pôde absorver esta demanda. Outra possibilidade a ser considerada, segunda a autora, é que "a população desarraigada do campo tem pouca possibilidade de encontrar emprego na cidade, (...) primeiro, porque o mercado de trabalho é reduzido e segundo, porque se trata aqui de uma força de trabalho não qualificada para tais atividades"<sup>83</sup>.

Assim, uma das alternativas encontradas por este contingente populacional foi migrar para outros estados. "O primeiro estado procurado por esta geração pioneira foi o Estado de Santa Catarina, passando, a seguir, a ocupar terras do Paraná"<sup>84</sup>, surgindo, deste modo, um movimento que incentiva a migração interna, o que muito contribuiu para elevar o quadro populacional paranaense, sobretudo da população rural. Estes reemigrantes fixaram-se em pequenas

---

<sup>82</sup> ROCHA NETO, Bento Munhoz da. *O Paraná: Ensaio*. Curitiba, 1995. p. 53-54. (Coleção Farol do Saber).

<sup>83</sup> KÜCHMANN. op. cit., p. 143.

<sup>84</sup> Idem, p. 145.

propriedades familiares, desenvolvendo a diversificação agrícola para a subsistência.

As informações apresentadas permitem inferir que as possibilidades de acesso à terra no Rio Grande do Sul apresentam peculiaridades que irão contribuir para o incremento da migração. A fragmentação progressiva das antigas colônias enquadra-se neste processo e, além disso, há que ser considerado o problema do rendimento físico da terra, ou seja, a sua capacidade produtiva.

Os migrantes, em seus relatos, como pôde ser observado no segundo capítulo do trabalho, também consideram alguns fatores, apontados acima por Berlindes Küchmann, como responsáveis pela saída de seus municípios de origem, para fixar residência em uma nova localidade. Estes fatores podem ser identificados nas falas dos migrantes anteriormente transcritos, a exemplo de Olívio Tartarine quando relata que:

A gente aqui só trabalhava na roça (...) o que vai sabê fazê na cidade (...) nós tinha que i onde tinha terra porque tinha que tirá daí prá sobrevivê. Outro lugar nós não sabia e não tinha (...) e o que preocupava a gente nesta época era os filhos. Como eles vão se virá? (...) Lá já não dava prá comprá porque não tinha muita terra, quem tinha cuidava da sua e quando resolvia vendê, o dinheiro não dava, a gente não conseguia juntá (...) Daí nós vendemo lá e consegui aqui comprá prá mim e já pros seis filho. Hoje cada um tem sua colônia. (O. T.)

Em vista disso, é que destacamos como principal componente que impulsionou o fluxo migratório destes dois estados do Sul do Brasil como sendo a dificuldade de acesso à propriedade da terra por parte dos pequenos agricultores, resultante da fragmentação das antigas colônias e do aumento da taxa de natalidade da população rural. Além disso, o aumento dos latifúndios forçava os pequenos proprietários a aderir ao êxodo rural, o que não lhes agradava devido à falta de qualificação para o trabalho nos centros urbanos. Esta falta de qualificação da mão-

de-obra excedente do campo era apontada como sendo uma das principais dificuldades a serem enfrentadas na cidade.

Cabe aqui mencionarmos que neste cenário o poder público, aliado ao poder privado, adotou medidas que objetivaram o crescimento da produção agrícola através da ocupação de espaços vazios. Assim, ao analisar discursos elaborados pelo poder público, que objetivavam direcionar o processo migratório para determinados espaços físicos, percebemos que o fator político desempenhou um importante papel na reestruturação do espaço social. É neste contexto que aparecem imbricações entre o poder público e a organização destes novos espaços.

Deste modo, temos o Estado enquanto legislador, onde se encontram as articulações e as estratégias que recorrem à forças econômicas, políticas, sociais e ideológicas, determinando a organização de um determinado espaço.

Cabe observar que, na (re)organização do Extremo Oeste do Paraná merece destaque, portanto, o importante papel desempenhado pelo poder público, pois este apresentou uma contribuição “especializada”. Esta contribuição, por parte dos governos federal e estadual, é efetuada através da elaboração de discursos que incentivam a migração e orientam os fluxos migratórios de modo ordeiro para a ocupação do interior do país que ainda não estava totalmente povoado.

Estes, incentivo e orientação, são configurados por estratégias discursivas que determinam a qualidade da colonização.

Para tanto, o governo federal resgata e recorre à figura do bandeirante, pois, segundo Cassiano Ricardo em sua obra *Marcha para o Oeste*, ao bandeirante fora atribuída a conquista do território brasileiro, a partir de um movimento organizado que tinha como objetivo principal a articulação territorial como um todo, gestada pela união de todos os brasileiros, disciplinados, guiados e “dominados” por

um chefe superior, ou seja, o bandeirante paulista.

Como visto, na obra de Cassiano Ricardo, encontramos referências ao bandeirante como sendo uma espécie de chefe superior que exercia o controle e a dominação da população através da construção do imaginário, forjando na mentalidade das pessoas uma força coletiva com características de um estado mental envolvido por um intenso sentimento de emoção, o que contribuiu para incutir na população a propensão para a solidariedade. Assim, coube ao bandeirante, segundo Ricardo, organizar e conduzir a população, sendo caracterizado, portanto, como autêntico chefe: com força, coragem, perseverança e sabedoria. Enfim, ele é a personalização do poder com capacidade mobilizadora.

Além disso, faz-se necessário evidenciar que o bandeirante é visto por Cassiano como um desbravador do sertão, que delimitou fronteiras, sendo o principal responsável pelo país ter adquirido a fabulosa grandeza geográfica que atualmente possui.

Deste modo, na segunda metade do século XX, mais especificamente durante o período Vargas, buscou-se a reintrodução da figura do bandeirante a partir de uma expressão simbólica, como um emblema nacional. Assim, todo um conjunto de estratégias foi elaborado visando a divulgação da ocupação das terras sob o slogan da "Marcha para o Oeste".

Vargas, portanto, revitaliza em seu discurso a figura do bandeirante, sendo este caracterizado como protagonista de grandes proezas. Deste modo, é importante a recuperação deste personagem como forma de acelerar a ocupação de espaços tidos como pouco povoados ou povoados por estrangeiros.

Pode ser visualizada, desta forma, uma junção da política com o simbólico, pois o poder público elabora seu discurso objetivando dirigir a efetiva

ocupação do território brasileiro através do imaginário, tendo como resultado o poder centralizado na criação de imagens e símbolos para guiar, neste período, a ocupação efetiva de áreas ainda não totalmente povoadas. Volta-se às origens do bandeirante, recorrendo, assim, a valores comuns, o que possibilita o forjamento de uma nação em movimento harmonioso, buscando construir, a partir da adoção de medidas políticas e ideológicas, uma sociedade ordeira, voltada para o trabalho e promovendo o desenvolvimento econômico e o progresso da nação.

Uma das características importantes que encontramos no trabalho de Cassiano Ricardo é a reconstrução da imagem do bandeirante, que objetiva estabelecer como necessidade urgente o surgimento de uma força coletiva para promover a ocupação dos espaços vazios, solucionando, desta forma, problemas sociais, tais como a superpopulação em algumas cidades próximas ao litoral, bem como a inserção das áreas a serem povoadas no contexto econômico nacional.<sup>85</sup>

Tal movimento concretiza-se a partir da transmissão da idéia de participação popular e tendo na condução do processo um bandeirante superior ou chefe maior, o presidente da nação, Getúlio Vargas, cujo discurso voltado para a colonização era reforçado pelo governo estadual e, no caso do Oeste do Paraná, pelos diretores da empresa colonizadora. Tal estratégia orienta e incrementa "um bandeirismo provocado por outros fatores e objetivos econômicos, que instigam o individualismo criador de riquezas, num país ainda inexplorado e que solicita novos bandeirantes equipados de novas técnicas"<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> Aspecto relevante relacionado ao bandeirismo está na própria definição do nome do núcleo de colonização que pode ser considerada como uma forma de revitalizar a figura do bandeirante, pois o General Rondon foi um dos desbravadores do interior brasileiro.

<sup>86</sup> RICARDO, Cassiano. **Marcha Para o Oeste**. 3.ed. Rio de Janeiro : J.Olympio, 1959. v..2, p. 328.

No período Vargas, construiu-se um discurso que intentava resolver problemas sociais, como a exemplo da super população em algumas áreas. “Assim, incentivou-se o deslocamento da população excedente nas regiões litorâneas e em antigos núcleos coloniais, em direção às áreas tidas como fronteiras agrícolas, localizadas em diferentes espaços e ocupadas gradativamente em tempos distintos, de acordo com a estruturação e a reestruturação das realidades locais e nacionais”<sup>87</sup>.

Desta forma, esta tendência não se apresentou somente a nível regional, como no caso do Oeste do Paraná, pois buscou-se a difusão em todo o território brasileiro deste processo de integração, transformação e conseqüente ocupação efetiva. Para tanto, a representação fiel da brasilidade é a Marcha para o Oeste, sendo que “a criação da brasilidade repousava, pois, numa nova proposta que combinava colonização e industrialização”<sup>88</sup>.

Deste modo, elegia-se o interior do país como receptor das energias da nacionalidade, buscando recuperar a imagem do homem do campo, que se deslocava em grande número para os centros urbanos, mas que, no entanto, sem uma qualificação prévia era taxado como incapaz para o mercado de trabalho nos centros urbanos, pois este homem do campo precisava ser instruído para tornar-se força produtiva. Este processo de interiorização encontra-se ligado à idéia de expansão do mercado interno de consumo, com o objetivo de procurar absorver internamente a crescente produção industrial.

---

<sup>87</sup> GREGORY, op.cit., p. 120-132.

<sup>88</sup> LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. 2. ed. São Paulo : Papius, 1986. p.

É necessário sublinhar que a facilidade na aquisição da pequena propriedade, através dos pagamentos parcelados, torna-se um dos fatores de incentivo à colonização do interior, pois era de fundamental importância “apoiar a pequena propriedade de modo que ela lentamente corresse a velha ordem fundiária e, aos poucos, instaurasse a nova realidade agrícola que o desenvolvimento industrial do país exigia”<sup>89</sup>.

O movimento da Marcha para o Oeste encontrava-se inserido no processo da lógica da expansão do capital sendo que a efetiva ocupação das terras do oeste do Paraná integravam este cenário mais possuía suas especificidades. Desse modo pelo objetivo proposto em nosso trabalho as nossas discussões se limitam apenas sobre o processo de colonização do Oeste do Paraná.

Com a interiorização, o poder público objetivava solucionar uma série de problemas, tais como, ocupar os espaços tidos como vazios demográficos, povoar as áreas de fronteira e estimular a agricultura de subsistência a partir da criação de núcleos coloniais agrícolas. Assim, a pequena propriedade deveria criar as condições para o surgimento de uma camada social que concomitantemente fosse mercado consumidor e promovesse a diversificação da economia, a partir da comercialização do excedente produzido nas pequenas propriedades, através da policultura e do uso da mão-de-obra familiar.

É neste período que a mão-de-obra excedente nos centros urbanos e, paralelamente, a população excedente dos antigos núcleos coloniais dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, deslocam-se para o Oeste do Paraná, uma área vista pelo poder público como fronteira agrícola. Todavia, devemos ter claro

---

<sup>89</sup> Idem, p. 21.

que esta situação determinou que o poder público do Estado do Paraná desse sustentáculo aos discursos do governo federal, e, deste modo, ocorresse a elaboração de instrumentos que contribuíssem para facilitar, acelerar e principalmente, assim como o bandeirante, conduzir este processo.

Notamos, através dos discursos do poder público estadual, que este estabeleceu uma série de “regras” para promover a ocupação de algumas regiões do Paraná, entre estas, o atual município de Marechal Cândido Rondon. O poder público, juntamente com a iniciativa privada, em nosso caso representada pelos diretores da empresa colonizadora, desenvolveram ações que julgavam ser mais adequadas para tal fim, utilizando-se de estratégias como o parcelamento do pagamento das terras e o planejamento de obras públicas que proporcionassem uma infra-estrutura mínima para receber as famílias. Além disso, ocorre a estruturação de um discurso que visava atrair os migrantes que julgavam ser ideais, fazendo com que estes venham a compartilhar de suas idéias.

Face a esse desafio, estruturou-se “um conjunto de falas sobre a necessidade da migração, o qual se faz acompanhado da criação ou reformulação de órgãos de administração direta, encarregados de divulgar as possibilidades econômicas locais e assistir os migrantes”<sup>90</sup>.

É notável ainda o fato de que coube aos governos estaduais apoiar as iniciativas colonizadoras do Estado Novo, direcionando seu discurso com vistas à disciplina, a partir de sua ação direta, através de sua política econômica. Por outro lado, observamos a importância dos procedimentos do governo serem determinados por regras pautadas por princípios de honestidade administrativa.

---

<sup>90</sup> IPARDES – Fundação Edison Vieira. **O Paraná Reinventado** : política e governo. Curitiba, 1989. p. 30.

Observamos, também, a importância que os dirigentes do Estado atribuíam para a escolha dos migrantes ideais para o projeto, sendo que tal mecanismo é perceptível no discurso enunciado pelo então governador do Estado do Paraná, Moisés Lupion: “atrair migrantes, localizá-los de acordo com suas melhores possibilidades de adaptação, dar-lhes a oportunidade de trabalho, terras férteis e promissoras: esse é certamente um programa de trabalho que consulta os mais altos interesses públicos”<sup>91</sup>.

Estes discursos foram sustentáculos para a concretização do desejo de conquistar maior lucratividade para os empreendedores, fomentando a possibilidade de novos investimentos, pois torna-se necessário considerarmos que uma série de interesses em torno da possibilidade de povoar as terras do Paraná se articulam e se complementam. Neste sentido, “os interesses mercantis e empresariais dos colonizadores promoveram, de fato, a marcha nacionalista atendendo ambições particulares dos colonos migrantes que se puseram a marchar”<sup>92</sup>.

“No governo Bento, a Divisão de Imigração da Secretaria da Agricultura firma convênios migratórios em diversos países, atraindo braços para a lavoura e indústria (...) Todos previamente selecionados na origem tanto ao estado de saúde como nas aptidões”<sup>93</sup>.

Assim, considerando estas informações, verificamos que o efetivo interesse do governo do Estado está pautado no sentido de administrar e conduzir a ocupação de áreas de terras, de acordo com regulamentos pré-estabelecidos, podendo-se inferir ainda que o poder público está voltado para conduzir os

---

<sup>91</sup> Idem., p. 31.

<sup>92</sup> GREGORY, op.cit., p. 86.

<sup>93</sup> IPARDES, op.cit., p. 31.

migrantes, previamente selecionados, a partir de uma série de estratégias que objetivam acelerar este processo.

Tais circunstâncias permitem ainda deduzirmos a existência de um modelo de referência que irá nortear a escolha de migrantes, cabendo ao governo, com o envio de mensagens publicitárias, localizar e atrair os futuros migrantes, que deveriam ser afeitos ao trabalho, objetivando evitar a entrada de elementos humanos vistos como tendenciosos. Estes mesmos objetivos estão presentes nos discursos dos diretores da empresa colonizadora. Assim, o mecanismo de seleção dos futuros migrantes evidencia um aspecto de poder fiscalizador por parte dos mandatários dos poderes público e privado.

O Oeste paranaense possui terras iguais às melhores do norte do Estado. Não são próprias para o café, em vista do denso frio e estão sendo procuradas intensamente pelas populações italo e teuto-gaúchos. Esta foi a melhor colonização que já penetrou no Paraná, de origem européia recente mas já adaptada ao Brasil, conhecendo as nossas peculiaridades e trazendo recursos em dinheiro, bem como maquinaria. Vieram do sul trazendo a tradição industrial, e aplicando na zona rural<sup>94</sup>.

Esta situação determina por parte do poder público a adoção de um discurso que possibilitou um tratamento distinto para os futuros migrantes que pretendiam fixar-se em terras paranaenses. Assim, quem planejava tornar produtiva sua área adquirida era bem recebido, pois estaria produzindo riquezas para o Estado. Todavia, aqueles que se apossavam de áreas, sem estes objetivos, eram rejeitados. É o que pode ser verificado nas afirmações de Moisés Lupion, então governador do Estado do Paraná:

Bons e maus elementos, atraídos os primeiros pela fama da fertilidade das terras roxas paranaenses e, os segundos pela facilidade dos negócios, deixaram os rincões de origem em São Paulo e Minas Gerais e vieram juntamente com muitos aventureiros, apossar-se abruptamente das melhores terras devolutas do

---

<sup>94</sup> ROCHA NETO, op.cit., p. 65.

Estado, assentando benfeitorias provisórias; desordenadamente, a mais das vezes, em terras já tituladas ou comprometidas<sup>95</sup>.

Podemos ressaltar ainda na fala de Lupion, que “as terras agrícolas devem ser destinadas àqueles que se propunham torná-las produtivas pelo trabalho”<sup>96</sup>.

Deste modo, o governo procede elaborando um emaranhado de estratégias que implicavam em instituir acordos entre o migrante e o poder público.

Observamos uma série de medidas públicas no sentido de atrair migrantes que incrementassem a produção de bens alimentares voltados para o abastecimento interno. Neste contexto, ao elemento humano selecionado pelo poder público e pela empresa colonizadora, estava destinada a incumbência de conquistar esta região, tornando sua área de terras, adquirida através da compra parcelada, uma propriedade produtiva e comercializando seu excedente, além de incorporá-la, deste modo, a uma organização espacial mais abrangente.

Para os poderes público e privado, a expectativa maior reside em encontrar um grupo populacional ideal, detentor de conhecimentos relacionados aos meios de produção e propício a migrar. O poder privado, apoiando o discurso do poder público, incentiva o processo migratório.

Os migrantes, devido a seus anseios de prosperidade, aceitaram a mudança, ou seja, ocorreu uma certa reciprocidade de interesses entre empresa colonizadora e migrantes.

Portanto, gaúchos e catarinenses, como já foi demonstrado anteriormente, estavam insatisfeitos devido a dificuldades relacionadas à qualidade

---

<sup>95</sup> IPARDES, op.cit., p. 33.

<sup>96</sup> Idem, p. 49.

do solo e à impossibilidade de adquirir um área de terras em seu município de origem, apresentando-se como alternativa viável a migração para outras regiões. Em vários relatos, a exemplo de Edmundo Folmer, estão presentes estes fatores:

Lá no Sul (...) é, é, tas land vor net via ia\* lá e também nos outros lugar do Rio Grande do Sul era tudo moro e pedra (...) nós queria terra melhor, nós quase não colhia (...) a terra lá não era nossa, nós entregava porcentagem assim do que a gente colhia. Lá nós não ia consigui terra barata e boa como aqui (...) Nós ainda podia pagá parcelado (...) foi ariscado main Got\*, mas deu certo. (E. F.)

Quanto ao elemento humano considerado ideal “tendo-se em vista a fixação do homem à terra, escolheu-se o agricultor do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, [pois] esse agricultor, descendente de migrantes italianos e alemães (...) [é] conhecedor de nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e amor a terra em que trabalha”<sup>97</sup>.

Assim, este foi o elemento humano selecionado como tipo ideal e apto, de acordo com o poder público, juntamente com os diretores da empresa colonizadora, para participar do processo de colonização das terras da então Fazenda Britânia.

É neste contexto que foi estruturada a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A. – MARIPÁ, sendo necessário considerar que Marechal Cândido Rondon surge efetivamente a partir de um projeto de colonização elaborado por esta empresa privada:

Por volta da década de 1940, com a decadência dos grupos exploradores, surge um grupo, tutelado pelo Estado, com interesses capitalistas em Porto Alegre - Rio Grande do Sul - interessado na aquisição da área. Para isso funda-se a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, que adquire a Fazenda Britânia, de propriedade da Companhia Madeireira Del Alto Paraná, em 1946<sup>98</sup>.

---

\* as terras não eram como aqui.

\* Meu Deus.

<sup>97</sup> NIDERAUER, Ondy. **Plano de Colonização da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A**. Toledo, jul. 1955. p. 4 (mimeo).

<sup>98</sup> VANDERLINE, Tarcísio. A Questão dos Murunduns. **Revista Cepedal**, Marechal Cândido Rondon, v.1, n. 1, p.14-15, set. 1994.

Já no início da década de 1950, os dirigentes desta empresa, com o objetivo de conseguir lucratividade, passaram a comercializar as terras da Fazenda Britânia, através de mecanismos que garantiriam o retorno do capital que haviam investido no momento da compra desta área de terras.

A efetiva ocupação da área que compreende o atual município de Marechal Cândido Rondon, assim como as demais localidades pertencentes à MARIPÁ, teve como um dos fatores condicionantes o desempenho dos diretores da empresa que conjuntamente elaboraram e colocaram em execução seu plano de colonização, esboçado no início dos anos cinqüenta.

Este plano de colonização é composto por uma série de regras preestabelecidas, denominado de "Plano de Ação", visando atividades extremamente lucrativas. De acordo com "o plano de colonização da MARIPÁ, de 1955, elaborado por Ondy Hélio Niederauer e de acordo com os estatutos da MARIPÁ, a empresa foi fundada com finalidade de se dedicar à compra e venda de terras, extração, exportação e industrialização de madeira"<sup>99</sup>.

Ao elaborar o plano de colonização, os diretores "estabeleceram um plano de ação que foi tão decisivo (...) [que] não passava de uma série de regras, estudadas e combinadas entre os dirigentes da MARIPÁ"<sup>100</sup>. Entre estas regras, constam as prioridades a serem observadas pela empresa quando da implantação dos núcleos de colonização: "a) Elemento humano; b) Pequena propriedade; c) Policultura; d) escoamento da produção; e) Industrialização"<sup>101</sup>.

---

<sup>99</sup> SILVA, op.cit., p. 57.

<sup>100</sup> NIDERAUER, op.cit., p. 3.

<sup>101</sup> Idem, ibidem.

Desta forma, os diretores da empresa, priorizando os fatores acima mencionados, projetavam pôr em prática um modelo de colonização que possibilitasse a formação de uma colônia com certa autonomia, pois nesta área seria incrementada tanto a produção de gêneros agrícolas, dando ênfase ao auto-abastecimento e à comercialização dos excedentes, como também a instalação de toda uma estrutura necessária para a industrialização dos produtos advindos desta produção agrícola, além da instalação de estabelecimentos comerciais que abastecessem as famílias com produtos vindos dos grandes centros.

Temos assim um projeto de colonização que, ao esboçar seu plano de ação, nos revela uma proposta que pretendia agrupar e ajustar colonização e industrialização.

O excedente da produção era destinado a atender à demanda dos centros urbanos, estes em pleno processo de industrialização, o que gera a necessidade de abastecimento por parte das regiões produtoras de alimentos, o que vem de encontro com a proposta do poder público.

Outra prioridade do plano de ação refere-se à policultura como sistema ideal de cultivo de produtos agrícolas. No entanto, esta policultura "está sujeita a um processo mais lento na marcha de acúmulos de riquezas, mas, por sua segurança, merece nossa inteira preferência, visto que beneficia, desde o pequeno agricultor, toda região ou zona, até o próprio Estado"<sup>102</sup>.

Segundo ainda o plano de colonização, o desenvolvimento destas regras, preestabelecidas no plano de ação, não acarretava transformações drásticas na companhia, alcançando um êxito maior do que o esperado.

---

<sup>102</sup> Idem, p. 7.

Assim, com relação ao elemento humano, estas regras indicam que os diretores da empresa objetivavam atrair para a região pequenos produtores, com conhecimento e domínio da policultura, e que, conseqüentemente, utilizassem a mão-de-obra familiar, o que mais uma vez vinha de encontro com os discursos do poder público, pois diminuía os problemas ocasionados pelo crescimento da população urbana.

Com o objetivo de pôr em prática as regras preestabelecidas no plano de ação, os diretores da empresa deram ênfase à divulgação de seu projeto para os estados sulistas. Esta orientação promoveu um programa de colonização, no qual a composição dos grupos de migrantes caracterizava-se, de certa forma, pela homogeneidade, pois compreendia principalmente alemães, italianos e, em menor número, poloneses e japoneses.

A seleção deste grupo de migrantes ideais pode ser justificada pelos seguintes motivos: estas pessoas já tinham o conhecimento dos meios-de-produção, sendo que a terra representa um instrumento para a obtenção de lucro por parte dos diretores da empresa colonizadora. Assim, o processo de seleção é um dos fatores priorizados devido à necessidade de obtenção de lucros rápidos e, para tanto, havia a necessidade de encontrar pessoas experientes, com alguma noção do tipo de trabalho a ser desenvolvido e com o domínio das técnicas produtivas.

Kalervo Oberg, na obra *Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná*, afirma que "os descendentes de imigrantes italianos e alemães, que se instalaram no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, foram considerados como uma

população provada e testada para a experiência de uma vida pioneira na nova área<sup>103</sup>.

Ao observarmos os itens enfatizados no plano de ação da empresa, devemos considerar alguns fatores que cooperaram para que os diretores da empresa estabelecessem estas características norteadoras em seu plano de ação. Rui Wachowicz, em sua obra *Obrageros, Mensus e Colonos*, enfatiza a este respeito, o fato de que algumas pessoas que fundaram a colonizadora *MARIPÁ*:

já eram velhos conhecidos e sócios da colonização realizada no Oeste de Santa Catarina (...) desta forma, os principais adquirentes da Fazenda Britânia, filhos ou netos de imigrantes localizados no Rio Grande do Sul, já eram capitalistas, negociantes e velhos conhecidos, inclusive no serviço de colonização. Foram eles os cabeças da *MARIPÁ*<sup>104</sup>.

Para corroborar com esta afirmação, apresentamos os quadros elaborados por Valdir Gregory, na obra *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*, onde encontramos relacionados o nome, o local de origem e o número de ações dos subscritores do capital da *MARIPÁ*, no ano de 1946 (Ver ANEXO 4). Além disso, encontramos relacionados ainda os nomes dos acionistas da *MARIPÁ* em 1958 (Ver ANEXO 5).

Observamos, pela relação dos nomes dos subscritores, que estes, na sua maioria, eram procedentes dos estados do Brasil Meridional e descendentes de alemães e italianos. Valdir Gregory, em seu trabalho, ressalta que:

Além da disponibilidade de capital estes homens detinham uma consolidada rede de relações diretas com comerciantes, com padres, com pastores, com professores, com políticos da capital e do interior. Poderiam com facilidade e quando conveniente, plantar notícias e reportagens em jornais, revistas, calendários dirigidos aos colonos. Eram homens de espírito colonial e seus

---

<sup>103</sup> OBERG, Kalervo; JABINE, Thomas. *Toledo* : um município da fronteira Oeste do Paraná. Rio de Janeiro : USOM, 1960. p. 28.

<sup>104</sup> WACHOWICZ. op. cit., p. 167.

conselheiros, líderes protetores, em síntese, eram homens que sabiam 'lidar' com a questão colonial<sup>105</sup>.

Do exposto, podemos deduzir que um aspecto favorável para o plano de ação obter sucesso, foi o fato do grupo administrativo ser composto por pessoas que tinham uma certa experiência, e conhecerem as necessidades e aspirações do grupo de pessoas que intentavam atrair para participar do processo migratório. É importante mencionarmos que os poderes público e privado buscavam, nas imagens e sentimentos do passado deste grupo de migrantes, a sustentação para pôr em prática o projeto de colonização.

Estas informações revelam que um dos critérios que motivou os diretores da empresa a enfatizar a divulgação das terras mais intensamente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, se deve ao fato destes diretores já possuírem conhecimento das regiões dos dois estados. Isto é verificável nos panfletos que os agentes de venda distribuíam nestes estados, com o objetivo de divulgar as terras a serem comercializadas (Ver ANEXOS 6 e 7).

Em relação às informações que estes panfletos fornecem, é pertinente afirmarmos que a partir deste material, os diretores da empresa buscaram criar imagens em torno do espaço físico a ser transformado pela ação dos futuros migrantes. No entanto, é preciso termos presente que este mundo imaginário criado se adequara às necessidades dos futuros migrantes sulistas. Muitos relatos dos migrantes estão permeados com estas informações. Vejamos o que Germina Peter afirma sobre esta questão:

---

<sup>105</sup> GREGORY, op. cit., p. 158.

Olha sie abent guesprechen: 'sie misten lant im Paraná kaufen, warum alle loit wollen kaufen', assim ele dizia que tem que comprá e que lant il', daí dizia que a terra era boa (...) tudo dava prá plantá e que se colhe de tudo: kartofeln, obst, milhe e files guemise. Ich sagt ni vas' (...) Eles falava da terra plana que nós não tinha em Chiapeta e também nós não tinha muito dinheiro (...) nós podia pagá como podia (...) isso foi bom! Daí nós conseguimos ter um pouco de terra. (G. P.)

Porém, há um outro elemento que devemos considerar: a ocupação efetiva da região foi promovida por uma empresa privada de colonização e seus diretores, ao elaborar o plano de colonização, afirmam que: "observando este plano de ação e, colocando-o em prática, teríamos o aproveitamento da colonização satisfazendo, com justa remuneração, os seus interesses comerciais da Companhia Colonizadora, em retribuição ao seus trabalhos e ao seu capital empregado"<sup>106</sup>.

Assim, o objetivo comercial, além do retorno do capital investido, foram também motivos que levaram os diretores da empresa a atentar-se para a seleção dos futuros migrantes. Assim, buscaram uma mão-de-obra experiente para tornar produtiva a terra, para, desta forma, recuperar o capital investido pois "todo capital, afim de produzir um rendimento, precisa fazer acompanhar de mão-de-obra (...) neste caso, o capital está representado pelo vasto e ondulante tapete de matas (...) o trabalho, pelo homem que realizará a transformação destas matas em núcleos de civilização e centros produtores"<sup>107</sup>.

Objetivando o rápido retorno do capital investido, os diretores da empresa, necessitavam agilizar o processo de comercialização, bem como criar uma série de instrumentos que iriam estimular a produção, o que garantiria, já na fase inicial da

---

\* Eles falavam: 'você tem que comprá terra no Paraná, porque todas as pessoas querem comprá terra'.

\* E que terra!.

\* Batatinha, frutas, milho e bastante verduras, eu nunca disse nada.

<sup>106</sup> NIDERAUER, op.cit., p. 4.

<sup>107</sup> Idem, ibidem.

implantação de seu projeto, uma certa rentabilidade para a empresa. Para tanto, necessitavam de mão-de-obra experiente.

Sendo os diretores da empresa, na sua maioria, oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, já possuíam conhecimento prévio do trabalho desenvolvido pelos habitantes destes Estados, pois “esmera é a mão-de-obra que continuamente se dedica à elaboração dos mesmos produtos dentro das mesmas condições físicas, especializando-se, desta forma, em determinado ambiente”<sup>108</sup>.

Podemos associar o projeto de colonização pensado pelos diretores da empresa como um modelo de colonização que buscava associar o tipo de agricultura a ser desenvolvida com o grupo de futuros migrantes considerados ideais para desenvolvê-lo. Deste modo, já no plano de ação elaborado pelos diretores da empresa, ocorre a construção de imagens sobre os sujeitos tidos como “os escolhidos” que deverão povoar este novo espaço físico. Percebemos aí alguns critérios relacionados quanto às características da cultura do grupo escolhido.

Neste caso, os critérios elegidos como prioridade no projeto a ser posto em prática pela empresa colonizadora estão de acordo com o discurso do poder público do estado, pois o “tipo ideal” mencionado no projeto de colonização não se restringe apenas à questão da obtenção de lucro por parte dos diretores da empresa, mas também obteria maior sucesso utilizando mecanismos adequados, neste caso a mão-de-obra dos imigrantes europeus que possuíam uma certa cultura de valorização humana através do trabalho.

Assim, ocorre a divisão da área de terras que compreendia a Fazenda Britânia em pequenas propriedades, negociando-as com migrantes gaúchos e

---

<sup>108</sup> Idem, p. 5.

catarinenses que, já no seu local de origem, dedicavam-se à policultura, também em pequenas propriedades rurais. O senhor Olívio Tartarine afirma que:

Eu quando vim prá cá né, comecei pequeno, com pouco, derrubei um pouco de mato, plantemo milho, mandioca prá criação e também prá nós comê. Aí também plantemo bem pouco de batatinha, trigo (...) verdura, de tudo que tipo dava ah! Plantemo amendoim, pipoca... Eu não cheguei a plantá café. Com isso a gente sobrevivia. Foi brabo no começo mais a gente lutou muito (...) Isso deu certo porque todo mundo que veio, veio prá trabalhá mesmo (...) Era tudo gente séria (...) Não reclamava do serviço, já sabia o que tinha que fazê e como. Isso ajudou. (O. T.)

Este projeto de colonização posto em prática, além de associar o tipo de agricultura com os futuros migrantes – conforme visto pelos discursos, os mais aptos para desenvolver tal agricultura –, também associa elementos e práticas que faziam parte do universo de valores dos futuros migrantes, pois estes já demonstravam, no local de origem, o apego à terra, um caráter ordeiro, a extrema valorização do trabalho, entre outros fatores que contribuiriam em certa medida para o sucesso da colonização.

Pelo exposto percebemos nos discursos do poder público e privado que havia uma valorização do elemento humano, e, deste modo, o tipo ideal e sua utilidade social era dada neste processo de colonização pela sua capacidade de produção. Ora, fica evidente então a presença dos interesses econômicos dos diretores da empresa que aproveitaram-se das dificuldades de acesso à terra dos agricultores gaúchos e catarinenses para conseguir vantagens com os núcleos coloniais, coadunados com o poder público que oferecia uma série de proteções e facilidades para a sua implementação.

Assim, em conjunto passaram a atuar no sentido de articular as futuras atividades econômicas a serem desenvolvidas: o incentivo e a orientação para uma política de produção de excedentes para atender aos mercados consumidores da

região, pois “a MARIPÁ foi montada para obter lucros com a comercialização da madeira e de terras da Fazenda Britânia e, também, para posteriormente, através de outros investimentos, obter lucros com o desenvolvimento econômico da região”<sup>109</sup>.

A divisão da área em pequenas propriedades fomentaria um rápido retorno de capital e, também, a possibilidade de mais investimentos, por parte dos diretores, com grandes possibilidades de obterem maior lucratividade. Isto ocorreu a partir da “assistência” básica fornecida pelos diretores, pois “vários são os motivos que impõem o planejamento de instalação de indústria numa zona de colonização nova”<sup>110</sup>. Entre as indispensáveis que a MARIPÁ teria que instalar, temos carpintarias, moinhos, oficinas mecânicas, funilarias, etc.

Estas informações revelam, pois, um projeto de colonização que necessita, a princípio, de investimentos de capital e estes recursos funcionavam como elemento indispensável para que os empreendimentos garantissem lucratividade contínua.

No discurso dos diretores da empresa colonizadora identificamos princípios que reforçaram as tradições sócio-econômicas e culturais dos futuros migrantes. Um exemplo disto pode ser encontrado na propaganda das terras a serem comercializadas, pois nesta busca-se explorar as práticas tradicionais entre as famílias de colonos rurais, italianos e alemães, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (ver ANEXOS 6 e 7): “o maior desejo de cada agricultor é que seu filho deve ter uma vida melhor”.<sup>111</sup> Esse objetivo seria concretizado ao adquirir uma “área de terras livres de morros, pedras e formigas”<sup>112</sup>, onde é destacada a

---

<sup>109</sup> SCHREINER, op.cit., p. 64.

<sup>110</sup> SEYFERTH, op.cit., p. 80.

<sup>111</sup> Propaganda de venda de terras. Anexos 5 e 6.

<sup>112</sup> Idem.

qualidade do solo paranaense, pois a propaganda enfatiza características como “terras ricas em água, solo fértil”<sup>113</sup>.

Segundo Davi Schreiner nas propagandas de venda de terra da empresa MARIPÁ, a região da Fazenda Britânia aparece como “a ‘Terra Prometida’, terra de beleza e riqueza (...) ‘o paraíso terrestre’.”<sup>114</sup>.

Como vimos no segundo capítulo, os relatos dos migrantes nos revelam sobretudo que esta forma de divulgação contribuiu para o futuro migrante criar um imaginário sobre estas terras como o local onde seus sonhos pudessem ser concretizados.

A forma como os diretores da companhia conduziram este processo, torna claro, como já mencionamos anteriormente, que estes estavam cientes do impacto que os colonos migrantes teriam quando da chegada à “nova terra”, ao não identificar-se neste espaço físico. Assim, os diretores das empresas colonizadoras buscaram minimizar este impacto adotando mecanismos que proporcionaram a formação de núcleos coloniais homogêneos.

Schreiner destaca que “esse critério seletivo da MARIPÁ, demonstra o desejo de estabelecer uma homogeneidade populacional na área da colonização. Por isso procurou ‘recrutar’ famílias de uma mesma localidade e instalá-las umas próximas às outras”<sup>115</sup>.

Outro mecanismo usado para a divulgação do projeto da colonização foi a contratação de agentes de venda de terras (corretores), sendo que estes deveriam ser pessoas conhecidas e bem relacionadas nos seus municípios de origem,

---

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> SCHREINER, op.cit., p. 73.

<sup>115</sup> SCHREINER, op.cit., p. 53.

geralmente com experiência no ramo ou comerciantes e agricultores da região. Esta estratégia revelou-se extremamente importante na formação de novos núcleos coloniais homogêneos na região.

Sobre a venda das terras, os diretores da empresa elegeram também os futuros migrantes como “corretores”:

O agricultor de modo geral crê mais no que diz e lhe conta o vizinho, do que numa propaganda feita pelos jornais e rádio. Os que aqui adquiriram terras, ao regressar ao seus lugares de origem, sempre confirmavam a propaganda (...) a propaganda feita de boca a boca entre os agricultores, não levou (...) aventureiros despidos de honestidade<sup>116</sup>.

Estas descrições no plano de colonização apresentam uma divulgação das terras de forma a eleger um grupo de pessoas mais “adequadas”, em oposição aos outros grupos que foram classificados como aventureiros ou sem qualificações para o desenvolvimento de um projeto de colonização, onde a prioridade era dada ao indivíduo “trabalhador e ordeiro”, que contribuiria para formação de núcleos coloniais projetados para o sucesso.

Segundo Luiz Carlos Ribeiro em seu trabalho *Memória, trabalho e resistência (Curitiba 1890-1920)*, ao analisar a opinião do historiador Rocha Pombo emitida em 1900 sobre a cidade de Curitiba, afirma que: “quando o autor nos fala sobre Curitiba, o faz de modo tão eufórico que nos passa uma imagem de uma sociedade perfeita. Uma sociedade liderada por grandes homens, composta por um povo ciente de sua tarefa histórica de erguer uma civilização fundada nos mais altos princípios de disciplina e progresso”<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> NIDERAUER, op.cit., p. 10.

<sup>117</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência (Curitiba 1890-1900)**. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. p. 27.

Esta euforia também identificamos no projeto de colonização do Oeste do Paraná, pois seus discursos hegemônicos sobre uma colonização ideal que, tendo, por um lado, a caracterização positiva dos sulistas como povo trabalhador e ordeiro e, por outro, a caracterização negativa do aventureiro vindo de outros estados, enfatiza a grandiosidade do projeto a ser desenvolvido dentro destes moldes.

De acordo com dados coletados nos arquivos da empresa colonizadora, mais especificamente no livro de registros das operações de compra e venda das terras, a possibilidade de manter as mesmas relações de amizade ou coincidir com os mesmos vizinhos, ocorreu pelo fato dos diretores da empresa MARIPÁ optarem em mapear e dividir toda a área da Fazenda Britânia em perímetros. Cada um dos perímetros mapeados pelos agrimensores da empresa possuía um certo número de lotes coloniais, e cada agente tinha disponível um ou mais perímetros para efetuar a comercialização.

Assim, ao agente de vendas caberia divulgar e comercializar os lotes coloniais dos perímetros a ele destinados no seu município de origem e em localidades próximas. O antropólogo Kalervo Oberg, em sua obra *Toledo: um município da fronteira do Oeste do Paraná*, relata que:

A companhia empregou, como agentes, os fazendeiros e comerciantes que tinham vindo por primeiro (...) com a tarefa de voltarem periodicamente para seus lugares de origem nos dois estados sulinos [ Rio Grande do Sul e Santa Catarina], e recrutarem novos colonos. O que esses homens contavam a seus amigos a respeito (...) era acreditado, sendo de muita eficácia para conseguir bons colonos do que os anúncios em jornais. Naturalmente, um homem de origem germânica falava com outros da mesma origem, um italiano falava com pessoas de sua antiga colônia italiana. Desta forma, parentes e amigos viviam em povoações com predominância de descendentes germânicos ou italianos. General Rondon é 95% germânico, enquanto Novo Sarandi e Nova Concórdia são predominantemente de origem italiana<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> OBERG; JABINE, op.cit., p. 31.

Neste cenário, a opção em dividir a área da Fazenda Britânia em pequenas propriedades, com o incentivo ao desenvolvimento da policultura, o emprego da mão-de-obra familiar e a facilidade de pagamento das terras, além do auxílio na instalação da infra-estrutura básica, vem de encontro a um padrão de propriedade e de atividade que já eram familiares aos migrantes que a empresa colonizadora objetivava atrair.

Estes fatores contribuíram para o sucesso da colonização, atraindo um grande número de migrantes e fixando-os em um novo espaço.

Neste contexto, devemos levar em consideração o que mencionamos no primeiro capítulo, ou seja, os discursos devem ser analisados buscando “estar atento àquilo que não está sendo dito, e considerar o que significam os silêncios”<sup>119</sup>.

Tendo em vista este aspecto, cabe observarmos que as ações dos administradores públicos e privados constituíram uma peça fundamental para o sucesso da colonização. Desta forma, suas construções discursivas produziram efeitos que estabeleceram o suporte necessário para as práticas colonizatórias. Neste sentido, os responsáveis pela colonização do Oeste do Paraná, tendo como meta o desenvolvimento da região, asseguraram o atendimento das necessidades materiais dos migrantes. No entanto, a prosperidade destes significou, por outro lado, lucro para os dirigentes da colonização na medida em que gerou um processo de monopolização com relação aos serviços e produtos ofertados aos migrantes.

De que forma se efetivou este processo?

A resposta parece estar nas estratégias adotadas pela companhia a fim de obter vantagens nas relações estabelecidas com os migrantes. A adoção destas

---

<sup>119</sup> MALUF, op.cit., p. 45.

estratégias ocorre tanto no início da ocupação quanto na fase de consolidação dos núcleos coloniais.

Na fase inicial da ocupação, os dirigentes da companhia colonizadora, além de obter lucros com a venda das terras, mesmo que facilitada através do parcelamento, também lucram com a venda da madeira encontrada nas florestas dos lotes coloniais. Esta lucratividade torna-se relevante pelo fato da madeira ser retirada sem nenhum retorno financeiro para os novos proprietários, pois, na visão dos dirigentes da companhia, a derrubada da mata é uma espécie de favor, tendo em vista a necessidade de terras cultiváveis por parte dos migrantes.

Na fase de consolidação da ocupação das terras, a companhia colonizadora estruturou uma série de atividades que englobavam tanto a oferta de produtos e serviços quanto a aquisição dos excedentes produzidos nas lavouras. A lucratividade do empreendimento se efetiva na medida em que a companhia estabelece um "sistema de trocas", caracterizado pela desigualdade da valorização entre produtos e serviços ofertados pela companhia e os excedentes produzidos pelas famílias de migrantes. Como já abordamos, se for considerada a questão da existência da monopolização da companhia com relação às atividades comerciais desenvolvidas nos novos núcleos coloniais, a lucratividade do empreendimento assume proporções ainda maiores.

Muitos dos migrantes entrevistados, mencionam esta relação de "reciprocidade", entretanto poucos percebem esta prática como forma de obter maior lucratividade por parte da empresa. As senhoras Germina e Nízia Peter revelam algumas estratégias adotadas pelos diretores da companhia colonizadora e que acabaram criando vínculos entre os migrantes e a companhia. Em seus relatos são identificadas medidas adotadas pela empresa colonizadora e que, se visaram

superar as dificuldades iniciais, paralelamente também procuraram garantir a permanência na região dos migrantes que haviam adquirido as terras.

Como já foi apontado acima, uma das medidas adotadas foi a facilidade de aquisição das terras comercializadas pela empresa. Para muitos migrantes, a possibilidade de adquirir uma propriedade de terras através do pagamento em prestações, era o único meio de concretizar o sonho de serem proprietários e para a empresa assegurava a permanência destes na região até os mesmos conseguirem realizar a quitação da dívida:

A maioria que havia comprado terras deu uma entrada e o resto parcelou (...) mas o ganho deles aqui no início era pouco, porque não tinha como você fazê uma coisa e vendê. Então, [para] a maioria, o prazo para pagá foi muito longo (...) meu pai levou anos prá pagá (...) A única coisa é que não saia escritura antes de se quitar o imóvel (...) Assim ninguém dos que vieram foram embora, ninguém abandonou as terras, todos que vinham, então ficaram, por mais que sofreram. Trabalhava anos e daí pagaram suas terras. Eu creio que não tinha condições prá voltá, porque iam voltá como? Se tinham mal apenas condições prá vir (...) meu pai veio com a mudança, filhos (...) e seis, não sei, acho cruzeiros que era para a sobrevivência da família e alguma emergência. Daí se queria voltá como? Aqueles que queria comprá terras, comprava da MARIPÁ, não dos outros, penso porque ela parcelava, prá quando se podia pagá. Assim muitos que vieram morá no começo achava difícil (...) porque tava devendo ainda a terra. (N. P.)

Fica, pois, evidente, que a forma de comercialização das terras adotada pela empresa colonizadora contribuiu para que muitos permanecessem na região e, acima de tudo, estavam sendo colocadas em prática iniciativas que, se atendiam às necessidades dos migrantes, resultavam, por outro lado, num processo de comprometimento, pois temos que considerar o período necessário para que uma família que havia migrado para a região conseguisse tornar sua terra produtiva para subsistência e comercialização dos excedentes, que reverteriam em capital para pagar sua área de terras. Assim, é durante este período inicial da colonização que o endividamento dos migrantes com relação à empresa forjou a permanência dos

mesmos na região.

Outro fator apontado por Nízia Peter foi a relação do migrante com os diretores da empresa no que se refere à construção da infra-estrutura básica das propriedades:

Olha a MARIPÁ quando vendia a terra falava e os colonos deixaram extrair a madeira (...) Isso ajudava prá quem vinha, porque desmatá era difícil. Daí, a empresa tirava algumas madeira (...) e as beneficiava e daí os colonos quando vinham comprava da MARIPÁ a madeira para construir suas casas e pagava quando podia. Mesmo que era um preço acessível a gente levava anos prá pagá (...) primeiro se preocupava em pagá a terra (...) eles não pressionava ninguém e ajudava a todos (...) muitas vezes se fazia troca de serviço. Os colono, em troca da madeira, ajudava a MARIPÁ a desmatá, porque a MARIPÁ vendia a madeira também para outros, não só os que vinha para cá. (N.P.)

Estes “serviços” buscavam ao mesmo tempo prestar uma assistência no que se refere à infra-estrutura que possibilitava ao migrante recém-chegado construir suas instalações básicas, mas assegurava também a sua permanência na região. Acrescente-se a isso o fato desta prática adotada muitas vezes ter contribuído para o fornecimento de mão-de-obra para a empresa colonizadora.

Há de se acrescentar ainda, segundo dados apontados por Germina Peter, que as relações de “reciprocidade” estenderam-se também no que se refere aos estabelecimentos comerciais, no caso específico dos empórios, casas comerciais de venda e troca de produtos e insumos necessários ao abastecimento das famílias:

Por exemplo qualquer coisa que você colhesse levava no Empório e pegava em troca uma querosene, um sal ales vas mier musten kaufen das va (...) sempre era feito em troca no Empório e mesmo que não tivesse dinheiro você tinha condições de comprá. Sempre ninguém ficava sem o básico, o básico sempre tinha e a gente pagava quando ia fazê a colheta, né. Todo esse tempo nos primeiros anos a MARIPÁ deixava o Empório vendê prá gente e pagá quando se ia colhê, as pessoas traziam muitas coisas quando vinha de muda, mais isto não chegava porque, olha!, era desmatá, queimá, plantá e esperá colhê. Então o Empório vendia fiado. A maioria estava devendo parte das terras; a madeira e a

---

\* tudo o que nós necessitava comprá, isto era.

comida. E como já falei vi volde mier zurick machen, mier hater chulde, di loit ale aben chulden. (G. P.)

Além da dívida, advinda da aquisição das terras, os migrantes passaram a adquirir produtos das casas comerciais pertencentes à empresa colonizadora, “comprando fiado”, o que faz com que esta dívida aumente consideravelmente. Este endividamento gradativo comprometeu, por sua vez, as colheitas das novas lavouras e a companhia beneficiou-se, pois para os migrantes o pagamento das dívidas era algo imprescindível. Esta preocupação dos migrantes estava vinculada a valores como honestidade, integridade e honra, próprios da formação cultural dos migrantes. Neste contexto, podemos apontar uma das vantagens advindas da seleção do elemento humano: com a seleção, os valores seriam comuns a todos os migrantes.

Ciente desta vantagem, a empresa incentiva a manutenção destes valores comuns através da instalação de espaços como a igreja, a escola (também vinculada à igreja), o Empório, entre outros, com destaque para o espaço religioso.

Iniciativas deste tipo por parte da empresa colonizadora revelam que as ações repercutiram na vida dos migrantes e de certa maneira impediram o retorno daqueles que num primeiro momento estavam insatisfeitos e concomitantemente aceleravam o progresso da região. Vejamos o relato de Olívio Tartarine:

Olha nois trabalhamos e como trabalhamos prá pagá esta terra. A gente queria se vê livre da dívida (...) a MARIPÁ, ela não cobrava, mais nós sabia que tava devendo, então tudo mundo quando conseguia logo pagá (...) colhia e já deixava a conta em dia porque a gente foi ensinado assim: só quando tá pago é teu (...) daí tudo foi rápido porque a gente primeiro trabalha muito prá tê tudo pago e isso ajudô prá aqui desenvolvê. (O. T.)

---

\* Como nós queria voltar, nós tínhamos dívidas, as pessoas todas tinham dívidas.

Como visto, a preocupação maior dos migrantes era saldar a dívida, mesmo que não houvesse pressão por parte da empresa. Para tanto, esforçavam-se ao máximo e, se por um lado, era uma necessidade pessoal do migrante em se considerar proprietário somente após a quitação do lote adquirido, percebemos a consciência de que este esforço é responsável pelo rápido desenvolvimento da região.

Quando nois chegemo eu logo queria voltá, isso main! Main! Tu vest nich vir das iher vâ (...) no começo foi sofrido prá tudo, mais daí quando comecemo desmatá, aí logo plantemo, conseguimos colhé bem, a terra é muito boa (...) aí tudo já se acostumô (...) muitos logo, outros demoravam um pouco, mais nós logo paguemo tudo (...) a gente colhia de tudo. Como pode, hoje já não dá mais assim. (M. W.)

Constatamos deste modo, que numa primeira fase muitos migrantes cogitavam regressar para o seu local de origem, mas este retorno era impossibilitado pelo fato de terem assumido compromissos financeiros advindos do parcelamento dos lotes, da aquisição de gêneros de primeira necessidade e da implantação de infra-estrutura básica.

Olha, tinha no começo muita gente que queria voltá (...) mais não tinha capital prá voltar (...) mais como o Willy Barth incentivava a ficá [dizendo] que todos conseguiriam pagar suas dívidas. Meu pai não comprou mais terra porque tinha medo de não conseguir pagar. Eles da MARIPÁ tinham uma visão muito grande do negócio, sabiam que enquanto alguém tava devendo não ia embora e além do mais de onde vinham não tavam quase podendo sobreviver. Então foi dada esta abertura né e a maioria depois saiu bem (...) a não ser quem não queria trabalhá. (N. P.)

Portanto, a empresa adotou medidas administrativas que visavam a permanência dos migrantes na região, através do endividamento gradativo dos mesmos – que nos discursos estão “sombreados” como reciprocidade de favores –,

---

\* Meu! Meu! Você nem sabe como era aqui.

o que contribuiu de forma decisiva para o sucesso do projeto de colonização.

Assim, a migração deste grupo de pessoas aparece vinculada à condições históricas e sociais peculiares, nas quais os migrantes abandonaram seus municípios de origem, atraídos pelos discursos criados pelo poder público e privado, construídos através das referências à fertilidade das terras do Oeste do Paraná – mesmo que cobertas de matas –, além da facilidade na aquisição das terras.

Acrescente-se a estes fatores um dos motivos que os próprios migrantes em seus relatos mencionam: o sonho de grande número destes era ser proprietário de terras, promessa de melhores condições de vida.

Evidenciamos com esta pesquisa que a colonização das terras do município de Marechal Cândido Rondon caracterizou-se como um processo metódico, promovido pela interdependência dos poderes público e privado, advindo da possibilidade de articulação devido ao lugar social de destaque que estes ocupavam.

Assim, passou a ser estabelecida uma rede de relações que possibilitou, por sua vez, a interferência direta na organização e estruturação do novo espaço colonizatório, onde prevaleceram atividades que foram apresentadas como trocas de favores, mas que resultaram, principalmente na fase inicial da colonização, no endividamento de grande parte dos migrantes. Este endividamento contribuiu para o sucesso do plano de colonização, na medida em que forçou a permanência dos migrantes na região, impulsionando desta forma a comercialização de produtos e a oferta de serviços, monopolizados pela empresa colonizadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo realizado sobre o processo histórico da colonização de Marechal Cândido Rondon, adotando procedimentos metodológicos de análise alicerçados na fonte oral, procuramos mostrar de que forma os migrantes, a partir de suas reflexões, constróem significados peculiares desta colonização.

Todavia, se faz necessário enfatizar que temos a absoluta certeza de que não esgotamos o assunto sobre o tema. O prazo requerido para a realização da pesquisa contribuiu para que muitos aspectos não fossem analisados com profundidade.

Ressaltamos, também, que não tivemos a pretensão de desenvolver uma “história totalizante” do processo de colonização do município de Marechal Cândido Rondon. Trata-se de um estudo em que destacamos as interpretações do passado a partir de fragmentos dos relatos de migrantes.

Assim, cientes que toda escolha ou opção envolve restrições e lacunas os quais podem vir a incentivar novas pesquisas.

Deste modo, ao desenvolvermos o trabalho ora apresentado, perceberemos algumas temáticas mais recorrentes nos relatos dos migrantes merecedores de um exame mais minucioso.

Há possibilidades de analisar mais detalhadamente a questão religiosa como um fator que influenciou na estruturação e no desenvolvimento do processo de colonização.

A viabilidade de análises de temas como: o papel desempenhado pelas mulheres no período da colonização; o ofício das casas comerciais (empório); a transferência e a perda de elementos nos espaços de lazer e na vida recreativa; curanderismo e benzimentos como forma de assistência para as necessidades imediatas no período da colonização, são alguns temas que nos estimulam a dar continuidade a realização de futuros projetos.

No que se refere ao presente estudo podemos considerar como sendo um dos resultados da pesquisa a caracterização da ocupação das terras do oeste paranaense como um processo desencadeado a partir de critérios pré-estabelecidos, colocados em prática através de ações articuladas entre os poderes público e privado, objetivando a condução sistemática desta ocupação.

Nestas ações reside o poder fundamental dos discursos dos poderes público e privado que, ao relativizar o imaginário dos migrantes gaúchos e catarinenses através da associação do novo espaço físico a ser transformado ao local de origem dos mesmos, incentivaram a possibilidade deste espaço concretizar suas utopias, ou seja, estes discursos empregaram referenciais que visavam a manutenção de práticas comuns nestas comunidades. Assim, a colonização deste município assume aspectos que satisfizeram os anseios dos migrantes e paralelamente atenderam a necessidades específicas dos dirigentes, tanto da companhia colonizadora como do poder público.

O processo de colonização, como demonstrado no decorrer do trabalho, caracteriza-se como sendo fruto de um projeto desenvolvido pelo poder público para

efetuar a ocupação do interior brasileiro, objetivando solucionar problemas advindos da urbanização e industrialização crescentes das regiões litorâneas. Se por um lado, este projeto pretendia atingir tais objetivos, por outro, a sua execução apresentou características excepcionais devido à necessidade de pessoas responsáveis pelos investimentos para a sua efetivação e estes investimentos, por sua vez, precisavam ser atraídos através da oferta de condições vantajosas. Foi assim que o acordo entre o poder público e as empresas colonizadoras tornou-se possível.

Desta forma, o poder público, além de ocupar os “espaços vazios”, pôde dispor de fornecedores para abastecer os grandes centros urbanos, e os intermediários entre produtores e consumidores definiram-se neste momento: as empresas responsáveis pela implantação dos núcleos coloniais sendo privilegiadas pelo monopólio na comercialização dos produtos oriundos do trabalho dos migrantes.

Contudo, verificamos que o fluxo migratório para um novo espaço físico gestou uma série de demandas onde as necessidades imediatas sobrepuaram-se ao ideal imaginado. Neste sentido, os discursos passaram a reproduzir na memória comum do grupo pesquisado a necessidade de superação de problemas como forma de transformação do novo espaço.

Em decorrência da opção teórico-metodológica adotada para desenvolver a pesquisa priorizando a fonte oral, foram agrupadas as temáticas mais recorrentes pelos migrantes em suas entrevistas, na tentativa de buscar uma memória comum deste grupo, sendo que este trabalho revelou que as estratégias discursivas adotadas pelos dirigentes da colonização encontraram respaldo junto às comunidades de migrantes, que em alguns momentos legitimaram os discursos dos poderes público e privado, e deste modo os próprios migrantes passaram a elaborar

discursos por meio dos quais enaltecem os atos dos diretores da empresa colonizadora e os seus próprios atos no processo de colonização.

Assim, constróem uma imagem de si mesmos para que sejam percebidos pelos outros como indivíduos que necessitaram superar diversas dificuldades para a concretização de sonhos, ressaltando que através da cooperação do grupo com a empresa colonizadora buscaram soluções mais adequadas para a execução de tarefas básicas como a construção de espaços comunitários como a escola, a igreja e o salão de festas.

Em suas falas, portanto, destacam sua capacidade de superar as dificuldades e o mecanismo utilizado para tal fim foi a solidariedade entre todos os membros, sendo este auxílio mútuo adotado para inúmeras atividades e também podendo ser observado de modo especial em ocasiões sociais, não sendo privilégio apenas de membros da família ou parentes, mas praticado por todos os membros da comunidade.

Podemos, portanto, entender o processo de colonização vinculando-o a um projeto elaborado pelos diretores da empresa colonizadora que teve grande receptividade nos locais de origem dos migrantes. O plano de colonização colocado em prática pela MARIPÁ buscava criar mecanismos para que os futuros migrantes pudessem reproduzir seu universo de valores.

Desta forma, a divisão da área da Fazenda Britânia em pequenos lotes coloniais, além do estímulo ao desenvolvimento da policultura com o uso da mão-de-obra familiar, foram condições básicas para atrair e integrar os migrantes. Percebemos ainda que houve uma atenção especial para com as condições sociais e culturais e, deste modo, buscou-se formar núcleos coloniais com características homogêneas, principalmente no que se refere aos aspectos étnicos e religiosos.

Evidenciam-se aspectos do processo de colonização do município de Marechal Cândido Rondon que apontam estratégias adotadas pela empresa colonizadora e que foram decisivas para o sucesso do empreendimento. Porém, a compreensão destes mecanismos restringe-se apenas a uma pequena parcela destes migrantes, sendo que a maioria os concebe como solidariedade entre os migrantes ou reciprocidade entre migrantes e os poderes público e privado.

Neste contexto, alguns migrantes a partir de suas memórias rompem os limites entre os discursos e o processo de colonização, possibilitando novas leituras, levando em consideração um novo elemento: as relações estabelecidas entre migrantes e empresa colonizadora através de estratégias que visam a criação de mercados, tanto produtores quanto consumidores de produtos, favorecendo a companhia colonizadora.

No universo das entrevistas ficou perceptível que na organização da comunidade de Marechal Cândido Rondon, a escola e a igreja, bem como o Empório e o cinema assumiram um papel fundamental para a integração desta comunidade. Assim, estes locais podem ser vistos como espaços de sociabilidade que fomentaram a preservação dos valores culturais através da integração dos migrantes em torno de um ideário comum ao grupo.

Portanto, observamos que estes locais assumiam o papel de aproximar as famílias dos migrantes. Assim, devido às importantes funções desenvolvidas nestes espaços, ao recordar, os migrantes transformam estes em lugares da memória.

Desta forma, a escola assumiu na comunidade de General Rondon um papel importante, como pode ser observado nos relatos, uma vez que fazia-se necessário uma escolarização para domínio da leitura, além das interpretações bíblicas, tendo em vista que estas eram consideradas como fundamentais para a

preservação dos valores religiosos tão caros para esta comunidade.

Entre estes espaços de sociabilidade, destaca-se o Empório que, além de ser descrito como casa comercial para onde eram destinados os excedentes agrícolas, era também o fornecedor dos gêneros de primeira necessidade. Alguns migrantes deixam transparecer em seus relatos que este estabelecimento gerava vínculos entre os migrantes e a empresa colonizadora, pois as operações de compra e venda de produtos, além de monopolizadas, eram caracterizadas também como responsáveis pelo endividamento progressivo por parte dos migrantes. Este endividamento, por sua vez, acarretava prejuízos para os migrantes tendo em vista a necessidade do pagamento ser efetuado através do comprometimento das colheitas e, inclusive, através do fornecimento de mão-de-obra para os trabalhos executados pela companhia colonizadora.

Outro aspecto importante abordado no trabalho refere-se ao relato dos fatos que, mesmo abarcando o mesmo período histórico, receberam algumas vezes tratamentos diferenciados pelos elementos do grupo. Para tanto, deve ser levado em consideração que cada fragmento traz a marca do individual de quem está relatando, ou seja, cada componente do grupo oferece leituras particulares, pois suas experiências pessoais interferem no momento de suas análises. Além disso, a sobrevivência do passado no presente e a possibilidade de reinterpretação, têm no grupo pesquisado seu sustentáculo, revelando indivíduos como agentes participantes dos diversos grupos que compõem a comunidade, o que assegura a rememoração do passado.

Em outras palavras, apesar das pessoas, ao relatarem suas experiências, extraírem significados próprios e leituras particulares, estas compõem um conjunto de imagens comuns do grupo, revelando práticas sociais que serviram de suporte para que grupo expressasse sua trajetória histórica.

Assim, os fatos relatados são elementos que foram cristalizados em suas memórias e suas falas estão repletas de valores, usos e costumes comuns que o grupo conseguiu preservar e manter vivos. Como exemplo disso, podem ser citadas as transformações sofridas nos espaços de sociabilidade que estão presentes em suas entrevistas.

Neste sentido, a rememoração de experiências e acontecimentos localizados no passado parece assumir funções diversas, entre elas, a de ensinar, através da seleção de fragmentos que destacam os passos e contrapassos das experiências vividas.

Deste modo, buscamos “arquivar” as experiências dos migrantes a partir de seus relatos, através do ato de contar, de narrar com detalhes o processo de colonização, evidenciando a maneira como este grupo construiu sínteses próprias a partir de diversas experiências cotidianas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Definir como serão incluídas as entrevistas do CEPEDAL e as Particulares.

ALBERT, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade** : lembranças de velhos. São Paulo, TAC/EDUSP, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho de saber** : cultura camponesa e escola rural. São Paulo : FTD, 1990.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil 1930-1970**. São Paulo: Global; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1985.

CARDOSO, Irene Arruda Ribeiro. Maria Antonia: a interrogação sobre o lugar a partir da dor. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.8, n. 2, p. 1-10, out. 1996.

COLNAGHI, Maria Cristina; MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **São José dos Pinhais** : a trajetória de uma cidade. Curitiba : Editora Prephacio, 1992.

FAUSTO, Boris. **Negócios e ócio** : história da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Imagens que não se apagam : representações de gênero na Oktoberfest. **Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, p.177, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Farra do Boi** : palavras, sentidos, ficções. Florianópolis : UFSC, 1997.

GARRIDO, Joan del Alcàzon. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93.

GERKE, Arno Alexandre. **Copagril** : uma análise do cooperativismo no Oeste do Paraná. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

GREGORY, Valdir. **Os euro-brasileiros e o espaço colonial**: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Tese de

- doutorado apresentada no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1997.
- GÜTHS, Lia Dorotéa. **Do mapeamento geo-ambiental ao planejamento urbano de Marechal Cândido Rondon (PR): Estudo de caso (1950-1997)**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAREVEN, Tamara K. Tempo de família e tempo de história. **História: questões e debates**, Curitiba, v. 5, n. 8, p. 15, jun. 1984.
- HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- IPARDES - Fundação Edison Vieira. **O Paraná reiventado: política e governo**. Curitiba, 1989.
- Jornal O Paraná**, Cascavel, 23 jun.1983.
- KLIEMANN, Luiza Helena Snmitz. **Rio Grande do Sul: terra e poder - História da restauração**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- KÜCHMANN, Berlindes Astrid. **O minifúndio gaúcho: ajuda técnica como alternativa?** Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço Brindes, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.
- LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.
- KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial : magistério e imigração alemã**. Porto Alegre : UFRGS, 1991.
- MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia Alemã: imagens do passado**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço Brindes, 1981.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- NIDERAUER, Ondy Hélio. **Plano de colonização da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A**. Toledo, 1955.
- OBBERG, Kalervo; JABINE, Thomas. **Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: USOM, 1960.
- OSORIO, Ivan Dall'igna (coord.) **O fenômeno migratório na Região Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

- PAULA, Dilma Andrade. Na contramão da utopia: A memória da destruição da cidade de São João Marcos. In: **Revista de História Regional**. n.1, v. 1, p. 9-40, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PAWELKE. J. **Ficando Rico no Oeste do Paraná**. Marechal Cândido Rondon, 1970.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência (Curitiba 1890-1900)**. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.
- RICARDO, Cassiano. **Marcha para o Oeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1959. (Volumes 1 e 2).
- ROCHA NETO, Bento Munhoz. **O Paraná: Ensaio**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.
- SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel : Assoeste, 1984.
- SALLES, Paulo. **Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos**. Tese de doutorado apresentada no curso de Psicologia Social (Instituto de Psicologia). Universidade de São Paulo, 1993.
- SCHALLEMBERGER, Erneldo; COLOGNESE, Sílvio Antônio. **Migrações e comunidades cristãs : o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná**. Toledo : EDT, 1994.
- SCHMIDT, Róbi. Trabalho apresentado à disciplina de História e Sociabilidade II no curso de Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná, 1998, p.4-5. (mimeo.)
- SCHREINER, Davi Félix. **A formação de uma cultura do trabalho: cotidiano, trabalho e poder**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. IN: **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, nº.52, maio de 1985.
- SILVA, Oscar; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VANDERLINE, Tarcísio. A Questão dos Murunduns. **Revista Cepedal**, Marechal Cândido Rondon, v.1, n. 1, p.14-15, set. 1994.

VON BORSTEL, Clarice. **Aspectos do Bilingüismo** : alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina.

WACHOWICZ, Rui C. **Obrages, Mensus e Colonos** : História do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

## **ANEXOS**

Minutagem de Fita: K7

Fita nº 14

Entrevista com: Ondy Hélio Niederauer

Entrevista Realizada por: Djalмира de Almeida

Data: 18/10/1982

Venilda Saatkamp

Entrevista Realizada Local: Escritório de sua residência em Toledo-Pr

Data da liberação:

Minutada por: Claércio Ivan Schneider

## Fita 1 A

• Dados gerais.....	002
• Motivo da vinda.....	010
• Viagem da família.....	042
• Acionistas da MARIPÁ - Administração.....	052
• Saída da MARIPÁ.....	083
— motivo	
— função	
— permaneceu ligado	
• Corretoras da MARIPÁ.....	100
• Localidades existentes.....	113
• Medição territorial.....	133
— Quatro Pontes	
— Procura de local p/Rondon	
• Infra-estrutura/colonos.....	143
— Material para construção	
— Empório	
• Vilas existentes	
— Toledo	
— Dez do Maio	
— Serra Lago	
— Novo Sarandi	
— Mercedes	
• Política da MARIPÁ.....	199

	— participação em diversas empresas	
	— exploração	
	— colonização	
• Willy Barth - fundações .....		225
• Acionistas .....		246
	— Divisão das terras	
	— transferência da sede/Rondon	
• Ingleses .....		283
	— obtenção das terras	
	— dificuldades	
	— exploração	
	— exploração da erva-mate	
	— plantação de erva-mate/ingleses	
	— exploração de madeira de lei	
	— comunicação difícil	
	— fixador de perfume	
• Funcionários da MARIPÁ .....		421
• Surgimento dos municípios .....		454
• Pinho & Terra/Porto Mendes .....		500
 <b>Rta 1 B</b>		
• Porto Mendes .....		510
• Invasão da Fazenda Britânia .....		515
	— Governo	
	— Título de propriedade	
• Influência de Dalcanali/Pato Bragado .....		536
• Diretores hoje da MARIPÁ .....		558
• Escritório hoje da MARIPÁ em Marechal Cândido Rondon .....		564
• Captação de poços artesianos .....		574
• Planejamento de Marechal Cândido Rondon .....		599
• Futuras entrevistas/atuais diretores .....		616
• Agradecimentos finais .....		634

Marechal Cândido Rondon, 22 de setembro de 1999.

## PARECER

Marechal Cândido Rondon, comunidade que tem como uma das suas características o processo de colonização realizado por grande número de pessoas descendentes de alemães, procedentes de antigos núcleos coloniais dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Nesta comunidade encontramos atualmente presentes um grande número de pessoas que ao se comunicar diariamente fazem uso de um dialeto originado da língua alemã.

Portanto, no presente trabalho, um estudo realizado sobre o processo histórico da colonização do município de Marechal Cândido Rondon, abarcando o período de 1940/70, tendo como fonte primária relatos orais ou seja, entrevistas realizada com migrantes procedentes dos estados sulistas onde podemos identificar esta característica; uma comunidade bilíngüe (alemão/português) pois a forma de comunicação da população apresenta um número significativo de pessoas, cujas fala apresentam-se repletos de expressões idiomáticas procedentes da função entre duas línguas, resultantes da interação do dialeto alemão aos costumes brasileiros, como afirmado na introdução deste trabalho.

Assim me parece sobre a metodologia adotada no presente trabalho no que tange a transcrição dos relatos que apresentam expressões idiomáticas do bilinguismo sejam mantidas buscando não fugir da fala original. Portanto sem

realizar uma correção ortográfica gramatical da língua alemã. Adotando tal procedimento meu parecer é que o trabalho contribuirá também para revelar de certa maneira a interação de culturas e o seu reflexo na forma de comunicação dos indivíduos.

*Ingrid Hedel*

---

Professora de Língua Alemã

## ANEXO 3

LISTA DOS NOMES (FICTÍCIOS) DE MIGRANTES UTILIZADOS NA  
DISSERTAÇÃO:

Nome	Abreviatura	Nome	Abreviatura
Adolfo Metin	A. M.	Família Hinygert	F. H.
Ana Intervick	A. I.	Francisco Somherger	F. S.
Antônio Limant	A. L.	Germina Peter	G. P.
Arlindo Tell	A. T.	Hilda Schirmem	H. S.
Arminda Print	A. P.	Itelvina Trier	I. T.
Armindo Arno Lamber	A. A. L.	João Fident	J. F.
Arnoldo Rocketen	A. R.	Lauri Benevit	L. B.
Haroldo Hiter	A. H.	Leomar Ceninck	L. C.
Bernaldo Wirland	B. W.	Magdalena Bühler	M. B.
Bernardo Strauss	B. S.	Maidi Ross	M. R.
Carmen Cinanh	C. C.	Marta Winkel	M. W.
Cecília Brauck	C. B.	Nízia Peter	N. P.
Dirce March	D. M.	Odilo Himelt	O. H.
Edi Wontman	E. W.	Olívio French	O. F.
Edmundo Folmer	E. F.	Olívio Tartarine	O. T.
Eli Cininck	E. C.	Osni Nedring	O. N.
Erick Rotterman	E. R.	Sérgio Hauleman	S. H.
Eugenio Forgem	E. F.	Valmor Wonstein	V. W.

## ANEXO 4

QUADRO 1 - Subscritores do capital da MARIPÁ, local de origem e número de ações (1946).

Nome	Localidade	Estado	N.º de Ações
Adolpho Barth	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	15
Alberto Dalcanale	Curitiba	Paraná	100
Albino Egon Dietrich	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Alcides Heck	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Alfredo Paschoal Ruaro	Farroupilha	Rio Grande do Sul	150
Amando de Mattos Miler	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Ângelo Pedro Cassol	Santa Maria	Rio Grande do Sul	25
Arthur Fischer, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	05
Augusto Bauer	Curitiba	Santa Catarina *	25
Caetano Célia	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Carlos Frederico Walther	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Carlos Oscar Ritter	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Cid Marcondes de Albuquerque, Dr.	Curitiba	Paraná	95
Curt Bercht	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	120
Edgar Hugo Bercht	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	30
Edgar Ritter	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Egon Wemer Bercht	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	60
Erich Walter Bueckmann, Dr.	Brusque	Santa Catarina	20
Ewaldo Henrique Ritter	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	15
Felice Salvatore Cella	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Fernando de Azevedo Moura, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	50
Guilherme João Fabbrin	Santa Maria	Rio Grande do Sul	10
Guilherme Leopoldo Müller	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Guilherme Renaux, Dr.	Brusque	Santa Catarina	10
Gustavo Walter Bueckmann	Brusque	Santa Catarina	30
Henrique Pacini	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	25
Herbert Müller	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Hugo Beno Haase, Dr.	Tuparendi	Rio Grande do Sul	20
Iony Roehe Bercht	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Ivo José Renaux	Brusque	Santa Catarina	10
João Wallig	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Jorge Carlos Augusto Fayet, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Jorge Guilherme Schilling	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
José Célia	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Júlio Cezar de Souza Araújo, Dr.	Curitiba	Paraná	10
Júlio Gertum Azevedo Bastian, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	40

Karl Linder	Brusque	Santa Catarina	10
Leonardo Júlio Perna	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	50
Luiz Dalcanale Filho	Joaçaba	Paraná	50
Mauricio Starosta	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Otto Reginaldo Renaux	Brusque	Santa catarina	100
Paulo Fayet, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	25
Saul Bés, Dr.	Buenos Aires	Argentina	25
Sebastião Penteado Barcanchy	Curitiba	Paraná	70
Toledo Roberto Bome	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Victor Adalberto Kessler	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Werner Diehl	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	05
Werner Erich Gros	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Werner Hunsche	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Willy Barth	Carazinho	Rio Grande do Sul	100
			1600

FONTE: GREGORY, Valdir . **Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970.** Tese de doutorado apresentada no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. p. 157-158.

## ANEXC 5

QUADRO 2 - Acionistas da MARIPÁ em 1958.

N.º	NOME DO ACIONISTA	N.º DE AÇÕES
001	Adelino Formighieri	82
002	Adelqui Formighieri	83
003	Alberto Dalcanale	7.425
004	Albino Egon Dietrich	429
005	Alcebiades Formighieri	82
006	Alcides Heck	429
007	Alfredo Paschoal Ruaro	6.666
008	Almerinda Teixeira Pacini	363
009	Almiro Formighieri	83
010	Amábile Tomazi Formighieri	83
011	Angelo Pedro Cassol	990
012	Armando Da Mattos Miller	330
013	Arno Rodolfo Haase	165
014	Arthur Fischer	281
015	Astrid Renaux	1.650
016	Atilio Formighieri	82
017	Bernardino Zelindo Barbieri	83
018	Caetano Célia	330
019	Carlos Frederico Walther	825
020	Célia Pacini de Andrade	380
021	Cid Marcondes de Albuquerque	429
022	Clécio Zenni	36
023	Cleny Maria Becker	134
024	Cristiano Huber Filho	165
025	Curt Bercht	7.062
026	Dagmar Sylvia Renaux	206
027	Diva Margarida Becker Zenni	132
028	Domingos Alves da Silveira	37
029	Edgar Hug Bercht	1.254
030	Edgar Ritte	330
031	Edmundo Descheimer Kessler	330
032	Egon Werner Bercht	3.934
033	Erich Walter Bueckmann	660
034	Eugênia Bohrer Ritter	660
035	Ewaldo Henrique Ritter	495
036	Felício Salvador Célia	660
037	Fernando de Azevedo Moura	1.815
038	Fernando Descheimer Kessler	330
039	Ficagna Etério Arcangelo	83
040	Frederico Barletta Célia	165
041	Gastão Frein	198
042	Gerhard Louis Júlio Wetzel	198
043	Giacomo Fornazari	462
044	Guilherme João Fabrin	330

Karl Linder	Brusque	Santa Catarina	10
Leonardo Júlio Perna	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	50
Luiz Dalcanale Filho	Joaçaba	Paraná	50
Mauricio Starosta	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Otto Reginaldo Renaux	Brusque	Santa catarina	100
Paulo Fayet, Dr.	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	25
Saul Bés, Dr.	Buenos Aires	Argentina	25
Sebastião Penteado Barcanchy	Curitiba	Paraná	70
Toledo Roberto Bome	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Victor Adalberto Kessler	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Werner Diehl	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	05
Werner Erich Gros	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	10
Werner Hunsche	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	20
Willy Barth	Carazinho	Rio Grande do Sul	100
			<b>1600</b>

FONTE: GREGORY, Valdir . **Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná r décadas de 1940 a 1970.** Tese de doutorado apresentada no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Fede Fluminense, 1997. p. 157-158.



O maior desejo de cada Agricultor é: que seu filho deve ter uma vida melhor  
 Por isso devem procurar comprar terra de cultura, livre de morros, pedras, formigas e rica em água, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos.

Todos estes desejos o Senhor encontra reunidos em TOLEDO, na Fazenda Britânia no Estado do Paraná.

O título da Fazenda Britânia tem mais de 45 anos oferecendo portanto todas as garantias de uma terra legal e que proporciona ao comprador escritura imediata.

TOLEDO com apenas 3 anos de existência é paróquia, tem colégio de freiras com 170 alunos, médicos, hospital, farmácia, indústria, profissionais, bom comércio e cinema.

Há na Fazenda Britânia 285 quilômetros de estradas de rodagem, conservadas por petroleas e tratores, oferecendo ao comprador o máximo acesso à sua colônia.

As terras são planas e são apropriadas para lavoura mecanizada.

O mato é formado por todas as espécies de madeira de lei que prova a fertilidade do solo.

PORTO MENDES, com seus grandes armazéns e moderna instalação maquinaria para carregamento de navios, construídos pelo governo Federal está aguardando tua produção.

Os preços das terras são os seguintes: Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 13.000,00 a colônia de 10 alqueires, com condições de venda 1/3 a vista, 1/3 em 6 meses, 1/3 em 12 meses, gozando o comprador para pagamento a vista com desconto de 10% ao ano pelo tempo que faltar do pagamento das prestações.

A passagem de Concoórdia a Toledo ida e volta custa Cr\$ 300,00, quem comprar uma colônia tem 50% de abatimento, comprando duas ou mais tem a passagem grátis.

A passagem será devolvida ao comprador, uma vez que o mesmo pague a Colônia integralmente.

Eº Proprietário da Fazenda Britânia:

**A Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.**  
 com sede em PORTO ALEGRE, a Rua Siqueira de Campos 1248 - Edifício Brasília - 7º Pavim. Sala 3  
 com Filial em Toledo.

Para maiores informações dirigem-se ao AGENTE AUTORIZADO de IJUÍ, SANTO ÂNGELO e CRUZ ALTA - Sr. GUILHERME SCHMITT -Ajuricaba Na cidade de Ijuí com o Sub-Agente sr. OSWALDO SCHMITT - Motel Familiar Também o Sr. Júlio Kocourek, Fabricação de Alambique em IJUÍ, Avenida Cel. Dico, está apto a prestar toda e qualquer informação, sobre viagens, condições, etc.

Procure adquirir tua colônia na Fazenda Britânia, que hoje é o paraíso dos caçadores e amanhã uma flôr da Agricultura Brasileira.

14770

Extraído da capa do livro: Toledo e sua História.

SINA, Oscar. et. al. Toledo e sua História. Toledo:

Prefeitura Municipal, 1988. (Projeto História).

Obs: Esta cópia não é no estilo Xerox ampliado. Foi transcrita alguma alteração pode ter ocorrido devido não estar muito legível o texto.

Transcrito por: Mário Czerechowski

# ATENÇÃO SNRS. AGRICULTORES

Antes de efetuar suas compras de terras visitem:

## TOLEDO

ANEXO 7

NA FAZENDA BRITANIA - MUNICÍPIO DE FÓZ DO IGUASSÚ - ESTADO DO PARANÁ

Porque devo comprar terras em **TOLEDO**?

- 1.º — O maior desejo de cada Agricultor é: que seu filho deve ter uma vida melhor.
- 2.º — Por isso devem procurar comprar terras de cultura livre de morros, pedras, formigas e rica em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos. Todos estes desejos o senhor encontra reunidos em TOLEDO na Fazenda Britania no Estado do Paraná.
- 3.º — O título da Fazenda Britania têm mais de 45 anos, oferecendo por tanto todas as garantias de uma terra legal e que proporciona ao comprador escritura imediata.
- 4.º — Porque TOLEDO hoje têm: Paróquia, Colégio de Freiras com 290 alunos, Médico, Hospital, Farmácia, Grandes casas comerciais, Hotéis, Luz e Força elétrica, Carpintaria e Marcenaria, Matadouro, uma grande olaria, Frigorífico, Padaria, Alfaiataria, Sapataria, Diversos Bares, e Churrascarias, uma grande oficina mecânica, a serviço de qualquer espécie de veículo, Moinhos para trigo e milho, Serrarias para pinho e madeiras de lei, firma organizada para um grande Moinho a cilindro para trigo.
- 5.º — Existem as seguintes madeiras: Cedro, Louro, Cangerana, Cabriuva, Guatambú, Angico, Maria Mole, Corticeiras, Ortigões e outras mais todas sintomáticas de terras férteis. Ha nos matos: Crescialmal, Laranja, Palmitos e Taquaruçu.
- 6.º — A exportação de todos os produtos coloniais são feitos diretamente para a praça de S. Paulo, grande consumidor com fretes convenientes revertendo em beneficio exclusivamente dos agricultores.
- 7.º — A Fazenda Britania proporciona aos seus agricultores uma grande via de comunicação que é o Rio Paraná, tanto para o Norte de S. Paulo como para a Argentina, todo ele navegável.
- 8.º — **Atenção agricultores muita atenção! TOLEDO tem uma grande área dedicada ao plantio de café. É um negócio que a Companhia de Colonização está oferecendo a todos os interessados ao preço de Cr\$ 30.000,00 a colônia de dez alqueires.**
- 9.º — Os preços das terras são os seguintes: de Cr\$ 20.000,00 até Cr\$ 30.000,00 a colônia de 10 alqueires. Condições de venda: 1/3 a vista, 1/3 a 6 meses e 1/3 a 12 meses, gosando o comprador para pagamento a vista um desconto de 10% ao ano pelo tempo que faltar das prestações.

Proprietária da Fazenda Britania:

**INDUSTRIAL MADEIREIRA COLONIZADORA RIO PARANÁ S. A.**

COM SÉDE EM PORTO ALEGRE, A RUA VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA, 333 E FILIAL EM TOLEDO

11.325 CCLONIAS

Colonização começada há 3 anos e em franco progresso. Bom emprego de Capital

Agentes: Aurelio Tissiani e Natal Zibetti - Sarandi, 1.º distrito

Dispondo de Caminhonete especial para viagem direta e comoda do comprador

Sub-Agente: \_\_\_\_\_

